

SIREN
Publishing

Leah Brooke

Everlasting Classic

BURNING
Desire

writing as

Lana Dare

Desire, Oklahoma 4
The Founding Fathers



AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

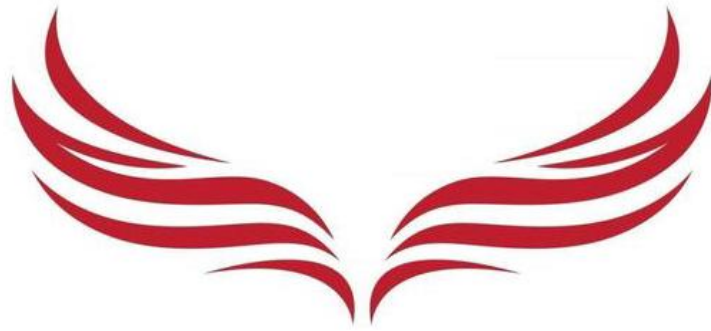
Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTA OBRA.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Alana

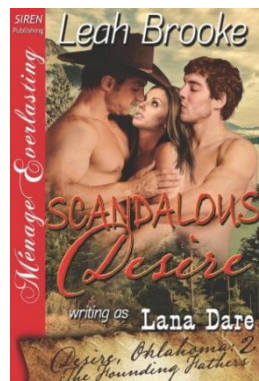
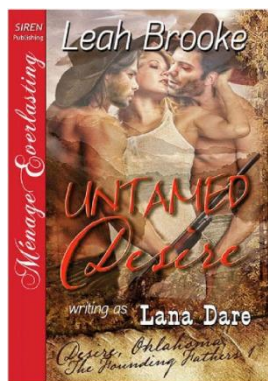
Ruby

Jewell Designs

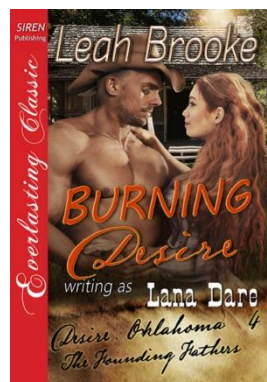
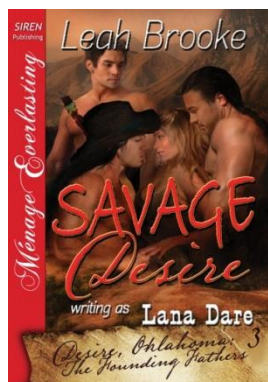
Abril 2023

Desire, Oklahoma

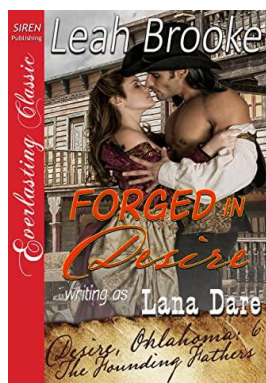
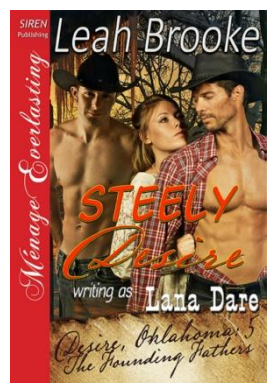
The Founding Fathers



Distribuídos



LANÇAMENTO



Brevemente

Burning Desire

Livro 4

Leah Brooke

Sinopse

Com sua casa totalmente queimada e sua família morta, Esmerelda Johnson dirigiu-se ao rancho Circle T para encontrar segurança.

Depois de cavalgar o dia todo e a noite, ela se viu apanhada em uma tempestade que assustou seu cavalo, fazendo-a atirar e arrastá-la com ele pelo terreno acidentado.

Os homens que ela tinha visto à distância apareceram, um deles pulando da própria sela e usando nada além de força bruta, ele forçou Lucky a parar.

Duke Faulkner a abraçou e cavalgou de volta ao rancho para cuidar de seus ferimentos.

Achando impossível deixar alguém cuidar dela, ele a reivindicou como sua.

Lutando contra a culpa por não ser capaz de salvar sua primeira esposa, ele achou a força e a bravura de Esmerelda irresistíveis.

Abalado pela ameaça do homem que matou sua família, Duke jura protegê-la, custe o que custar.

Capítulo Um

Esmerelda Johnson olhou para a casa ainda fumegante com uma sensação de descrença, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto causadas por uma combinação de dor indescritível, medo e fumaça.

Tudo se foi.

Ela correu para casa vindo da campina, assim que sentiu o cheiro de fumaça para avisar seus pais de um incêndio próximo, seu coração na garganta quando percebeu que o cheiro da fumaça ficou mais forte.

Quando percebeu que a fumaça vinha de sua casa, ela correu o mais rápido que pôde, chamando por eles.

Seus gritos ficaram sem resposta.

A mãe, o pai e o irmão mais novo morreram no incêndio, todos amontoados perto da porta, os corpos ainda fumegantes.

Ela teve que derramar água sobre eles para tocá-los, mas simplesmente não podia deixá-los assim.

Levou a maior parte da manhã para enterrá-los.

Suas lágrimas haviam secado horas antes, mas olhando para trás, para a casa, seus olhos queimaram novamente.

Ela não tinha nada, exceto o cavalo de seu pai, chamado Lucky, que estava no pequeno estábulo quando o incêndio começou.

O pai dela uma vez disse a eles que se alguma coisa acontecesse com ele, queria que eles chegassem ao Circle T.

Ele conhecia alguns dos homens do maior rancho de Oklahoma e obviamente os respeitava e confiava.

Ela respirou fundo, sufocando novamente com a fumaça persistente.

Ela precisava de abrigo e proteção.

Os rifles de seu pai e sua pistola queimaram no fogo, deixando-a sem uma arma para se defender.

Pelo que ouviu de seu pai, demoraria mais de um dia para chegar ao Circle T, que, de acordo com ele, cobria uma grande quantidade de terras.

Ela só esperava que pudesse encontrá-lo e, uma vez que o fizesse, que encontrasse alguém que pertencia lá e a ajudasse.

As flores que ela juntou foram espalhadas no chão onde as deixou cair, e depois de juntá-las novamente, colocou-as no monte de terra que cavou para sua família.

— Eu te amo, mamãe. Papa. Freddie. — Um soluço escapou e depois outro, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Papai, estou indo para Circle T, como você me disse.

Enxugando os olhos na manga da blusa, ela se virou, não ousando perder mais um minuto.

Ela tinha que se mexer.

Cada minuto que ela hesitasse poderia ser mortal em um lugar tão selvagem e indomado, algo que sempre esteve ciente, mas nunca sentira tão fortemente até agora.

Exceto por Lucky, estava sozinha pela primeira vez em sua vida.

Ela foi para o estábulo, alimentando e dando água a Lucky antes de reunir toda a ração de que precisaria para ele em sua jornada.

Levantar a sela provou ser mais difícil depois de passar a manhã cavando sepulturas sob o sol quente, mas depois de várias tentativas, finalmente conseguiu.

Tentando não pensar em quanto tempo fazia desde que comeu pela última vez, ela engoliu o máximo de água que pôde e encheu os três cantis de seu pai.

Esperando que encontrassem água para os dois, ajustou os alforjes cheios de ração e prendeu os cantis no chifre da sela. Passando a mão pelo pescoço de Lucky, ela respirou fundo.

— Parece que agora somos só nós, Lucky.

Pegando o lenço que amarrou no pescoço naquela manhã, enxaguou o máximo de sujeira que pôde com a água que retirou do poço e encharcou-o completamente antes de amarrá-lo no pescoço novamente em um esforço para se manter fresca.

Ela colocou o chapéu na cabeça, na esperança de manter o sol quente longe de seu rosto, e montou em Lucky.

— Vamos sair daqui.

Olhou para a estrada em direção a Okmulgee, sabendo que poderia alcançá-la ao anoitecer.

Mas seu pai tinha sido inflexível em sua exigência.

Indo para o Circle T, a terra de Tyler, era a última coisa que ela poderia fazer por ele, e ela faria isso.

Olhou para os montes de terra onde enterrou sua família, permitindo que as lágrimas caíssem enquanto lutava para manter a calma.

— Nós podemos fazer isso, Lucky. Iremos ao Circle T e encontraremos um emprego. Papai disse que é um grande rancho, tenho certeza de que podemos ser úteis para alguma coisa.

Ela aprendeu a cozinhar, limpar e costurar com sua mãe - habilidades que ela esperava que a tornassem útil o suficiente para contratar.

Seu pai a ensinou a atirar e a caçar, algo que tinha sido útil quando seu pai estava com dor e não conseguia sair da cama.

Depois de ser derrubado do cavalo três anos antes, ele sentia dores que dificultavam seus movimentos.

Ele passou os últimos dias na cama, o quadril doendo depois de cavalgar até Okmulgee na semana anterior, e finalmente saiu da cama naquela manhã e pediu-lhe que corresse para a campina para colher algumas flores silvestres para sua mãe.

Elas seriam um presente de aniversário de seu pai.

Quando ela partiu para o norte, o sol batia forte no céu, o ar era tão denso que tornava difícil respirar.

Ela manteve Lucky em um ritmo vagaroso em deferência ao calor, sem saber quanto tempo levaria até que encontrassem água - se é que a encontrariam.

Quando o sol começou a se pôr, suas roupas estavam úmidas de suor, deixando-a ainda mais desconfortável.

Tonta de fome e calor, ela bebeu um gole de água morna de seu cantil de pele de veado, pela primeira vez notando que o céu havia começado a escurecer.

Grata quando o vento aumentou e ficou mais frio, Esmerelda empurrou Lucky mais longe, a ameaça de uma tempestade inconfundível.

O céu tinha ficado ainda mais escuro quando ela encontrou um pequeno riacho, e Lucky foi direto para ele.

Ela deu a ele sua liderança, esperando até que ele parasse antes de deslizar da sela, gritando quando suas pernas cederam e ela caiu no chão.

Suas pernas doíam, tremendo tanto que ela temeu não ser capaz de ficar de pé novamente, a parte interna das coxas em chamas.

Lutando contra as lágrimas, ela engoliu em seco, segurando a sela enquanto lutava para ficar de pé novamente.

Fechando os olhos contra a picada de mais lágrimas, ela se segurou na sela e travou os joelhos em uma tentativa desesperada de ficar de pé. — Oh, sorte!

Pressionando o rosto contra a sela, ela engoliu outro soluço, fraca demais para chorar mais.

Ela só queria cair no chão, se enrolar em uma bola e chorar. Ela estava tão cansada. Tão faminta.

E tudo doía.

Pensando em sua família, ela balançou a cabeça e se endireitou, gemendo com a dor nas pernas doloridas.

A parte interna das coxas dela queimava, sentindo-se irritada e dolorida, e a água fria acenava.

Depois de pegar uma bebida para si mesma, ela encheu os cantis, fazendo a lenta jornada de volta a Lucky para prendê-los no chifre da sela.

Seus músculos gritavam a cada passo, enquanto a carne macia de suas coxas parecia em carne viva por tantas horas esfregando-se contra a sela.

Voltando lentamente para o riacho, ela se agachou ao lado dele, levantando a saia para espirrar a água fria na parte interna das coxas.

Ela olhou para baixo, horrorizada ao ver que elas tinham bolhas, e algumas das bolhas tinham se aberto, a dor de cada passo incrível.

Ofegando com o choque da água fria contra elas, ela encheu a mão uma e outra vez, espirrando na parte interna das coxas até que a água fria finalmente aliviou um pouco da picada.

Ela se levantou novamente e se virou, temendo pegar Lucky.

O céu escuro e a tempestade iminente não podiam ser ignorados, no entanto. Depois de alimentar Lucky com um dos alforjes, ela forçou seus músculos feridos para obedecer e subiu de volta na sela, um gemido escapou quando a parte interna das coxas fez contato com o couro.

Recuando, ela colocou o material de sua saia entre elas na esperança de aliviar um pouco o atrito.

Assim que Lucky bebeu um pouco mais, eles começaram novamente.

As nuvens da tempestade bloqueariam as estrelas e ela temia se perder.

Lucky se moveu mais rápido, parecendo energizado depois de mais comida, água e um breve descanso.

Eles viajaram durante a noite, o vento ficando mais forte - um aviso de que a tempestade se aproximava.

A escuridão completa em torno dela a forçou a ir devagar, sabendo que mesmo que a maioria dos animais estivessem se escondendo em antecipação à tempestade, haveria outros perigos que ela teria que cuidar.

Os buracos podem estar em qualquer lugar, e ela podia se ver caminhando para um penhasco sem aviso.

O medo a fazia continuar, mas ela não conseguia se lembrar de ter estado tão cansada. Tão dolorida.

Tão faminta.

Sua família se foi e ela estava sozinha no mundo, sem ninguém com quem contar além dela mesma.

Ela tinha que continuar.

Ela teve sorte até agora, mas não foi até os primeiros raios do amanhecer lutarem para penetrar as nuvens escuras que ela deu um suspiro de alívio por não ver nada, exceto pastagens verdes.

Quando viu vacas à distância, ela começou a soluçar de alívio. Ela tinha que estar perto.

Como se a tempestade tivesse durado o tempo que ela precisava, o céu pareceu se abrir, encharcando-a em segundos.

Segurando as rédeas com mais força, ela cutucou Lucky para ir mais rápido, na esperança de conseguir algo para os dois comerem, junto com um abrigo.

Tudo aconteceu tão rápido.

Correndo junto, ela viu cowboys à distância. Estranhos nunca pareceram tão bem.

Acenando com o chapéu, ela gritou para que a vissem, não querendo surpreender ninguém e atirarem nela.

Temendo que a chuva e o vento abafassem sua voz, ela fez isso de novo e de novo, esperando por um sinal de que um deles a tivesse visto.

Ela contou quatro homens e, ao se aproximar, viu que eles trabalhavam para libertar uma das vacas e que ainda mais homens estavam presentes.

Assim que eles a libertaram, um raio iluminou o céu, assustando Lucky para que se erguesse e a jogasse da sela molhada para o chão.

Ela bateu com tanta força que perdeu o fôlego, a dor subindo de seu tornozelo, ao mesmo tempo em que percebeu que seu pé direito ainda estava preso no estribo.

Antes que ela pudesse se sentar, o estalo do trovão assustou Lucky e ele saiu correndo, arrastando-a com ele.

Em pânico, ela lutou para respirar enquanto lutava para se libertar, a dor insuportável.

Ele correu pelo campo, arrastando-a com ele, seus gritos de dor e horror sendo abafados pelo vento, chuva e trovões.

Tudo o que ela podia fazer era orar.

Capítulo Dois

O oleado que ele usava e seu chapéu não ajudaram em nada para manter Duke Faulkner seco. Os céus se abriram e ameaçaram por horas, encharcando-o e aos outros em segundos.

Ele tinha acabado de dar as ordens aos novos cozinheiros quando chegou a notícia de que algum gado tinha ficado preso em um ralo.

Adam Marshall, Conal Jones e ambos Eb e Jeremiah Tyler, os proprietários do rancho, já estavam no estábulo quando ele entrou para pegar seu cavalo.

Minutos depois, todos eles partiram, sabendo que a tempestade iminente apenas tornaria sua tarefa ainda mais difícil.

Eles cavalgaram silenciosamente pela escuridão, correndo em direção a onde sabiam que os outros esperavam.

Palavras se provaram desnecessárias, e o vento e breves jorros de chuva que sinalizaram que a tempestade estava mais próxima tornariam a conversa impossível de qualquer maneira.

À medida que se aproximavam do buraco da pia, os céus se abriram, flashes de relâmpagos iluminando o céu.

Encharcados, eles correram para onde Hawke Royal e Will Prentice os esperavam, os dois homens trabalhando furiosamente para amarrar cordas em torno da novilha, que afundava mais cada vez que ela lutava.

Hawke falou com ela na língua de seu pai, seu tom calmante a acalmou o suficiente para eles colocarem as cordas ao redor dela.

Com cuidado para não chegar mais perto do que o necessário e resistir a alargar o sumidouro, cada um agarrou parte das cordas e começou a puxar.

A grama escorregadia e a luta em pânico da novilha tornavam a tarefa ainda mais difícil, mas não era nada que eles não tivessem feito antes.

Com a tempestade ao redor deles, a tarefa exigiu mais tempo e esforço do que o normal, mas nenhum deles desistiu.

Suas luvas os protegiam da corda, mas ela estava escorregadia de lama e chuva. Os músculos de seus braços queimaram, mas por fim eles conseguiram puxá-lo do buraco e colocá-lo em solo sólido.

Eb e Hawke puxaram as cordas e observaram a novilha se afastar com um aceno de cabeça.

Eb olhou de volta para o buraco.

— Assim que a tempestade passar, temos que colocar uma cerca ao redor disso.

Hawke inclinou a cabeça em direção ao outro gado parado sob as árvores.

— Ficarei aqui para evitar que caiam.

Conal Jones enxugou a testa com as costas da mão.

— Ficarei com você.

O vento pegou um som, e vendo movimento com o canto do olho, Duke virou a cabeça, deslizando uma de suas facas de uma bainha em sua cintura enquanto se virava.

Nesse momento, um relâmpago iluminou o céu, iluminando um cavalo empinado e saias voando enquanto a mulher na sela era jogada ao chão.

Duke saltou em seu cavalo e correu em sua direção, ciente de que Will, Eb e Jeremiah correram para segui-lo.

Ele foi direto para onde viu o cavalo lançá-la, presumindo que os outros trabalhariam para pegá-lo.

Seu horror transformou-se em terror quando viu pelo bater de saias e gritos de gelar o sangue que a mulher estava sendo arrastada.

Esporeando seu cavalo, ele correu em direção a ela, seus gritos o rasgando em pedaços.

Cronometrando sua desmontagem, Duke saltou de seu cavalo assim que o outro cavalo começou a se virar, pegando o freio e se segurando para salvar sua vida, sabendo que cada segundo que levava para parar o outro cavalo aumentava o risco para a pobre mulher presa no estribo.

A grama escorregadia tornava ainda mais difícil cavar seus calcanhares, mas depois de vários segundos de tirar o fôlego, ele conseguiu fazê-lo parar.

Eb desmontou e correu para o lado dele, os outros logo atrás dele.

— Jesus!

Confiante de que Eb controlaria o cavalo, Duke soltou o freio e se ajoelhou ao lado da mulher.

— Fique quieta.

Sua saia, rasgada em alguns lugares e coberta de lama, tinha subido até à cintura, revelando suas pernas e o lugar escuro entre elas.

Estremecendo com o pensamento de uma carne tão delicada sendo submetida a tal abuso, ele rasgou sua jaqueta de oleado, jogou-a sobre suas pernas expostas antes que os outros pudessem se aproximar, e agarrou sua bota.

Seu soluço rasgou por ele.

— Obrigada por pará-lo. Ai! Não! — Ela tentou se sentar, caindo para trás com um grito de dor. — Dói demais.

— OK, querida. Aguenta um pouco. — Soltando suavemente o pé dela do estribo, ele o colocou no chão, pegando-a quando ela se sentou novamente.

Ela se agarrou a ele, agarrando sua camisa pelos ombros, seu toque trazendo de volta memórias de outro momento em sua vida que fez seu coração doer.

— Obrigada. Eu estava com tanto medo de que você não me visse. Por favor, diga-me que cheguei ao Circle T.

Seus braços a envolveram por vontade própria, e ele começou a acariciar suas costas, parando abruptamente quando percebeu que não sabia o quanto ela havia se machucado.

— Você está no Circle T.

— Graças a Deus! — Sua falta de ar era esperada, mas o som de sua voz suave não deveria ter feito seu pênis doer. — Eu estava com medo de que atirasse em mim. Eu sabia que não deveria me aproximar furtivamente.

Duke percebeu que, acima do som da tempestade, ele a ouviu apenas porque se inclinou para perto.

— Não fale. Vou levar você de volta para o rancho. Apenas recupere o fôlego. Vamos cuidar para o seu pé ficar bom. — Ele a ajudou a se levantar, deixando sua saia cair enquanto agarrava seu oleado para envolvê-la.

Ele a pegou no colo, segurando-a contra o peito antes de erguer os olhos para encontrar os olhares de preocupação dos outros.

— Eu estou com ela.

Eb franziu a testa.

— Ela está bem?

— Machucou seu tornozelo. Deus sabe quanto dano foi feito quando foi arrastada. — Duke foi em direção ao seu cavalo, olhando para suas feições suaves, manchadas de lama. — Você se machucou em algum outro lugar?

Segurando-se a ele, ela balançou a cabeça.

— Só dolorida. Se você pudesse apenas me ajudar a voltar para Lucky, eu agradeceria.

— Lucky? — Olhando para cima, Duke gesticulou em direção ao seu cavalo. — Jeremiah está com ele. Você pode cavalgar comigo de volta para o rancho.

Não dando a ela a chance de se opor, ele se virou, ignorando os braços estendidos de Will para entregá-la a Eb.

— Entregue-a para mim.

Os lábios de Eb se contraíram enquanto Will erguia uma sobrancelha.

— Claro.

Duke não queria pensar em sua decisão automática de entregá-la a um homem casado em vez de Will, que a olhou com apreço.

Assim que Duke montou, ele estendeu a mão para ela, tirando-a de Eb e colocando-a em seu colo, colocando o oleado em volta dela.

Will sorriu.

— Tem medo de que ela veja que sou mais bonito?

Duke olhou para seu amigo, a verdade do comentário do outro homem o atingiu.

— Não. Só não estou disposto a entregá-la a alguém que possa deixá-la cair.

Will sorriu, obviamente sabendo tão bem quanto Duke que ela estaria tão segura nos braços de Will quanto estava nos dele.

— Sem chance. — Seu sorriso caiu. — Vá devagar. Não sabemos o quanto ela está ferida.

Duke se curvou sobre ela, tentando protegê-la da chuva forte, tanto quanto possível.

— Você está bem?! — ele teve que levantar a voz para ser ouvido em meio à tempestade e ouvir a resposta dela, mas ela apenas assentiu.

Começando, ele olhou para ela, prendendo a respiração quando viu que a chuva havia lavado a lama de seu rosto, revelando feições delicadas que pareciam muito pálidas.

— Tem certeza que não se machucou em nenhum outro lugar?

Os tênues raios de luz penetrando das nuvens permitiram que ele percebesse que ela corou com a pergunta.

— Estou bem.

Eb chegou mais perto.

— Como ela está?

Duke assentiu, sem tentar falar por causa do vento uivante. Segurando-a com segurança, ele cavalgou com ela em direção ao rancho.

Eles viajaram mais da metade do caminho para o rancho quando o granizo começou, e com uma maldição, Duke se curvou protetoramente, erguendo-a mais alto contra ele e apoiando o queixo no topo de sua cabeça.

— Estamos quase lá.

Erguendo a cabeça, ela ergueu a mão contra as pelotas de granizo.

— Muito obrigada por me resgatar.

Duke acenou com a cabeça uma vez, colocando a cabeça dela para trás sob o queixo em um esforço para protegê-la do granizo e do vento tanto quanto podia.

Seu tremor tinha piorado, mas eram seus crescentes suspiros suaves de dor que o preocupavam mais.

No momento em que a barraca de comida apareceu, o granizo havia parado, junto com a chuva, deixando apenas uma rajada de vento que separou as nuvens e permitiu ainda mais luz.

Ele cavalgou direto para a barraca por hábito, onde sabia que estaria quente e haveria comida, mas questionou sua decisão quando ouviu vozes e soube que vários homens haviam se reunido.

Will entregou as rédeas de seu cavalo para um dos ajudantes do estábulo enquanto Eb gritava uma série de ordens lidando com os cuidados de Lucky, junto com mais ordens lidando com a cerca ao redor do sumidouro, e Jeremiah conversava com outros sobre mover o gado.

Duke, no entanto, se concentrou na mulher em seus braços.

Will segurou a porta aberta para ele, olhando para ela com preocupação.

— Coloque-a perto do fogo para que eu possa vê-la.

Duke já havia partido naquela direção, a visão de uma mulher mancando em seus braços fazendo com que vários homens lutassem para abrir espaço.

Ignorando as perguntas que lhe eram feitas, Duke gentilmente a deitou na mesa mais próxima ao fogo, usando seu chapéu como travesseiro em sua cabeça.

Só então ele percebeu que a chuva havia lavado a maior parte da lama de seu cabelo e que o vento aparentemente havia secado partes dele o suficiente para permitir que a luz do fogo o fizesse brilhar com mechas vermelhas.

Empurrando as mãos de Will para longe, ele cuidadosamente a desembrulhou do oleado para revelar suas roupas molhadas e enlameadas, olhando para olhos verdes brilhantes e assustados.

— Você não precisa ter medo. Ninguém aqui vai te machucar. Qual o seu nome?

— Esmerelda. Esmerelda Johnson.

— Esmerelda? — Eb sorriu de forma tranquilizadora. — Papai se apaixonou por uma mulher chamada Esmerelda. Ela era cabeça quente e carinhosa. Vamos ver se combina com você.

Ela devolveu o sorriso, seu tom suave parecendo ter funcionado.

— Alguma relação com Ed Johnson?

Para o horror de Duke, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Sim. Eles estão mortos. Estão todos mortos.

Ele se moveu mais para baixo, envolvendo delicadamente a mão em torno da bota dela.

— O que aconteceu?

O estômago de Duke se contraiu mais e mais enquanto ela contava sua história, o pensamento dela enterrando seus pais e cavalgando durante a noite para chegar ao rancho que seu pai tinha falado, o fazia querer vomitar.

Ele tentou várias vezes remover a bota do pé machucado, mas parava cada vez que ela engasgava de dor.

— Oh, coitadinha. — Sarah Royal avançou e pegou a mão de Esmerelda, a outra mão protetoramente sobre seu abdômen e a criança que ela carregava. — Você já passou por muito. Eu sei que deve estar com medo de ver todos esses homens por aí, mas está segura. Eu garanto.

Seu sorriso tranquilizador e traços brilhantes devem ter dado a Esmerelda uma sensação de alívio, porque ela relaxou na mesa com um suspiro.

— Obrigada. — Esmerelda devolveu o sorriso e tentou se sentar, seus olhos se arregalando ao ver Blade Royal correndo para pairar protetoramente sobre sua esposa.

Envolvendo um braço em torno de Sarah, Blade a puxou para perto.

— Achei que iria encontrar você aqui.

Will recuperou um balde de água quente que Duke e os outros sempre mantinham em frente à lareira.

— Eu preciso limpá-la para ver se ela está gravemente ferida.

— Não! — Esmerelda sentou-se abruptamente, os olhos arregalados de horror enquanto olhava ao redor da cabana de comida

lotada. — Por favor. Agradeço tudo o que você fez, mas é apenas meu tornozelo.

Duke estava farto. Tirando a grande faca da bainha em sua cintura, ele agarrou o topo de sua bota.

— Não se mova.

Ele cortou o couro o melhor que pôde, sem arriscar cortá-la, puxando a faca para trás quando ela tentou se desvencilhar.

— Eu disse para ficar quieta.

Ela respirou fundo e engoliu em seco de forma audível.

— Essa faca.

Ele odiava que a mulher que ele segurou em seus braços por quase uma hora agora olhasse para ele com horror.

Ainda segurando seu pé calçado com a bota, Duke franziu a testa.

— O que tem ela?

— É enorme! Você pode acidentalmente cortar meu pé.

Will deu-lhe um sorriso tenso, levantou suavemente as mangas e usou o pano e água morna para limpar a lama de seus braços.

— Ninguém é tão bom com uma faca quanto Duke. Ele não corta nada *acidentalmente*. Apenas fique quieta.

Vendo a beleza através da lama e o medo por trás de sua aparente facilidade, Duke engoliu uma maldição.

— Eu não vou cortar você. Apenas fique quieta para que eu possa cortar isso, a menos que queira que eu arranque o resto no caminho.

Seu tom foi mais duro do que pretendia, e vendo como ela empalideceu ainda mais, ele imediatamente se arrependeu.

Desviando o olhar, ele se concentrou na tarefa em mãos e, com vários golpes cortou o resto da bota dela, jogando-a de lado.

Fazendo uma careta ao ver seu tornozelo inchado, ele gentilmente o abaixou sobre a mesa, seu estômago se apertando com o choro suave dela.

— Inferno.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Will.

— Precisamos ver se está quebrado ou não. — Duke sabia que o doutor Stanton tinha ido a Tulsa para obter suprimentos e que a tempestade atrasaria seu retorno.

— Láudano?

Will lançou um olhar significativo na direção de Duke, balançando a cabeça.

— Não sei sobre quaisquer outros ferimentos. Eu não quero o láudano cobrindo nada do que precisamos saber.

Ao ouvir a conversa, Esmerelda empalideceu ainda mais, e disse:

— Eu não tenho nenhum outro ferimento.

Duke não acreditou nela.

Ele não gostava da ideia de mover seu tornozelo e arriscar a dor, mas se ela o tivesse quebrado, Will teria que colocá-lo no lugar, o que causaria uma dor excruciante.

Esmerelda levantou-se com um salto e cobriu apressadamente o tornozelo com a bainha da saia enlameada.

— Vai ficar tudo bem. Só preciso descansar um pouco.

Duke envolveu sua panturrilha com a mão, tentando ignorar sua maciez.

— Vamos ver se ela consegue movê-lo.

— Eu não quero movê-lo. — Esmerelda tentou se afastar, mas Duke se manteve firme. — Solte-me.

O medo da dor que ele estaria lhe causando o encheu de uma sensação de impotência que acendeu seu temperamento.

— Olha, *Red*. Ou você pode movê-lo ou eu o farei. Se você puder movê-lo, sabemos que é uma torção e podemos envolvê-lo. Se não puder, está quebrado e Will terá que consertá-lo. Precisamos saber de uma forma ou de outra.

Esmerelda ergueu o queixo, tentando não chorar ao pensar neles segurando seu tornozelo.

— Meu nome é Esmerelda.

Apenas a ternura em seus olhos e a memória da maneira gentil como ele a abraçou lhe deram a coragem de desafiá-lo.

Ao vê-lo à luz, sem o paletó e o chapéu, ela se deu conta de que morria de medo dele.

A primeira coisa que ela notou sobre ele foi sua força. Ele pegou sozinho um cavalo a galope e o fez parar usando nada mais do que força bruta.

Mesmo enquanto assistia, ela não acreditou no que viu com seus próprios olhos e se preparou para ser pisoteada por ele ou para que ele caísse sobre ela.

Ele não fez nenhum dos dois - agarrou-se às rédeas de Lucky com uma determinação feroz de que venceria ou morreria tentando.

A cicatriz que descia ao lado de seu rosto deveria ter diminuído seus atraentes traços bonitos, mas, em vez disso, acrescentou uma sensação de perigo e masculinidade crua que ficou ainda mais nítida por sua cabeça raspada.

Os lábios dele se estreitaram e ele ajustou o aperto em seu tornozelo, as pequenas faíscas de consciência viajando por sua perna enervando-a.

— Eu sei qual é o seu nome. Agora, vai tentar mexer o pé ou eu vou ter que fazer isso?

Em pânico ao reconhecer a mesma determinação de conseguir o que queria, Esmerelda estendeu a mão.

— Não me toque! Eu vou fazer isso.

Ele acenou com a cabeça uma vez, parecendo aliviado.

— Então faça.

O homem ao seu lado sorriu encorajadoramente.

— Não há sentido em piorar as coisas. Duke e eu só precisamos ter certeza.

Duke. Combinava com ele.

Ele sorriu novamente.

— A propósito, meu nome é Will, e aquela linda senhora segurando você é Sarah.

Duke fez um barulho com a garganta que enviou um arrepio por sua espinha.

— Podemos fazer as apresentações mais tarde, Will. Está pronta, Red?

Will suspirou e sorriu para Esmerelda, balançando a cabeça.

— Os modos de Duke fora da cama são muito rudes, mas ele é um ótimo cozinheiro, então ninguém diz nada.

O olhar de Duke se estreitou quando ele lançou ao outro homem um olhar gelado.

— Nós deveríamos estar *ajudando-a* - não *cortejando-a*. — Ele voltou seu olhar para o dela novamente, a raiva confusa. — Vá em frente, Red.

Respirando fundo, e ciente do silêncio tenso e da atenção extasiada de todos reunidos, ela se virou para sorrir em agradecimento a Sarah, que estendeu a mão para pegar a sua, antes de se virar para olhar seu tornozelo inchado.

Apertando a mão da outra mulher, ela respirou fundo e desviou o olhar para se concentrar na forma como a mão grande e mais escura de Duke contrastava com sua perna pálida e lentamente movia seu tornozelo.

Flexionar o pé foi mais difícil do que ela pensava, provavelmente devido ao inchaço, mas ela o fez.

Engolindo um gemido de dor, ela suavemente abaixou-o novamente, levantando seu olhar novamente para encontrar o de Duke, sorrindo através da dor do alívio em seus olhos.

— Eu consegui.

Vários gritos de excitação vieram de todos à sua volta, e ela olhou para ver um mar de rostos sorridentes.

Duke apertou sua panturrilha e gentilmente abaixou o pé novamente.

— Então você conseguiu.

O sorriso de Will foi seguido por um suspiro.

— Eu posso cuidar disso, mas precisamos saber onde mais você está ferida.

Sem querer contar a eles sobre a carne crua na parte interna das coxas e os cortes e hematomas que sentia na bunda, Esmerelda balançou a cabeça, seu olhar indo para Sarah.

— Estou bem. Por favor. Só dolorida.

Sarah acenou com a cabeça e sorriu antes de erguer o olhar para o índio alto ao lado dela.

— Blade, precisamos levá-la para nossa casa. Posso ajudá-la a tomar banho e ela pode usar um dos meus vestidos. — Ela se virou para Duke e disse: — Eu posso verificar seus ferimentos. Por favor. Este é o lugar mais movimentado da fazenda. Os homens estão indo e vindo o dia todo. Você não pode envergonhá-la dessa maneira. Depois que ela tomar banho, você pode lhe dar um pouco de láudano.

Esmerelda ficou fascinada ao ver as feições duras do índio alto se suavizando com o olhar suplicante de Sarah, e disse:

— Por favor. Eu prometo que não vou forçar meu tornozelo ou me machucar.

Duke se endireitou.

— Não. Eu vou carregá-la. — Ele olhou para Blade como se o desafiasse a recusar.

Esmerelda estendeu a mão para Duke, satisfeita quando ele imediatamente se virou para ela.

— Obrigada.

Ela se virou para Sarah.

— E obrigada, Sarah. Ser despojada de minhas roupas em uma sala cheia de homens é mais do que eu posso suportar.

Duke sorriu e olhou para Will.

— Eu acho que está resolvido. Fique aqui enquanto preparamos seu banho, e eu irei buscá-la.

Capítulo Três

Depois que Duke carregou Esmerelda para a cabana Royal, Sarah enxotou-o e a Blade para fora, onde ele ficou na varanda da frente, esperando que Sarah ajudasse a despi-la.

Quando Sarah o chamou novamente, ele encontrou Esmerelda sentada em um banquinho ao lado da banheira, enrolada em um cobertor.

Sarah pairou, juntando sabonete e panos para lavar e secar Esmerelda.

— Basta colocá-la na banheira com o cobertor. Nós colocaremos o tornozelo para o lado de fora para dar banho nela quando estivermos sozinhas novamente.

Duke inclinou a cabeça e se aproximou de Esmerelda, alarmado por ela parecer ainda mais pálida, seu pé machucado parecendo ainda mais inchado.

— Pronta, Red?

Assentindo, ela desviou o olhar, segurando o cobertor firmemente ao redor dela enquanto ele a pegava e a colocava gentilmente na banheira.

Sarah imediatamente foi para o banquinho.

— Obrigada, Duke. Eu irei buscá-lo quando ela estiver pronta.

Com um último olhar para Esmerelda, Duke acenou com a cabeça e saiu para esperar na varanda da frente, onde voltou a andar.

A tempestade havia passado, deixando o ar ainda mais úmido do que antes. Sentado em uma das cadeiras de balanço, Blade se recostou imóvel, aparentemente incomodado com o calor.

— Sabe, já se espalhou pelo rancho a notícia de que você parou aquela potranca com as próprias mãos. Segurou, cravou os calcanhares e não largou.

Duke acenou com a mão, tentando não imaginar Esmerelda nua enquanto ouvia o som dela chorando de dor.

— Qualquer um teria feito isso.

Blade inclinou a cabeça, estreitando os olhos.

— Suponho que sim.

Duke continuou a andar.

— Ela enterrou seus pais. Ela realmente cavou seus túmulos. Já seria suficiente para ela ter que ir para casa e encontrá-los mortos. Mas, ainda teve que derramar água sobre eles, porque eles estavam tão queimados que ela nem conseguia tocá-los. Você viu as mãos dela?

Suas mãos tinham queimaduras em alguns lugares e cortes e arranhões em outros.

Ela cavalgou sozinha por quilômetros em campo aberto durante todo o dia e a noite.

— Quando penso no que poderia ter lhe acontecido...
cavalcando sozinha... ela deve estar exausta.

Blade inclinou a cabeça.

— Assim que ela se estabelecer, ela se apagará como uma luz. O láudano deve ajudar.

Duke já havia pensado nisso e no fato de que ela ficaria ferida, indefesa e sozinha.

— Ela não pode ficar na casa das mulheres sozinha. — Ele girou quando a porta se abriu e Sarah colocou a cabeça para fora, correndo em sua direção. — O que há de errado? Ela está machucada?

Sarah sorriu e estendeu a mão, olhando para Blade, que graciosamente se levantou.

— Não é nada disso. Esmerelda acabou de me dizer que não come desde anteontem. Achei que você gostaria de preparar um prato para ela enquanto termino de ajudá-la no banho.

Duke se sentia um péssimo.

— Eu nem lhe perguntei. Vou buscar alguma coisa. — Quando ela fechou a porta, Blade caiu de volta em seu assento.

— Você a resgatou daquele cavalo maldito e está cuidando de seus ferimentos. Tenho certeza de que teria se assegurado de que ela comesse algo antes de ir para a cama. Vá buscar a comida dela. Vou ficar de guarda.

* * *

Esmerelda sorriu, virando a cabeça em direção a sua nova amiga.

— Comer enquanto estou mergulhada em um banho quente, sabonete perfumado e penteando o cabelo deve ser a coisa mais gostosa que já fiz.

Sarah deu um tapinha em seu ombro e colocou o pente de lado.

— Depois de toda má sorte que você teve, eu diria que você precisa de um pouco de mimo. Já terminou?

Assentindo, Esmerelda entregou o prato a Sarah.

— Muito obrigada. Isso estava delicioso.

Pegando o prato, Sarah se virou e o colocou na mesa antes de se virar e se jogar em uma das cadeiras.

— Eu tenho que contar a eles sobre seus ferimentos. Você sabe tão bem quanto eu aqui que qualquer coisa pode se infectar.

Sarah sorriu encorajadoramente e soltou um suspiro.

— Recebi um tiro vários meses atrás e peguei uma infecção. Assustou todo mundo.

— Oh meu Deus! — Esmerelda ficou boquiaberta. — Você está bem? — Ela olhou diretamente para o abdômen inchado de Sarah.

Cobrindo a barriga, Sarah sorriu.

— Estou bem agora. Eu não estava esperando quando isso aconteceu.

Ela se lembrou de como o índio alto pairava sobre Sarah.

— Aposto que Blade estava frenético.

O sorriso de Sarah falava de seu amor pelo marido.

— Ele estava. Blade, Hawke e Phoenix se revezaram sentando ao meu lado. Me dando banho. Dando-me láudano. Colocando panos frios em mim até a febre passar. Eles ainda agem como se eu fosse feita de vidro.

Esmerelda piscou, perguntando-se se havia perdido alguma coisa.

— Hawke e Phoenix são parentes de Blade? Amigos?

Sarah sorriu.

— Hawke, Blade e Phoenix são irmãos, e todos os três são meus maridos.

Sentando-se, Esmerelda engoliu em seco.

— Você está bem? Eles forçaram você?!

— Claro que não. — Sarah se levantou novamente, ajoelhando-se ao lado da banheira.

— Os homens por aqui são muito protetores com as mulheres. Eles fariam qualquer coisa para mantê-las seguras. Não há muitas mulheres por perto, e alguns dos homens compartilham suas mulheres. Eb e Jeremiah Tyler são casados com Maggie. Wyatt e Hayes são casados com Savannah. — Ela ajudou Esmerelda a se cobrir com o cobertor molhado novamente e sorriu. — Cada uma delas tem dois maridos. Eu tenho três.

Esmerelda engoliu em seco.

— Vocês são as únicas três mulheres aqui?

— Somos. — Segurando-se na borda da banheira, Sarah se levantou novamente. — Acho que vários querem uma noiva, embora não admitam, e Eb e Jeremiah acham que os homens serão mais felizes e mais acomodados se tiverem mulheres em suas vidas. Eles têm mandado correspondências para possíveis noivas, mas nenhuma apareceu ainda. Eles sabem que ninguém o fará se não se certificarem de que as mulheres estão protegidas. Todos parecem sentir necessidade de se preocupar, algo que tenho certeza de que você aprenderá. Duke parece realmente protetor com você.

— Ele me assusta.

Sarah franziu a testa, sua expressão ficando fria.

— Você não o está julgando pela cicatriz, está?

Horrorizada, Esmerelda abanou a cabeça apressadamente.

— Querido Deus, não! Ele é tão grande. Lucky se assustou e estava me arrastando, e Duke o parou com nada mais do que força bruta. Simplesmente saltou do cavalo, agarrou-se ao freio e segurou-se. Nunca vi nada parecido em minha vida.

Ela colocou os braços em volta de si mesma, ainda se lembrando da maneira como ele a segurou em seus braços e a protegeu da chuva.

Ela sabia, porém, que ele poderia facilmente usar essa força contra si.

— Você viu como as mãos dele são grandes? Nunca vi um homem tão grande antes. — Ela baixou os olhos, com medo de revelar muito. — Tenho certeza que com sua aparência, ele tem dezenas de mulheres.

Sarah suspirou.

— Ele foi casado antes. Ele ficou com aquela cicatriz quando sua esposa foi feita refém durante um assalto a um banco. Ele tentou salvá-la e conseguiu aquele corte por seu esforço. Eles a mataram de qualquer maneira, e acho que ele sempre se sentiu culpado por isso. — Enxugando as mãos, Sarah encolheu os ombros. — Depois disso, ele aprendeu a usar a faca. Pelo que ouvi, ele é o melhor com uma faca e sempre tem cerca de uma dúzia delas.

O rosto de Esmerelda queimou.

— Eu sei que você vai pensar que estou sendo boba, mas ele tem uma expressão em seus olhos que faz meu estômago revirar. Então minhas mãos ficam duras e frias, e isso envia um arrepio na minha espinha.

Para seu alívio, Sarah sorriu.

— Sim, meus maridos me fazem sentir da mesma maneira. Quando eles me olham assim - bem, eu simplesmente derreto. Quando faço algo que eles não aprovam, também ficam com aquele olhar frio. Você tem razão. Ele é como um frio na espinha. Acho que todos os homens por aqui aperfeiçoaram esse visual, mas também protegem as mulheres daqui. Você não precisa ter medo de Duke ou de qualquer outro homem no Circle T.

Esmerelda traçou um padrão no cobertor molhado.

— E ele nunca mais quis se casar?

Sarah sorriu e encolheu os ombros.

— Eu não acho que algum deles queira se casar... Até que alguma mulher os faça mudar de ideia. Vou pedir a Duke para tirar você da banheira. Eu tenho que lhes contar sobre os seus ferimentos. Eu sei que é constrangedor. Mas, se pegar uma infecção porque mantivemos segredo, eu nunca me perdoaria. Não se mexa. Só vou demorar um minuto.

— Sarah?

Sarah se virou, erguendo uma sobrancelha.

— Sim?

— Meu pai me disse que os homens aqui eram bons, mas perigosos. Não sei o que vou fazer. Meu único plano era chegar a um lugar seguro. Agora preciso encontrar uma maneira de me sustentar. Estou segura aqui enquanto descobro?

Sarah sorriu.

— Você está segura aqui. Basta fazer o que os homens lhe dizem para fazer e você estará mais segura do que nunca em sua vida.

* * *

Duke continuou a andar, ficando mais inquieto a cada minuto.

— Por que diabos está demorando tanto?

Blade esticou as pernas, o primeiro movimento que fez em minutos.

— Se há uma coisa que aprendi desde que tomei uma esposa, é que tentar tomar banho apressado é só pedir encrenca. — Ele sorriu fracamente. — Ela está comendo, e provavelmente estão conversando. A água esfria eventualmente.

Quando a porta se abriu, Duke girou novamente e correu em direção a ela, tentando ver ao redor da pequena forma de Sarah.

— Ela está bem?

Sarah corou e saiu, fechando a porta atrás dela e se aproximando de Blade para pegar sua mão estendida.

— Ela não quer que eu lhe diga, mas eu disse a ela que tinha que contar. — Ela enviou um olhar significativo para Blade. — Eu sei como as infecções podem ser ruins.

Os nós no estômago de Duke se apertaram dolorosamente.

— O que há de errado com ela?

Sarah sorriu, balançando a cabeça.

— Isso não é sério. É muito constrangedor para ela. Seu... uh... bumbum e costas estão machucados e cortados. Principalmente arranhões, mas há um corte de bom tamanho nas costas. Achamos que ela deve ter batido em uma pedra ou algo assim.

Duke estremeceu.

— Tudo bem. Eu posso cuidar disso. Vou mantê-los sob controle.

Ele passou por uma lista de verificação mental do que precisaria e que teria que vigiá-la atentamente para qualquer sinal de febre.

Aliviado por não ser nada sério, ele sorriu, balançando a cabeça.

— Vocês, mulheres, ficam envergonhadas com as coisas mais pequenas.

Sarah enrijeceu.

— Não é pouco, e isso não é o pior. Vocês, homens, não entendem o quão vulnerável uma mulher se sente quando está sozinha. Tudo pode acontecer e não há nada que ela possa fazer a respeito. Esmerelda está sozinha agora e contando com a caridade de estranhos para proteção e cada pedaço de comida que entra em sua boca.

Blade se levantou, envolvendo seu braço ao redor dela.

— Acalme-se, querida. Duke está apenas aliviado por ela não estar mais ferida.

Sarah encolheu os ombros e se aproximou de Duke, cutucando-o no peito com a ponta do dedo.

— Ela está apavorada, sozinha e triste. Perdeu os pais e o irmão mais novo.

— Eu sei.

— Ela mesma teve que enterrá-los porque não conseguia suportar a ideia de animais pegando o que restava deles.

— Jesus. — Duke engoliu em seco.

— Ela teve que cavalgar a noite toda, morrendo de medo a cada quilômetro.

Soltando um suspiro, Duke acenou com a cabeça novamente.

— Tenho certeza disso, mas ela está segura agora. Por favor, me diga o que mais há de errado com ela.

Sarah olhou de volta para Blade, seu rosto corado.

— Ela não está acostumada a cavalgar e cavalgou dia e noite. Ela está... dolorida.

Duke entendeu imediatamente.

— Os músculos de suas coxas e... — Um olhar afiado de Blade o fez reformular o que estava prestes a dizer. — Seu traseiro está dolorido também. Talvez uma viagem à nascente a fizesse se sentir melhor.

A fonte termal da propriedade era ideal para aliviar dores e sofrimentos. O rosto de Sarah ficou ainda mais vermelho e ela se aproximou de Blade, inclinando-se para ele quando ele colocou um braço em volta dela.

— Esmerelda está assada por causa da sela. Você sabe onde. A maioria das bolhas estourou, e ela está em carne viva.

Evitando o olhar de Duke, ela olhou para Blade.

— Eu ia colocar um pouco de pomada nela e envolver suas coxas. Isso pode ajudar?

Blade sorriu e passou a mão por sua trança, colocando a outra protetoramente sobre seu abdômen.

— Isso soa bem, Sarah. Tenho certeza que doeria se ela andasse, mas com aquele tornozelo, ela não vai andar muito de qualquer maneira. Ela está pronta?

Sarah acenou com a cabeça.

— Precisa ser tirada da banheira e colocada na cadeira para que eu possa secá-la e vesti-la. Eu tenho uma saia e uma blusa que ela pode usar.

— Ela sorriu para Blade de uma forma que fez Duke se sentir um intruso. — Vou lhe dar um par de meus mocassins para calçar. Já que você não me deixa fazer nada, tenho certeza que ficará feliz se eu sentar em uma cadeira fazendo outro par.

Blade sorriu e a virou em direção à porta.

— Isso me cai muito bem.

Duke os seguiu, seu pênis ficando totalmente atento ao ver Esmerelda sentada na banheira.

Suas feições estavam coradas por causa da água quente, tornando seus olhos verdes ainda mais brilhantes.

Seus ombros nus brilhavam na luz que vinha da pequena janela aberta atrás dela, a forte luz do sol fazendo seu cabelo ruivo brilhar.

Ele só a tinha visto molhada e suja, mas enquanto a secava, ele podia ver que estava mais clara e vermelha do que ele pensava ser possível.

Com o olhar questionador dela, ele percebeu que estava olhando. Ignorando o olhar divertido de Blade, Duke avançou.

Engolindo novamente, ele se curvou sobre a banheira e deslizou as mãos sob ela, dolorosamente ciente de que apenas um cobertor encharcado separava suas mãos de sua pele nua.

— Pronto, Red?

Assentindo, ela corou ainda mais, pressionando as mãos no peito para segurar o cobertor no lugar.

— Sim. Obrigada.

— De nada. — Endireitando-se, ele se virou e a levou para a cadeira indicada por Sarah. — Você continua com fome?

Ela corou novamente, olhando para Hawke e Sarah.

— Acabei de comer muito e me sentia cheia há alguns minutos, mas estou ficando com fome de novo.

Sarah riu e levou a mão ao estômago.

— Eu também, mas pareço ser assim o tempo todo. Depois que se vestir, podemos ir para a cabana de comida e comer juntas.

Duke a colocou delicadamente na cadeira e se endireitou.

— Você precisa comer, especialmente se não comeu o dia todo ontem.

Blade sorriu, algo que raramente fazia até conhecer Sarah, e ergueu seu queixo, olhando em seus olhos.

— E você está comendo por dois.

Duke olhou para Esmerelda, imaginando-a grávida de seu filho.

— Você precisa se secar para que eu possa envolver seu tornozelo novamente. Estarei esperando lá fora.

— Molhei você todo!

Duke esperava que o frio abafasse o fogo que ardia dentro dele.

— Vai secar. — Ele se virou, irritado consigo mesmo por falar tão asperamente. Ele saiu correndo pela porta, mas não conseguiu escapar de sua fome por ela.

* * *

Eb Tyler tomou um gole de café e ouviu o relato de Will sobre os ferimentos de Esmerelda, com o estômago apertado ao pensar no que a jovem passara.

— Foi pura sorte estarmos lá. Ela poderia ter apenas cavalgado, e ela e seu cavalo poderiam ter sido sugados para o ralo e nós nunca saberíamos sobre isso.

Phoenix olhou para ele, observando impacientemente a porta.

— Ouvi dizer que a levaram para nossa casa para que Sarah pudesse ajudá-la a se limpar. Onde ela vai ficar?

Will sorriu lentamente.

— Você deveria ter visto Duke, Chefe. Nunca o vi olhar para uma mulher assim. Está com ela agora. Ele é realmente protetor com as mulheres, mas quase pairou sobre esta.

Eb acenou com a cabeça, não parecendo particularmente surpreso.

— Ele foi muito protetor com ela quando a trouxemos. Estou feliz que ele finalmente está percebendo o que está ao seu redor.

Will sorriu.

— Ele precisa de uma mulher. Está ficando muito mau e rabugento. Talvez Esmerelda seja exatamente o que ele precisa.

Os olhos de Eb se estreitaram em Will.

— Veremos. Ela é minha responsabilidade enquanto estiver aqui e está sob minha proteção.

Will olhou para a porta, seu sorriso desaparecendo.

— Eu gostaria de ver você dizer isso a Duke.

Eb ergueu uma sobrancelha.

— Eu vou.

— Então é melhor você se preparar, porque lá vêm eles.

* * *

Duke carregou Esmerelda para a cabana de comida, sem se importar que todos parassem para olhar.

Depois de secá-la e vesti-la, Sarah o chamou de volta e ele embrulhou seu tornozelo com a bandagem que tirou antes do banho.

Ele enfiou os pés delicados nos mocassins que Sarah lhe dera, satisfeito em ver que parte do inchaço em seu tornozelo havia diminuído, e os laços permitiam que ele os deixasse tão apertados ou frouxos quanto ele quisesse.

Ele agradeceu a Blade e considerou perguntar se Sarah poderia ajudar Esmerelda a fazer outro par.

Eb se levantou quando Duke se aproximou.

— Aqui. Sente-se aqui. Estou subindo para a casa. Não tenho visto muito minha esposa e meu filho hoje.

Phoenix se levantou e sorriu para Sarah, que caminhava com Blade atrás de Duke.

— Não tenho visto muito de minha esposa, também. Com fome, querida?

Sarah sorriu e deslizou para o banco ao lado dele.

— Sempre.

Eb sorriu.

— Eu me lembro daqueles dias. — Ele mudou sua atenção para Esmerelda. — Como está se sentindo?

Esmerelda corou.

— Estou bem. Apenas me sentindo boba por ter que ser carregada por aí. Obrigada por me permitir ficar aqui. Estou mais do que disposta a trabalhar pelo meu quarto e comida. Posso cozinhar, limpar e costurar. Posso até caçar assim que puder andar de novo.

Duke ficou imóvel.

— Do que está falando?

Esmerelda corou quando todos os olhos se voltaram para ela.

— Quando saí de casa, sabia que teria que encontrar uma maneira de me sustentar. Papai disse a todos nós que se qualquer coisa acontecesse com ele para vir aqui. Eu esperava encontrar algum tipo de emprego. Também sou muito boa em cuidar de um jardim, se vocês tiverem um.

— Nós temos um grande jardim e todos nós contribuímos.

Abaixando-a para o banco, Duke fez uma careta.

— Você não precisa se preocupar com nada, exceto em melhorar. Você não está em condições de trabalhar. — Ele olhou para Will, que se aproximou dela no banco oposto. — Cai fora, Will. Eu preciso colocar o pé dela no banco onde você está sentado. Ela precisa manter aquele tornozelo levantado.

Will sorriu e se aproximou e, para a fúria de Duke, curvou-se para levantar o pé dela e colocá-lo delicadamente em cima do oleado dobrado.

— Sente-se bem?

Esmerelda sorriu em agradecimento, corando adoravelmente.

— Obrigada. Todo mundo tem sido muito gentil.

Irritado por Will ter ignorado completamente seu olhar, Duke se virou para sorrir de volta para ela.

— Com você, é muito fácil de ser gentil. Fique aí e eu vou pegar um pouco de comida para você.

Blade sorriu com a forma como seu irmão se aninhou contra Sarah, com a mão em sua barriga.

— Vou pegar um pouco de comida para Sarah. Precisamos começar a pensar onde Esmerelda vai dormir esta noite. Temos espaço suficiente para ela dormir em nossa cabana.

— Não! — Duke enrijeceu. — Ela pode dormir na minha cabana.

Eb já havia começado a balançar a cabeça.

— Não sem uma acompanhante. — Batendo o punho na mesa, Duke cerrou a mandíbula.

— Droga, Eb. Isso é não é como se eu fosse atacá-la.

Eb inclinou a cabeça.

— Eu sei disso, mas não terei a reputação de nenhuma mulher arruinada em meu rancho. Jeremiah e eu somos responsáveis pela segurança dela.

Duke fez uma careta.

— Não quero prejudicar a reputação dela, mas ela não pode ficar sozinha na casa das mulheres. O médico ainda não voltou, e ela também não precisa ficar lá sozinha com ele.

Will sorriu.

— Ela pode ficar com você, Eb. Maggie está lá, e eu ficaria feliz em dormir em um quarto ao lado dela.

Duke lançou a Will outro olhar sujo, que Will ignorou novamente.

— Não. Posso dormir em um catre do lado de fora da porta dela.

Eb balançou a cabeça, parecendo esconder um sorriso.

— Ela precisa de uma cama, Duke, e Savannah e o bebê vão ficar conosco. — Ele lançou um olhar significativo para Esmerelda. — Wyatt e Hayes partiram logo depois que você voltou.

Duke lançou um olhar para Esmerelda, que parecia mais envergonhada do que nunca. Ele não queria dizer-lhe que os policiais tinham ido ao rancho dela para ver se eles poderiam saber algo sobre o incêndio.

— Ela está ficando comigo.

Eb balançou a cabeça novamente.

— Não está acontecendo. Ela é uma mulher solteira...

— Ela não está em condições de cavalgar até à cidade, e eu não posso esperar que o pregador chegue aqui! — As palavras vomitadas de Duke antes mesmo que ele soubesse que pretendia dizê-las.

O silêncio na cabana de comida normalmente barulhenta tornou-se ensurdecedor, todos olhando em sua direção.

Eb ficou quieto, seus olhos se estreitando.

— O que está dizendo, Duke?

Duke olhou para Esmerelda, a inquietação em seus olhos verdes afiando seus instintos protetores a um limite irregular. Endireitando-se em

toda sua altura, ele descansou as mãos nos quadris, de pé protetoramente sobre ela.

— Estou dizendo que estou reclamando-a.

Esmerelda franziu o cenho para ele.

— O que isso significa?

Duke segurou a mão dela, sorrindo em um esforço para tranquilizá-la enquanto seu coração batia quase fora do peito.

O significado de sua declaração não escapou dele, nem escapou dos outros, mas o que mais o surpreendeu foi que ele não se arrependia.

— Isso significa que eu quero que você me pertença. Serei responsável por você, e assim que pudermos chegar à cidade, ou conseguir um pregador aqui, pretendo me casar com você.

Esmerelda engasgou, sua mão livre voando para o peito.

— Duke!

Ciente da atenção de todos na cabana de comida, Duke ergueu o olhar para Eb.

— Isso é bom o bastante pra você?

Os lábios de Eb se contraíram.

— Só se ela aceitar sua reclamação. — Ele se curvou, apoiando as mãos na mesa e sustentando o olhar de Esmerelda. — Se você aceitar a reclamação, será como se você fosse casada. Duke será responsável por você, e como uma mulher no rancho, você estará sob a proteção de todos os homens aqui, mas principalmente da dele. Você estaria prometendo

deixar Duke cuidar de você e obedecê-lo. Todos faremos o que for preciso para protegê-la, mas se você desobedecer a Duke e se colocar em perigo, ele terá o direito de puni-la por isso.

— Me punir? — Ela olhou em volta, seu rosto quase tão vermelho quanto seu cabelo. — Meu pai costumava colocar a mamãe sobre os joelhos se ela desobedecesse. É disso que você está falando?

Eb se endireitou, seus olhos se estreitaram.

— É. Você aceita a reivindicação dele?

Esmerelda lançou olhares furtivos para Duke, mas não encontrou seu olhar.

— Tem certeza de que é isso que você quer?

Duke engoliu em seco e pensou na esposa que havia perdido e tentou imaginá-la, alarmado ao perceber que via apenas Esmerelda.

Esmerelda olhou para Sarah e respirou fundo, trêmula.

— Nesse caso, eu aceito. Obrigada.

Capítulo Quatro

Esmerelda comeu sua tigela de chili sem nem mesmo sentir o gosto, muito atenta com o homem sentado ao lado dela.

Debaixo da mesa, Sarah deu um tapinha em sua mão e se aproximou.

— Ele é um bom homem.

Esmerelda acenou com a cabeça, aceitando um pedaço quente de pão de milho, pingando manteiga, de Duke.

— Obrigada.

Ciente de que tinha atraído muita atenção, ela manteve o olhar desviado, o conhecimento de que tudo o que ela dissesse ou fizesse agora refletiria em Duke a mantendo quieta.

Ela tinha a sensação de que seu pai teria gostado de Duke, e sua mãe teria ficado feliz por ela ter encontrado um homem que poderia protegê-la e viveria em um lugar onde ela pudesse estar segura.

Pensar em seus pais aumentou sua sensação de solidão por se encontrar em um mundo cheio de estranhos.

Seu tornozelo começou a doer novamente e os músculos de suas costas, nádegas e coxas começaram a protestar contra sua posição.

Embora o sol estivesse alto no céu, ela estava pronta para dormir. Depois de passar uma noite sem dormir cavalgando, ela descobriu que mal conseguia manter os olhos abertos.

Movendo-se ligeiramente em sua cadeira, ela reprimiu um gemido quando seus músculos doloridos protestaram, mas ela deve ter se delatado porque Duke se moveu para se inclinar para mais perto.

— Se terminou de comer, nós iremos. Você e eu ficamos acordados a noite toda e tenho certeza que se sentirá melhor se deitar em algo macio em vez de sentar neste banco duro.

Mantendo a cabeça afastada, ela balançou a cabeça, enxugando a lágrima que havia escapado.

— Obrigada.

Erguendo o queixo, Duke olhou em seus olhos, suas feições duras.

— Por que você está chorando, Red?

Esmerelda encolheu os ombros.

— Só estou pensando na minha família.

Duke pareceu aliviado com isso, mas ela não conseguia imaginar o porquê. O brilho em seus olhos suavizou para um de preocupação.

— Eu sinto muito. Você teve um momento difícil. Vamos te levar para casa e você poderá descansar.

Phoenix sorriu para Sarah, que adormeceu encostada nele.

— Parece que Sarah também precisa dormir um pouco.

Will terminou seu café e inclinou a cabeça enquanto se levantava.

— As mulheres grávidas sempre fazem isso. Devo admitir que não sabia muito sobre elas até chegar ao Circle T, mas aprendi muito com o doutor Stanton. Achei melhor saber o máximo possível, já que sempre parece que temos uma futura mãe no rancho.

Ele tirou uma pequena garrafa do bolso de trás.

— Tome um bom gole disso, Esmerelda.

Esmerelda pegou a garrafa dele e olhou para Duke, que sorriu levemente e acenou com a cabeça.

— Vá em frente. É láudano. Vai aliviar a dor o suficiente para você dormir um pouco.

Esmerelda bebeu um gole, fazendo uma careta ao saborear.

— Eu não sei como meu pai bebia isso.

Will franziu a testa com isso.

— Seu pai tomou láudano?

— Todo o tempo para seu quadril. Foi por isso que eu precisei aprender a caçar. — Assentindo, Will colocou a garrafa de volta no bolso e olhou para Duke.

— Me avise se ela precisar de mais. — Virando-se, ele sorriu para uma Sarah adormecida. — Ela parece bem. Tem mais cor.

Phoenix se levantou com Sarah em seus braços.

— Eu só estou aliviado por ela não estar mais doente. Assustou demais todos nós.

Dois homens que ela ainda não tinha visto se aproximaram com pratos cheios de comida, olhando para Sarah e Esmerelda antes de sorrir levemente.

O primeiro largou o prato na mesa em frente à cadeira que Will acabara de desocupar.

— Lembro-me de uma época em que a conversa por aqui era sobre cavalos, gado e um bom uísque.

Ele olhou para Esmerelda.

— Eu sou Hart Sanderson, e este é meu irmão, Gideon. Sinto pela sua família.

Esmerelda forçou um sorriso, cada centímetro de seu corpo doendo.

— Obrigada. — Gideon pousou o prato e olhou para Duke, cruzando os braços sobre o seu peito.

— Aonde você vai com ela?

Duke sorriu, olhando para ela com olhos cheios de ternura.

— Para minha casa. Eu a reivindiquei. Nós vamos nos casar assim que pudermos. Nesse ínterim, ela precisa descansar.

Esmerelda manteve os braços na frente dela, tentando não se mexer em seu aperto.

— Lamento que você tenha que me carregar.

Ele caminhou através da cabana de comida para a porta, lembrando-a de como a carregou para dentro apenas algumas horas antes.

— Você não pesa nada. Minha cabana não fica longe. É logo aqui atrás.

Sentindo-se muito melhor do que quando chegou, ela se viu encostada nele enquanto ele a carregava para fora e contornava a cabana de comida.

— Você mora perto da cabana de comida?

— Eu sou o cozinheiro ou pelo menos era o que costumava ser.

— Você foi demitido? — Esmerelda agarrou sua camisa pela frente, cheia de culpa. — Foi por minha causa, não foi?

Duke enrijeceu.

— Não. Eu não fui despedido. Eb e Jeremiah contrataram dois outros homens que precisavam de empregos. — Ele olhou para frente, sua expressão pensativa. — Acho que os chefes perceberam que eu não precisava mais disso.

— Não entendo.

Duke balançou a cabeça e deu a volta em outra esquina do grande edifício para os fundos.

— Não é nada. — Ele se aproximou de uma pequena cabana de madeira que parecia ser exatamente isso.

Não parecia uma *casa* em absoluto.

— Chegamos. — Ele subiu três degraus de madeira e abriu a porta. Ela torceu o nariz com o mofo, impressionada com o interior vazio.

Um colchão estava no chão e um baú estava ao lado dele. Além de uma lamparina a óleo sobre uma mesinha sob a janela, um jarro de cerâmica e uma bacia, e um banquinho, não havia mais nada na sala.

— Desculpe por estar tão vazio, mas vou me certificar de que você se sinta confortável. Quando estiver se sentindo melhor, iremos à cidade e escolheremos algumas coisas.

— Não! Eu não quero que você gaste seu dinheiro.

Duke encolheu os ombros enormes, ombros que a protegeram do vento e do granizo.

— Eu não gasto nenhum dinheiro há anos. Tenho tudo guardado. Acho que posso falar com Eb sobre dar este lugar para os novos homens e construir uma cabana maior para nós.

— Por favor, não arrume problemas por minha causa.

— Sem problemas. — Ele a carregou para dentro, chutando a porta atrás dele. Parando ao lado da cama, ele sorriu. — Vou colocá-la no chão com facilidade.

— Tudo bem. — Esmerelda engoliu em seco quando ele a deitou, pela primeira vez na vida em uma cama estranha. — Obrigada.

Agachando-se no chão ao lado dela, ele gentilmente removeu seus mocassins.

— Vamos encomendar um novo par de botas quando chegarmos à cidade.

Esmerelda sorriu ao se lembrar do que ele tinha feito com sua bota.

— Você não tem que fazer isso.

Em vez de sorrir de volta, ele apertou a mandíbula.

— Você é minha agora, Red. Eu sei que você já passou por muita coisa, mas vai ter que se acostumar com isso.

Esmerelda apoiou-se nos cotovelos e acenou com a cabeça.

— Eu sei. — Ela não conseguia desviar o olhar de seu pé em sua grande mão, mas seus olhos continuavam fechando. Tremendo, ela forçou um sorriso. — Vou tentar ser uma boa esposa.

Duke sorriu e colocou seus mocassins de lado, pegando um dos travesseiros e apoiando o pé machucado nele.

— Tentarei ser um bom marido.

Tomando seu pé ileso na mão, ele massageou suavemente.

— Você sabe que parte de ser um bom marido é cuidar de você.

Ela tentou manter o pé imóvel, a massagem suave de alguma forma calmante e excitante ao mesmo tempo.

— Sua proteção significa muito para mim.

Duke se acalmou brevemente, algo triste e vazio embotando seus olhos por um momento antes de ele piscar e desaparecer.

— Eu morreria para protegê-la, mas há muitas maneiras de cuidar de você. Sarah me contou sobre seus ferimentos. Você sabe que preciso vê-los e cuidar deles.

Respirando fundo, Esmerelda pressionou a mão contra o estômago contra a sensação de vibração, desviando o olhar.

— Sarah já cuidou deles.

Duke sorriu ternamente.

— Eu sei disso, mas eu preciso vê-los para que possa ver se há infecção. Não vou te machucar, mas não posso deixar você se esconder de mim. Você não quer dormir com essas roupas de qualquer maneira, não é?

Esmerelda engoliu em seco, sentando-se e envolvendo os braços em volta da cintura, tremendo com a ideia de ficar sozinha com ele sem as roupas.

— Eu não tenho mais nada. Tudo foi queimado no fogo.

— Eu sei disso. Você pode dormir com uma das minhas camisas. — Estendendo a mão, ele empurrou o cabelo dela para trás. — Eu sei que você está nervosa. Eu entendo. Tenho certeza de que minha aparência não ajuda.

Esmerelda acenou com a cabeça, o láudano deixando-a tonta.

— Você é um homem bonito, e tenho certeza que tem um monte de mulheres perseguindo você. Você se arrepende muito por ter me reivindicado? Se você quiser me levar de volta para a cabana de comida, posso ficar com Sarah.

Duke se acalmou, seus olhos se arregalando.

— O quê?

Seu rosto queimou, o constrangimento em cima de seu desconforto, fadiga e tristeza eram demais para suportar por mais tempo.

Um soluço escapou de algum lugar bem no fundo e depois outro.

Enterrando o rosto nas mãos, ela lutou para conter as lágrimas, mas quanto mais tentava, mais elas fluíam.

— Ei!

O colchão afundou, e de repente ela se viu em seus braços, o rosto pressionado contra seu peito largo.

Suas mãos se moveram suavemente em suas costas.

— Calma, Red. Não há nada para chorar. Eu não sei se posso te segurar assim sem te machucar. Me diga o que está errado.

— Nada. Tudo.

Pressionando a mão na parte de trás de sua cabeça, Duke riu.

— Bem, isso restringe um pouco. — Ele apertou a mão em seu cabelo, inclinando a cabeça para trás e enxugando as lágrimas. — Não mais disso. Tem sido um momento difícil para você. Vamos tirar essas roupas e vou colocá-la em uma das minhas camisas.

— Você vai me ver nua! — Ela começou a chorar novamente.

Ele enxugou mais lágrimas e agarrou seu queixo, erguendo seu rosto para ele.

— Você é minha agora, Red. Você está cansada, ferida e tonta de láudano. Você realmente acha que eu tentaria levá-la agora? Você não pode tentar confiar em mim só um pouco?

Percebendo que segurava a camisa dele, Esmerelda colocou as mãos no colo.

— Acho que não tenho muita escolha. Eu concordei na frente de Deus e de todos que aceitava sua reivindicação.

Ela ainda não sabia por que tinha feito isso, mas as palavras saíram, a necessidade de se sentir segura esmagadora.

O sorriso de Duke se alargou.

— Sim, você concordou. Sei que não confia em mim, mas aprenderá a confiar. Agora, vamos tirar essa blusa e saia.

Esmerelda estremeceu quando ele tirou a blusa com uma eficiência que a fez lembrar que ele já havia sido casado.

Deixando isso de lado, ele sorriu.

— Você está usando uma camisa. Isso foi muito legal de Sarah. Gostaria de dormir com ela?

Esmerelda engoliu em seco novamente e acenou com a cabeça. — Sim, por favor.

— Deite-se para que eu possa tirar sua saia. — Ele agarrou seus braços e começou a aliviar suas costas, parando de repente. — Isso vai machucar você?

— Receio que tudo dói.

Duke fez uma careta.

— Tenho certeza que você vai ficar dolorida por alguns dias, pelo menos. Relaxe e deixe-me tirar essa saia. Você ficará mais confortável apenas com a camisa.

Ele a abaixou lentamente de costas, observando seu rosto.

— Farei o que puder para que se sinta melhor. Assim que colocarmos você confortável e eu der uma olhada rápida, você pode dormir. Se o láudano funcionar rápido, você pode estar dormindo antes de eu terminar.

Assentindo, ela respirou fundo e automaticamente começou a cravar os calcanhares no colchão para se levantar, gritando de dor no tornozelo.

— Ai!

Duke disse algo baixinho que ela provavelmente não gostaria de ouvir de qualquer maneira.

— Pare de se mover, Red. Deixe-me fazer todo o trabalho.

Assentindo, ela respirou fundo enquanto ele deslizava sua saia para baixo e a removeu suavemente, suas feições endurecendo.

— Bom Deus!

Ele removeu as bandagens que Sarah tinha enrolado na parte superior das coxas, fez uma careta e ergueu o olhar para ela.

— Isso é da sela?

Mortificada quando ele envolveu a mão em seu joelho, levantando-o e movendo-o em sua direção, Esmerelda desviou o olhar.

— Sim. Enfiei minha saia em torno dele, mas o estrago já estava feito. Joguei água fria do riacho que encontrei e me senti um pouco melhor.

Duke acenou com a cabeça uma vez.

— Vamos rolar você para que eu possa ver suas costas e bunda. Mantenha o pé no travesseiro.

Embora seus olhos e mãos tivessem ternura, o tom de sua voz era muito parecido com quando ele cortou sua bota e queria que ela movesse o pé.

Com um gemido, ela rolou para o lado, fazendo uma careta quando ele levantou sua camisa, expondo suas costas e nádegas inteiras ao seu olhar.

Levantando sua perna de cima, ele colocou um travesseiro entre seus joelhos.

— Isso vai impedi-los de tocar. — Ele correu um dedo levemente sobre suas costas, evitando os lugares mais doloridos. — Você está bem surrada. Vou manter o unguento nos cortes e entre as suas pernas. Eu esfregaria você com unguento, mas temo que possa doer um pouco.

Ele passou a mão em seu traseiro machucado.

— Veremos como tudo isso ficará amanhã. Acho que uma viagem para a nascente vai te fazer bem.

O colchão mudou quando ele se levantou e olhou para ela.

— Eu vou cuidar de você e, em pouco tempo, você vai se acostumar a ficar sem roupas na minha frente e vai se acostumar a me ver sem as minhas.

Esmerelda não acreditou no que viu quando ele circulou até o outro lado do colchão, tirou as roupas e uma variedade de facas e subiu ao lado dela.

Ela sabia, por ajudar a dar banho em seu irmão mais novo, que os homens têm formas diferentes das mulheres, mas não esperava que um homem adulto parecesse tão intimidante.

Seu pênis se projetou na frente dele, o comprimento e a espessura dele assustadores.

Fechando os olhos, ela pressionou o rosto no travesseiro, segurando-se rigidamente enquanto ele se acomodava ao lado dela.

Rindo, ele ergueu o queixo dela.

— Olhe para mim, Red.

Ela relutantemente abriu os olhos para encontrá-lo estendido ao lado dela, apoiado em um cotovelo e sorrindo para ela.

Ele puxou um lençol sobre os dois e se inclinou para tocar seus lábios nos dela, o calor e a ternura de seu beijo a surpreendendo. Erguendo a cabeça, ele sorriu novamente, sua imagem borrada.

— Você não precisa ter medo de mim. Vá dormir, Red. Você está segura.

Ele rolou de costas, fechando os olhos com um suspiro.

— Nós dois ficamos acordados a noite toda. As coisas vão ficar melhores depois de dormir um pouco.

Esmerelda estava rígida ao lado dele, lutando para aceitar a realidade de que o homem bonito, mas assustadoramente masculino, deitado nu ao lado dela, era, para todos os efeitos, seu marido.

Embora ainda não fosse legal, ela pertencia a ele e seu futuro estava em suas mãos.

A dor e a noite sem dormir cobraram seu preço e, aos poucos, ela começou a relaxar contra ele, aliviada por ele parecer estar dormindo.

O láudano tornava difícil manter os olhos abertos e, sentindo-se segura e deliciosamente sonolenta, ela sorriu para si mesma.

Eu consegui, pai. Eu cheguei em segurança.

Ela suspirou e se mexeu um pouco, aliviada por as dores terem diminuído consideravelmente.

Duke permaneceu imóvel, sentindo Esmerelda relaxando lentamente ao lado dele.

Ele não tinha se imaginado nunca mais nessa posição, mas descobriu que não podia se arrepender de ter outra esposa.

Ela parecia tão perdida e indefesa, tão parecida com Mary, que ele não foi capaz de resistir.

Ele lutou para imaginar Mary novamente, mas a imagem se dissipou quase assim que se formou, tornando-se a de uma mulher com medo em seus olhos verdes e uma auréola de cabelos ruivos que fez suas mãos coçarem.

Os cachos vermelhos que cobriam seu monte eram ligeiramente mais escuros, e ele mal podia esperar para acariciá-la ali também.

Ter uma mulher aquecendo sua cama todas as noites seria um conforto para ele e aliviaria um pouco da solidão que o atormentava desde a morte de Mary.

Ele esperou que Esmerelda adormecesse ao lado dele antes de se virar de lado para encará-la, deslizando o braço em volta dela para descansar a cabeça em seu ombro.

Pela primeira vez em anos, ele caiu no sono com um sorriso no rosto e a sensação de uma mulher suave pressionada contra ele.

Capítulo Cinco

Esmerelda acordou com a sensação de estar sendo observada e abriu os olhos para ver que Duke estava de pé, totalmente vestido, encostado na parede ao lado de uma janela e olhando para ela.

Endireitando-se, ele sorriu fracamente.

— Bom dia. Eu esperava que você acordasse logo.

Piscando contra a forte luz do sol que entrava pela janela atrás dele, Esmerelda se sentou abruptamente, parando com um suspiro quando seus músculos doloridos protestaram.

Fechando os olhos novamente, ela respirou fundo várias vezes até que a dor inicial diminuiu para menos forte, mantendo-se o mais imóvel possível.

Abrindo os olhos novamente, ela estremeceu com outro suspiro ao ver que Duke havia contornado o colchão e se agachado ao lado dela. Encontrando sua carranca, ela tentou um sorriso.

— É manhã?

Assentindo, ele estendeu a mão para correr as pontas dos dedos levemente sobre os ombros dela, como se tivesse medo de tocá-la, sua carranca se aprofundando quando ela endureceu.

— Eu não vou te machucar, Red. Eu sei onde está o corte em suas costas, mas a menos que afrouxemos alguns desses músculos, vai doer como o inferno.

— Assim que eu começar a me mover, ficarei bem.

As mãos quentes de Duke se firmaram e se moveram para baixo, trabalhando nos músculos da parte superior das costas.

— Isso vai ser difícil de fazer até que o tornozelo cicatrize. Depois de comermos, vou levá-la até à fonte.

Esmerelda se mexeu ligeiramente, descobrindo que seus músculos relaxavam um a um sob suas mãos firmes.

— Não acredito que dormi tanto. Você comeu ontem à noite?

Duke sorriu.

— Sarah e Phoenix vieram com pratos para nós dois. Acho que Sarah queria ter certeza de que você estava bem. Tirei o curativo no meio da noite. Seu tornozelo parece muito melhor, provavelmente por mantê-lo assim por tanto tempo. Vamos mantê-lo em descanso o máximo possível hoje.

Ela ergueu o lençol leve para ver por si mesma.

— Você tem razão. — Ela o moveu com hesitação, satisfeita em ver que a dor e a dor diminuíram. — Acha que vou conseguir andar sobre ele em breve?

Duke se levantou e apoiou vários travesseiros atrás dela, travesseiros que não estavam lá na noite anterior.

— O doutor Stanton vai dar uma olhada nisso. Veremos o que ele diz. Ele deve chegar aqui logo. Depois que ele olhar para *todos os* seus ferimentos, vamos vestir você e pegar um pouco de comida.

Stanton, um homem de aparência rude com um sorriso amigável, apareceu pouco depois. Colocando sua bolsa de lado, ele a olhou sob o olhar atento de Duke.

— Desculpe, eu não estava aqui ontem. Fui retido na cidade por aquela tempestade.

Depois de inspecionar suas costas, o médico olhou para Duke.

— Eu preciso ver. — Os lábios de Duke se estreitaram, mas quando o médico se virou para dar-lhes privacidade, Duke puxou o lençol de lado para revelar a parte superior das coxas, seu olhar segurando o dela. — Deite-se.

Segurando o lençol na frente dela, ela o agarrou com força e obedeceu, olhando em seus olhos enquanto ele gentilmente colocava o lençol entre suas pernas e parcialmente sob ela para esconder sua fenda do olhar do médico.

— Ela está pronta, doutor.

Depois de franzir a testa sobre a parte interna das coxas com bolhas e envolver novamente o tornozelo, o doutor Stanton se levantou, voltando-se para Duke.

— Seu tornozelo deve estar bom para andar em um ou dois dias, mas sem correr e começar devagar. Eu concordo com seu plano de levá-la

à fonte termal. — Sorrindo, ele balançou a cabeça. — Você tem muita sorte de ter essa fonte no rancho. Eu sei que muitos de vocês a usam.

Duke inclinou a cabeça.

— Nada melhor para dores e sofrimentos. E os cortes e as bolhas?

Constrangida com a menção deles, Esmerelda desviou o rosto. — Duke!

— Eu tenho que perguntar, Red. Não há espaço para constrangimento quando há uma chance de infecção.

— Apenas me diga se alguma coisa mudar. Vermelho. Dor. Ou se houver algum inchaço. — O doutor Stanton acenou com a cabeça e pegou sua bolsa. — Duke está certo. Uma infecção pode ser mortal aqui. — Sua expressão ficou sombria. — Quando Sarah adoeceu, pensei que seus homens fossem enlouquecer. Não gostaria de ver isso acontecer novamente. Por falar em Sarah, preciso ir vê-la. Eu não a vejo há uma semana, e aqueles homens dela ficam realmente impacientes se eu não a examino.

Depois que o médico foi embora, Duke ajudou-a a se vestir e a carregou para a cabana onde ela conheceu vários outros homens - tantos que a deixaram tonta.

Sentada ao lado de Duke, com o pé apoiado em um banquinho, ela se aproximou, mantendo a voz um sussurro.

— Nunca vou lembrar de todos os nomes deles.

Duke se aproximou, oferecendo-lhe um sorriso terno.

— Você vai, provavelmente mais rápido do que você pensa. Não há pressa. Você aprenderá mais a cada dia e em pouco tempo, você conhecerá todos. Contanto que você se lembre de seus rostos, você ficará bem. Você precisa saber a quem pode recorrer por segurança, se precisar.

— Acredite em mim, eu entendo muito bem o perigo por aqui.

Do outro lado da mesa, dois homens se sentaram, homens que ela se lembrava de sua chegada. O mais escuro dos dois homens olhou para Duke.

— Acabamos de voltar.

Duke assentiu e olhou para ela, sua expressão pensativa.

— Red, estes são Hayes e Wyatt. Você se lembra de conhecê-los quando chegou aqui?

Esmerelda sorriu.

— Vagamente. Desculpe, não me lembro muito.

— Não me surpreende. — Hayes deu um gole no café e fez uma careta. — Duke, você não pode ensinar esses homens a fazer um café decente?

Com um encolher de ombros, Duke cortou outro pedaço de carne e colocou-o na boca.

— Eu fiz. Eles afirmam que seu caminho é melhor. Mais algumas reclamações e eles farão da maneira certa.

Ele olhou para Esmerelda novamente, satisfeito em ver que depois de dormir tanto e comer um farto café da manhã, ela tinha mais cor.

— Beba seu leite.

Assentindo, ela o obedeceu imediatamente, tanto como sua dócil esposa que ele não pôde deixar de se sentir protetor com ela.

Ele olhou para Hayes novamente, satisfeito por Esmerelda estar pronta para ouvir o que Hayes e Wyatt tinham a dizer.

— Vá em frente.

Hayes olhou para Esmerelda pensativamente.

— Fomos para a sua fazenda. — Esmerelda se acalmou, com a mão trêmula enquanto abaixava o copo de leite.

— Entendo... — Cruzando as mãos no colo, ela encontrou seu olhar firmemente. — Eles ainda estavam enterrados?

Hayes deu-lhe um sorriso de encorajamento.

— Sim, mas nós os enterramos mais profundamente, e colocamos uma cruz também. Esperamos que esteja tudo bem.

Para desgosto de Duke, Esmerelda fungou e enxugou uma lágrima.

— Obrigada. Eu deveria ter feito isso.

Envolvendo um braço em torno dela, Duke evitou cuidadosamente seus ferimentos.

— Não há nada para se sentir mal. Você saiu de lá e ficou em segurança. Isso é tudo que importa.

Wyatt tomou um gole de seu café, observando-a enquanto o colocava na mesa novamente.

— Você sabe como o incêndio começou?

Balançando a cabeça, Esmerelda suspirou.

— Não. Eu não estava lá. Saí logo depois do café da manhã para pegar flores para minha mãe. Era o aniversário dela, e papai queria que eu fosse buscar algumas para ela.

Duke franziu a testa, tentando se lembrar se ela disse isso a ele.

— Então você estava colhendo flores quando o fogo começou?

Esmerelda ergueu o queixo, seus olhos verdes faiscando.

— Sim, eu estava colhendo flores em vez de estar em casa quando o incêndio começou. — Ela deu um pulo e começou a pular com um pé em direção à porta.

Atordoados, Duke se levantou e foi atrás dela, parando quando Wyatt chamou seu nome. Ele se virou, impaciente para ir atrás de Esmerelda.

— O quê?

Levantando-se, Wyatt trocou um olhar com Hayes e suspirou.

— Parece que o incêndio foi causado deliberadamente. Começou no canto externo e a porta estava trancada - do lado de fora.

As mãos de Duke se fecharam em punhos, a raiva o consumindo ao pensar no que a família de Esmerelda havia passado e o que a notícia faria com ela. Ele olhou para cima quando Jeremiah se aproximou, percebendo que Hayes e Wyatt teriam entregado suas descobertas para ele e Eb primeiro.

— Alguém queimou de propósito? Quem? Por quê?

Wyatt encolheu os ombros e olhou para Jeremiah.

— Não tínhamos certeza se deveríamos perguntar a Esmerelda, então decidimos perguntar por aí. Parece que Ed Johnson passou por momentos difíceis. Pegou dinheiro emprestado de um homem em Okmulgee.

Jeremiah inclinou a cabeça, sua expressão sombria.

— Big Bill Sparks. Ele teve uma ou duas brigas com Bill. Ele é um homem desagradável com muito dinheiro e pensa que está acima da lei.

Hayes tomou mais um gole de café, fez uma careta e pôs a xícara de lado.

— Em Okmulgee, ele está acima da lei. É dono do xerife e da maior parte da cidade. O boato é que Ed pegou emprestado trezentos dólares dele para comprar grãos e consertar seu arado. Johnson não pagou e Big Bill fez algumas ameaças. Parece que ele deu uma olhada em Esmerelda algumas semanas atrás, quando foi à fazenda para coletar.

Duke enrijeceu, não gostando da direção que a conversa havia tomado.

— E?

A mandíbula de Wyatt apertou.

— O boato é que Big Bill disse que esqueceria a dívida em troca de tomar Esmerelda como esposa. Johnson o expulsou da fazenda sob a mira de uma arma.

Hayes se levantou.

— Parece que Big Bill estava a caminho da fazenda e mandou alguém na frente para atear fogo quando Esmerelda estivesse fora do caminho. Ele iria aparecer e ser sua salvação ou algo assim, levá-la para Okmulgee e fazê-la ver que casar com ele era seu único recurso.

Wyatt franziu a testa.

— Parece que ele gostou muito dela. Ele é um homem grande e feio, com o rosto marcado por bexigas, barriga grande e mancando, e a ideia de ter uma mulher tão bonita como Esmerelda ao seu lado deixaria os outros com ciúmes como o diabo. Parece que ele gosta disso.

Duke olhou para a porta, sabendo que não se acomodaria novamente até que visse Esmerelda.

— E quando chegou à fazenda, Red tinha ido embora.

Hayes permitiu um pequeno sorriso.

— Ouvi dizer que ele ficou realmente chateado com isso. Ele tem sido um urso desde então e está procurando por ela.

O estômago de Duke se revirou.

— Ele sabe que ela está aqui?

Hayes abanou a cabeça.

— Não quando nós partimos. Eu te disse, ele tem sido um urso de verdade. — Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para os homens ao redor deles, que pararam para ouvir. — Ele ofereceu uma recompensa, no entanto, para qualquer um que a encontrar.

Jeremiah olhou para Duke.

— Nós podemos mantê-la escondida. Ninguém do Circle T deixará alguém saber que está aqui, mas ela terá que ficar perto de casa.

Duke balançou a cabeça.

— Não. Teríamos que mantê-la escondida indefinidamente, e não há como dizer o que alguém faria com ela se a encontrasse. Em vez de apenas dizer a Sparks onde ela está, eles podem decidir agarrá-la e levá-la até ele.

Ele não queria pensar em Esmerelda nas mãos de um estranho.

— Eu prefiro enfrentar isso de frente. Eu não quero viajar até Tulsa com ela até que ela tenha mais alguns dias para se curar.

Ele encontrou o olhar de Jeremiah.

— Eu quero construir uma casa para ela, perto dos Royals, se possível. Esmerelda parece ter gostado de Sarah, e eu me sentiria melhor se soubesse que ela tinha alguém por perto. Os novos homens podem ficar com minha cabana quando o novo estiver pronto.

Jeremiah acenou com a cabeça.

— Soa bem. Sirva-se do que você precisar.

Duke inclinou a cabeça em agradecimento.

— Gostaria de comprar algumas coisas para a nova cabana enquanto estamos lá. Enquanto isso, vamos espalhar que vou levar Red para Tulsa no final da semana para me casar com ela. Se Sparks realmente a deseja, ele não será capaz de resistir a aparecer lá.

Jeremiah sorriu.

— Bom. Podemos protegê-la aqui, mas prefiro enfrentar as coisas de frente. Assim que o confrontarmos e ele vir que ela é casada com outra pessoa, ele não terá nenhum motivo para ir atrás dela.

Duke inclinou a cabeça.

— Concordo.

Hayes acenou com a cabeça.

— Vamos espalhar a palavra e dizer aos outros para fazerem o mesmo. Você não vai cavalgar sozinho para Tulsa. Mantenha-nos atualizados sobre o progresso de Esmerelda para que saibamos em que dia estamos saindo.

Impaciente, Duke se virou.

— Agora eu só preciso encontrá-la.

Ele saiu, examinando a área, mas ela teve muito tempo para fugir.

Ele se encaminhou para a cabana Royal, esperando que Esmerelda fosse até Sarah, mas quando viu Hawke cavalgando à distância com Sarah em seu colo, Duke começou a olhar para outro lugar.

Emmett Pike, o ferreiro do Circle T, ergueu a cabeça de sua tarefa e sorriu enquanto observava Duke.

— Procurando por alguém? — O vapor subiu quando Emmett mergulhou a ferradura que segurava entre as pinças em um balde de água.

Percebendo que o outro homem sabia exatamente quem estava procurando, Duke suspirou.

— Onde ela está?

Emmett levantou a ferradura do balde, estudando-a criticamente antes de colocá-la de lado. Nu da cintura para cima, ele brilhava de suor, seu cabelo escuro amarrado para trás para mantê-lo fora de seu caminho.

— Se você está procurando por uma ruiva bonita, louca como o inferno e pulando em um pé, ela foi para o estábulo. Tinha um pedaço de madeira que dei a ela como muleta.

— Obrigado. — Duke inclinou a cabeça e se dirigiu ao estábulo mais próximo.

— Tenha cuidado para que ela não te acerte na cabeça com essa muleta.

* * *

Encostada na porta da baia, Esmerelda acariciou Lucky.

— Ele foi escovado.

O funcionário do estábulo, que se apresentou como Isaac, acenou com a cabeça e sorriu.

— Sim, senhora. O Sr. Eb insiste em que todos os cavalos sejam bem cuidados. Pedi comida extra para Lucky aqui e fiz uma checagem muito boa. Ele queria ter certeza de que ele não estava machucado por Duke segurando o freio.

Ele sorriu, parecendo tão orgulhoso como se tivesse impedido o próprio Lucky.

— Todo mundo está falando sobre como Duke o agarrou e segurou. — Seu sorriso caiu e ele arrastou os pés. — Todo mundo está realmente sentido pelo que aconteceu com sua família.

— Obrigada. — Esmerelda continuou a acariciar Lucky. — Ele vai ficar mimado.

— Sim, senhora. — Isaac sorriu, seu sorriso caindo quando ele olhou para um ponto em algum lugar atrás dela. — O Sr. Eb e o Sr. Jeremiah são muito exigentes em cuidar bem dos cavalos. Por que você o chamou de Lucky?

Esmerelda enrijeceu, percebendo pelo olhar de Isaac e o formigamento na nuca que Duke se aproximava.

— Eu não dei o nome. Meu pai deu. Quando ele foi comprá-lo, ele tinha apenas o suficiente para dar um lance. O homem que a vendeu disse ao pai que teve muita sorte porque todos os garanhões foram primeiro e os homens que os compraram já tinham saído do leilão. Então, ele o chamou de Lucky. Ele deu muita sorte para mim. Era como se ele soubesse para onde eu queria ir e me trouxesse direto para cá.

— Não sem jogar você primeiro. — A voz profunda de Duke veio diretamente de trás dela, tão perto que a fez girar em direção a ele.

Ele a agarrou pela cintura no momento em que ela perdia o equilíbrio.

— Calma, Red. — Virando-se de costas para Lucky, Duke se agarrou a ela. — Ei, Isaac. Vocês estão cuidando bem dele?

— Sim, Duke. — Isaac sorriu. — É uma beleza, não é?

Duke apertou a cintura de Esmerelda, olhando para ela.

— Sim, realmente, é. — Percebendo que ele estava falando sobre ela, Esmerelda sentiu o rosto queimar. Duke voltou sua atenção para Lucky, movendo-se um pouco mais perto, mas não estendendo a mão. — Ele parece bem. Lamento ter que agarrá-lo com tanta força.

Lucky soprou pelo nariz, balançando a cabeça, mas Duke não se mexeu. Intrigada, Esmerelda observou em silêncio.

— Eu acho que Lucky está bravo com você por ter sido tão duro.

Duke esperou, sorrindo quando Lucky se aproximou e o acariciou.

— Não. Ele entende. — Ele estendeu a mão para acariciar o pescoço de Lucky, rindo quando ele o acariciou novamente. Estendendo a mão, ele acariciou o cabelo de Esmerelda. — Eu não queria machucá-lo, e ele sabe disso. Um pouco de ternura ajuda muito, mas às vezes um homem precisa ser um pouco rude para fazer a coisa certa para uma potrinha teimosa. Isaac, sele meu cavalo. Eu volto já.

Agarrando a muleta, ele a puxou para longe dela, desequilibrando-a. Em um movimento suave, ele se curvou e pressionou um ombro musculoso em sua barriga e a ergueu sobre o ombro.

— Ponha-me no chão!

Ignorando-a, Duke saiu do estábulo, sem surpresa ao encontrar Emmett olhando para ele, sorrindo de orelha a orelha.

— Não consegue lidar com sua mulher, Duke? Precisa de mim para...

— Cale-se. Eu posso lidar muito bem com minha mulher.

Duke teria batido em seu traseiro, mas ele já tinha visto os hematomas.

— Fique quieto, gata selvagem! O que diabos deu em você?

Ignorando a maneira como Esmerelda batia em suas costas, ele continuou andando, passando por Phoenix, que começou a rir alto.

— Eu pensei que você disse que ela era uma coisinha tímida.

— Isso é o que *eu* pensava. O cabelo ruivo deveria ter delatado. Estamos indo para a nascente.

Ele chegou a sua casa, empurrou a porta e entrou, jogando a muleta de lado antes de passar a mão em seu traseiro.

— Pare de mexer e se comporte, droga! Você precisa ter seu traseiro espancado.

Esmerelda engasgou e parou de lutar.

— Você não pode fazer isso.

Ele pegou seus alforjes e os jogou sobre o outro ombro.

— Eu certamente posso. Você é minha agora, Red. Comporte-se mal e vou bater em seu traseiro.

— Mas está machucado!

— Então é melhor você se comportar, não acha?

Duke começou a voltar, aliviado por ela ter decidido se acalmar. Ele tinha visto seus hematomas, e a última coisa no mundo que ele queria fazer era machucá-la ainda mais.

Ele não sabia o que tinha acontecido com ela e queria culpar o fato de que ela não se sentia bem, mas tinha a sensação de que seus ferimentos e tristeza eram responsáveis por seu comportamento silencioso.

A possibilidade muito real de que ele acabou de ter um vislumbre da mulher real — a mulher que ele já reivindicou — enviou um arrepio de apreensão por meio dele.

Ele não foi capaz de proteger sua esposa, uma mulher calma e de fala mansa, que obedeceu a cada palavra sua.

Ele não conseguia se imaginar tentando proteger uma mulher teimosa e temperamental. Encontrando seu cavalo pronto para ele, ele jogou os alforjes no lugar e montado com Esmerelda ainda por cima do ombro.

— Duke!

Ele se curvou ligeiramente, colocando-a em seu colo, e começou antes que ela pudesse fazer algo tolo.

— Fique quieta, droga!

Ciente de seus ferimentos, ele a embalou gentilmente, mas firmemente contra ele.

Ele esperou até que eles tivessem cavalgado para longe dos outros antes de desacelerar, observando suas feições de perto por qualquer sinal de que ela faria algo malicioso.

— Você acabou seu acesso de raiva?

Cruzando os braços sobre o peito, ela olhou para frente.

— Não foi um acesso de raiva. Você não tem o direito de me criticar por não estar lá. Eu sei que deveria ter estado lá. Se eu estivesse lá, talvez pudesse ter feito algo.

Mais uma vez atordoado, Duke diminuiu a velocidade de seu cavalo ainda mais e ergueu seu queixo para olhá-la nos olhos.

— Não foi sua culpa, Red. Eu não estava criticando você por não estar lá.

— Mas você parecia tão bravo.

Duke soltou um suspiro.

— Eu não pude deixar de pensar no que teria acontecido se você *tivesse* estado lá. Você teria sido morta junto com sua família.

— Você não teria sentido minha falta. Você nem me conhecia. — Seu sorriso triste puxou seu coração. — Eu estava pensando que se você e os outros não estivessem naquele buraco, Lucky e eu teríamos caído lá e ninguém nunca teria nos encontrado. Acho que isso significa que escapei da morte duas vezes. Tive muita sorte.

Duke enrijeceu e incitou seu cavalo a galopar.

— Prefiro não contar com a sorte. Isso nunca se sustenta. Prefiro que você volte a ser tímida e me obedeça, mas acho que uma mulher que cavou sepulturas para sua família e cavalgou sozinha durante a noite em busca de segurança não será tão dócil.

Ele não podia negar que ter uma mulher que o desafiava o intrigava mais do que deveria, mas o pensamento dela fazendo algo imprudente e tolo o assustava como o inferno.

Esmerelda sorriu e olhou para ele por entre os cílios.

— Eu acho que eu deveria te dizer algo antes de você se casar comigo.

Se perguntando o porquê ele não tinha notado o quão longos e escuros seus cílios eram ou a fina mancha de sardas em suas bochechas e nariz, ele olhou para ela, seu pênis se agitando com o brilho provocador em seus olhos.

— Eu já reivindiquei você, Red. Você aceitou a reclamação na frente de outras pessoas. Aos olhos dos outros na fazenda, já somos casados. Iremos à cidade para ver o pregador na próxima semana.

Pausando, ele não pôde deixar de sorrir ao ver seu rubor.

— O que você queria me dizer?

Seu rubor se aprofundou.

— Minha mãe e meu pai estavam com medo de que eu nunca fosse me entregar para um homem porque tenho um temperamento terrível.

Duke escondeu uma careta, olhando direto para a frente. Uma mulher temperamental seria difícil de lidar e ainda mais difícil de manter a salvo.

Deus me ajude.

Capítulo Seis

Sentada na rocha onde Duke a havia colocado, Esmerelda o olhou boquiaberta.

— Você não pode estar falando sério!

Depois de remover o cinturão da arma, que tinha bainhas para segurar uma variedade de facas além de suas pistolas, Duke tirou a camisa.

— Claro que estou falando sério. Não adianta usar roupas molhadas o dia todo. Você vai ficar pelada, Red.

Esmerelda olhou em volta antes de se virar para vê-lo desamarrar mais bainhas que amarrara nas panturrilhas e coxas.

— E se alguém me vir?

Os lábios de Duke se contraíram, mas ela se viu distraída pela visão de seu peito largo e musculoso, e os músculos que ondulavam a cada movimento.

— Não há ninguém por perto, Red, exceto homens que trabalham para o Circle T.

— Mas e se um dos trabalhadores do rancho aparecer?

Duke tirou as botas, colocando ainda mais facas de lado.

— Eles verão meu cavalo e saberão que estou aqui. Se eles ainda decidirem subir, eu vou ouvi-los.

Esmerelda se abaixou para tirar os mocassins, ainda não convencida.

— Eu nunca estive nua ao ar livre antes.

Duke tirou as calças, revelando o lugar escuro entre suas pernas, o tamanho de seu pênis ainda intimidante.

— Não fique tão assustada. Quero que você se acostume a me ver nu e quero explorar seu corpo.

Esmerelda pôs os mocassins de lado e engoliu em seco, sentando-se e envolvendo-se nos braços.

— Explorar?

Agachado na frente dela e aparentemente completamente confortável estando nu, Duke pegou a mão dela.

— Claro. Você é minha, Red. Em breve, conhecerei seu corpo tão bem quanto conheço o meu. — Seu sorriso continha ternura, mas algo mais, algo que fez seu estômago apertar. — E você conhecerá o meu. Vamos, Red. Vamos tirar a sua roupa.

Ele tirou a blusa dela antes de ajudá-la a se levantar.

— Segure-se em mim e equilibre-se com o pé bom.

— Eu não precisaria segurar você se você não tivesse deixado minha muleta na cabana.

Seus olhos escuros brilharam.

— Eu não confiei em você para não me bater com isso.

Ela escondeu um sorriso, incapaz de resistir a provocá-lo.

— Você é muito inteligente para um cowboy.

Seus olhos brilharam com sua ousadia.

— E você é muito tagarela para uma mulher que é muito menor do que eu e não consegue andar, muito menos fugir de mim. Agora, segure-se em mim para que eu possa te pegar na nascente. Eu prometo que vai ser tão bom que você nunca vai querer sair.

Engolindo em seco, ela colocou as mãos em seus ombros, segurando-o para se apoiar enquanto se equilibrava em um pé.

A pele dele estava mais quente do que ela esperava, os músculos sob suas mãos eram poderosos o suficiente para parar um cavalo fora de controle.

Eles se agruparam e mudaram com cada movimento, induzindo-a a afundar as pontas dos dedos neles para testar sua dureza.

Ele desabotoou sua saia e a deixou cair em torno de seus pés antes de alcançar a bainha de sua camisa.

Olhando em seus olhos, ele o levantou sobre sua cabeça, a outra mão indo para suas costas.

— Levante os braços acima da cabeça.

Ciente de que, centímetro a centímetro, ele expôs seu corpo ao sol, à brisa quente e ao seu olhar penetrante, Esmerelda prendeu a respiração enquanto ele tirava a camisa, deixando-a nua.

Pegando seus pulsos sobre sua cabeça, ele segurou seu olhar.

— Relaxe, Red. Você é minha. Não há nada de errado em eu te ver nua.

Tremendo, Esmerelda respirou fundo, a sensação do sol, o vento e o olhar de Duke em sua nudez criando uma consciência de seu corpo que ela nunca havia sentido antes.

As palavras escaparam dela, a intensidade de seu olhar aumentando a consciência ainda mais.

Assentindo, ela desviou o olhar, a sensação de vulnerabilidade fazendo-a tremer ainda mais.

Sua mão livre se fechou em sua cintura, as pontas dos dedos acariciando-a suavemente.

— Tudo em você pertence a mim agora. Não há razão para parecer assustada. Eu sei que é tudo desconhecido para você, mas terei cuidado com você.

Liberando seus pulsos, ele a puxou contra ele e a levantou, levando-a para a fonte.

— É minha responsabilidade cuidar de você agora.

A sensação de sua nudez quente contra a dela a atordoou tanto que ela não sentiu a água a princípio, mas quando tocou sua fenda, ela estremeceu.

— Calma, Red.

O pênis de Duke latejava, lembrando-o de quanto tempo fazia desde a última vez que esteve com uma mulher.

Fazia mais de um ano desde que ele visitou as prostitutas pela última vez na cidade, mas ele nunca se encontrou com tanta fome antes.

Ele se tornou um adepto de agradá-las e aprendeu o controle que poderia ser obtido por meio desse prazer.

Com esse pensamento em mente, ele abaixou a mulher que reivindicou como sua para seu colo, seu peito inchou quando ela engasgou ao sentir seu pênis contra sua coxa.

Seu temperamento poderia ser um problema se ele não afirmasse seu controle sobre ela de uma forma que lhe permitisse mantê-la segura.

Seu pênis saltou ao sentir sua pele lisa contra ele, e fechando as mãos em sua cintura para mantê-la no lugar, ele sorriu com seu gemido.

— A água está gostosa?

Ela abaixou lentamente a cabeça contra o ombro dele, como se o medo ou desconforto a impedisse de cair para trás contra ele.

— É uma sensação incrível. Está tão quente. Parece borbulhante, mas não vejo nenhuma bolha.

— Apenas deite e deixe trabalhar em seus músculos. Como você se sente em suas bolhas?

Ela virou a cabeça para ele, mas manteve o rosto abaixado.

— Está bem. — Segurando seu queixo, ele levantou e virou seu rosto para ele. — Quando faço uma pergunta, especialmente quando se trata de seu bem-estar, espero a verdade. O que há de errado?

Suas bochechas coraram.

— Nada agora. Quando você me abaixou na água, doeu no começo, mas agora é bom.

— Bom. Abra suas pernas.

Ela hesitou antes de obedecê-lo, uma hesitação que poderia acabar custando-lhe a vida nas circunstâncias erradas.

Usando a desculpa de massagear seus músculos para colocar as mãos sobre ela e dar um passo mais perto de acostumá-la a seu toque, Duke começou a esfregar suas costas.

— Como está o corte nas suas costas?

— Dói um pouco, mas cada vez menos.

Evitando, ele esfregou as costas dela por vários minutos, sorrindo por dentro cada vez que ela gemia e caía mais pesadamente contra ele.

Ela se moveu ligeiramente, chutando lentamente as pernas.

— Você morava aqui com sua esposa?

Ele enrijeceu, assaltado pela culpa.

— Não. Moramos em Houston. Fui embora logo depois.

Ele não foi capaz de suportar os olhares de pena dos outros na cidade e ficou envergonhado por sua incapacidade de proteger sua esposa.

Quando ele conheceu Eb e Jeremiah, que estavam lá para iniciar uma movimentação de gado com o gado que compraram, eles lhe ofereceram um emprego no Circle T.

Ele partiu sem escrúpulos e jurou que nunca tomaria outra esposa. Mas Esmerelda precisava de alguém para cuidar dela, e o pensamento de qualquer outra pessoa tocando-a o deixava mal do estômago. Ele tentou se convencer de que havia feito a coisa certa.

As noites podiam ficar frias e solitárias no rancho, e ter uma mulher para voltar para casa no final do dia seria bom.

— Por que você não é mais o cozinheiro?

Duke sorriu.

— Quando precisei de um emprego, eles disseram que era o que precisavam. As mãos tiveram que aguentar muita comida horrível até que eu acertasse. Eles sabiam o que tinha acontecido e acho que perceberam que me dar espaço e tempo sozinha para resolver isso era o que eu precisava. Cozinhar não fazia com que ficasse sozinho para pensar, e os homens vieram durante todo o dia e noite, mantendo-me ocupado. No final do dia apenas caía na cama e ia dormir.

Franzindo a testa, ele fechou a boca, surpreso consigo mesmo por falar tanto.

— Então, o que você vai fazer agora?

— Trabalhar na fazenda com as mãos.

— Você gostaria disso?

— É o que eu sempre fiz.

— Eu deveria ter adivinhado. Você soube como lidar com Lucky.

— Hmm. — Deslizando a mão sob a coxa da perna com o pé machucado, ele o tirou da água. — Parece melhor.

— Sim. — Ela se virou para sorrir para ele por cima do ombro, o efeito indo direto para seu pênis. — Parece melhor também. Tudo parece melhor.

O que se encaixava perfeitamente com seus planos.

— Você sabe que me pertence, certo?

Ela baixou os olhos, seu rubor se aprofundando.

— Sim.

— A primeira vez é dolorosa para uma mulher.

Assentindo, ela abaixou a cabeça e começou a tremer novamente.

— Minha mãe me disse.

Divertido, ele acariciou a parte externa de suas coxas.

— Parece que você e sua mãe conversaram sobre isso. Quer me perguntar alguma coisa?

Seu rosto ficou ainda mais vermelho quando ela desviou o olhar.

— Eu vi e não acho que vai caber.

Duke teve que se abaixar para ouvi-la. Sem se surpreender com o comentário dela, ele se curvou para beijar seu cabelo.

— Sua boceta vai se esticar para me levar. Como você acha que um bebê sai de lá?

Erguendo o rosto dela, ele procurou seus olhos, sem surpresa por encontrar o medo.

— A primeira vez dói porque você é virgem. Depois disso, não vai doer. Farei o que puder para que você aproveite.

Ele se curvou para tocar sua testa com os lábios.

— Eu quero levar você aqui pela primeira vez.

Ela engasgou e se virou para encará-lo.

— Aqui? — Ela se virou novamente para examinar a área.

Segurando sua mandíbula, ele inclinou seu rosto para ele novamente.

— Sim. Estamos sozinhos, então não preciso me preocupar se alguém ouvir você gritar, e a água vai acalmá-la depois.

Seus olhos se arregalaram e ela começou a tremer mais forte.

— Gritar?

Duke fechou as mãos em sua cintura e a girou para ficar escarranchada sobre ele.

— Sim. Você vai chorar de dor, e então você vai chorar de prazer.

Apertando as mãos contra o peito dele, ela abaixou a cabeça novamente.

— Se você acha que é melhor.

— Eu acho.

Agarrando as bochechas de seu traseiro, ele se levantou e se sentou em uma das rochas que cercavam a fonte.

Ele precisava excitá-la primeiro e se livrar de alguns de seus nervos, e ele não queria que a água lavasse seus sucos. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando ele se virou e a baixou sobre as pedras lisas.

— Duke?

Ele sorriu, seu pau doendo com a necessidade de tomá-la.

— Lembra quando eu falei sobre explorar você?

Esmerelda nunca o tinha visto sorrir daquele jeito antes, a cicatriz que corria por seu rosto fazia seu sorriso parecer um pouco assustador.

— Eu-um.

Ela estremeceu ligeiramente quando a brisa soprou sobre seu corpo molhado, a consciência mais forte do que nunca.

Ela tentou fechar as pernas, envergonhada de que a posição dele entre suas coxas abertas tornasse possível para ele ver tudo, mas ele se aproximou, seu peito pressionando contra seu abdômen com o rosto diretamente acima de seus seios.

— O que você está fazendo?

Ele se curvou para tocar seus lábios em seu mamilo, levantando a cabeça novamente quando ela engasgou com a sensação.

— Vou fazer uma pequena exploração.

Ele acariciou seus seios, a sensação de seus lábios e língua em sua pele incrivelmente íntima.

Os músculos de seu estômago estremeceram, e quando os lábios dele se fecharam sobre seu mamilo, ela gritou com a onda de calor em sua fenda.

Uma dor começou bem no fundo dela, que piorou quando Duke começou a chupar seu mamilo enquanto passava a áspera ponta de seu polegar sobre o outro.

Erguendo a cabeça, ele olhou para ela.

— Tente ficar quieta. Eu não quero que você se machuque.

Ele deslizou mais para baixo, envolvendo as mãos em volta dos joelhos dela.

— Eu vou segurar você porque eu não quero machucar você onde você está empolada. Não há nada a temer.

Ela não sabia o que esperava, mas não tinha sido ele abaixar o rosto e colocar a boca no lugar entre as pernas dela.

Sua língua quente se moveu sobre seu lugar privado, o prazer tão intenso que ela gritou e começou a se mover contra ele.

— Duke!

Ele a lambeu, parando ocasionalmente para olhar para ela.

— Você é deliciosa, Red. Eu poderia fazer uma refeição de você. Agora, fique quieta. Seu corpo é meu, Red, e eu quero explorar.

O constrangimento desapareceu quando o prazer assumiu o controle.

— Duke! Oh Deus! — Tremendo em sua barriga e no lugar entre as pernas a fez desesperada por mais.

Erguendo a cabeça, ele pairou sobre ela, apoiando-se em uma mão ao seu lado. Deslizando a outra mais para o alto, ele acariciou o local sensibilizado por sua língua.

— Este é o seu clitóris. É muito sensível.

Esmerelda gritou e agarrou seu antebraço.

— Sim. Por favor. Eu preciso de algo.

O sorriso de Duke parecia tenso.

— Você precisa gozar, Red.

Ela não entendia o que isso significava, mas confiava nele para dar a ela o que ela precisava.

— Por favor!

— Ainda não. Sinto muito, mas isso vai tornar mais fácil para a sua primeira vez. — Ele deslizou o dedo para baixo e começou a empurrar dentro dela. — Você está bem e molhada.

— Eu sinto muito. — Um pouco envergonhada, ela tentou se afastar dele, mas o movimento de seu dedo movendo-se apenas dentro de sua abertura a deixou paralisada.

— Não há nada para se desculpar. Isso é o que deve acontecer quando uma mulher quer um homem. — Ele pareceu ligeiramente surpreso com isso e olhou para ela como se a visse pela primeira vez. — Você é tão linda.

Ela sorriu timidamente, sentindo-se linda sob seu olhar.

— Obrigada.

Duke sorriu, mas seu sorriso não alcançou seus olhos.

— De nada. Sua boceta está boa e molhada. Eu gostaria de fazer você gozar agora, mas será melhor para você se eu levá-lo agora. Eu prometo fazer você gozar antes de terminarmos aqui.

Esmerelda não tinha ideia do que ele se referia, mas confiava nele o suficiente para concordar com a cabeça.

— Eu não sei o que fazer.

Duke separou suas coxas mais.

— Apenas mantenha suas pernas abertas para que eu não me esfregue contra suas bolhas.

Abaixando-se sobre o cotovelo, ele posicionou seu pênis na abertura de sua boceta, seu olhar segurando o dela.

— Eu sinto muito.

Ele empurrou dentro dela, a dor a fazendo chorar.

Tremendo mais, ela soluçou e o empurrou, mas seu tamanho e força tornavam impossível movê-lo.

— Isso dói.

Duke a puxou para perto, seus lábios roçando sua testa.

— Eu sei. Sem mais dor. Eu não vou me mover até que passe.

Erguendo a cabeça, ele sorriu para ela.

— Você é realmente minha agora. — Lutando contra as lágrimas, ela cerrou os punhos ao lado do corpo e assentiu, querendo nada mais do que ele saísse de cima dela e a deixasse em paz.

Para sua surpresa, ele se abaixou sobre os cotovelos, ambas as mãos empurrando seu cabelo para trás em suas têmporas enquanto segurava seu olhar.

— Você vai confiar em mim?

Esmerelda acenou com a cabeça, sabendo que não tinha escolha, enrijecendo quando ele começou a se mover. Aliviada por a dor aguda ter diminuído, ela se resignou a permanecer quieta e aceitar sua atenção.

Ele observou o rosto dela enquanto ele se movia, suas feições duras.

Mudando ligeiramente, ele se apoiou em um cotovelo e deslizou a mão para o seio dela, seus dedos acariciando levemente seu mamilo.

— Não há mais nada a temer. Sem mais dor.

O roçar das pontas dos dedos sobre seus mamilos reacendeu um pouco do desejo quente que ela havia sentido antes, e depois de um ou dois minutos, ela se viu levantando em suas estocadas lentas.

A consciência entre as coxas aumentou e, embora muito intensa para o conforto, lentamente se tornou um tanto prazerosa novamente.

Duke praguejou e começou a se mover mais rápido.

— Eu sinto muito. Tem sido muito tempo. — Com um gemido, ele endureceu acima dela, empurrando seu pênis profundamente. Ele caiu e,

embora mantivesse a maior parte de seu peso fora dela, seu corpo aqueceu o dela.

Ainda tremendo de intenso prazer, Duke sabia que não tinha dado a Esmerelda o prazer que ela merecia.

Ainda atordoado com a resposta dela ao toque, ele olhou para ela, perguntando-se se encontraria a paixão que esperava.

Sua esposa nunca foi receptiva ao sexo, mas era uma mulher tímida que nunca lhe deu um minuto de problemas.

Esmerelda parecia ser o oposto em todos os sentidos.

Ela parecia aberta ao prazer, e ele percebeu que poderia usá-lo para obter o controle de que precisava para mantê-la segura.

Retirando-se com um gemido, ele a puxou para perto e a levantou, levando-a de volta para a água.

— A água da nascente vai aliviar um pouco a sua dor. — Ainda tremendo de seu orgasmo, ele se sentou na borda da rocha e a colocou em seu colo. — Apenas deite-se e deixe-a fazer o seu trabalho.

Para sua surpresa, em vez de cair contra ele, ela fugiu de seu colo.

— Prefiro me vestir.

Ele se sentou abruptamente e estendeu a mão para ela, mas ela já tinha começado a escalar, estremecendo quando colocou o peso no tornozelo machucado.

— Volte aqui.

— Não.

Ele se levantou para puxá-la de volta, mas um movimento com o canto do olho o fez se mover instintivamente, agarrando sua faca favorita.

Assim que ela se curvou e pegou sua camisa, a cascavel que estava escondida nela se levantou para atacar, mas a faca já havia deixado a mão de Duke.

Ele já havia agarrado outra e estava pronto para jogá-la, mas percebeu que a primeira havia acertado o alvo, cortando a cabeça da cobra antes que ela pudesse atacar.

Duke saltou da fonte antes que Esmerelda gritasse e a puxasse para perto quando ela se virou para ele com medo.

— Você está bem, Red. Ela se foi.

Puxando-a para perto, ele segurou seu corpo nu e trêmulo contra o seu em um esforço para acalmá-la.

— Não olhe.

Ele se abaixou para jogar a cobra e sua cabeça de lado e pegou a faca que havia jogado.

Com um braço ao redor dela, ele a conduziu de volta à nascente, suportando a maior parte de seu peso enquanto ela mancava ao lado dele.

Parando para limpar sua faca e mais uma vez colocá-la ao alcance, ele a pegou e a abaixou na água novamente, seu protecionismo em relação a ela se acentuando com a forma como ela se agarrou a ele com o rosto contra seu pescoço, chorando baixinho.

— Ela se foi, Red. — Com os braços em volta dela, ele esfregou suas costas e quadril, balançando-a lentamente. — Eu estou com você. Você está segura.

Levantando lentamente a cabeça, ela enxugou os olhos e olhou para sua camisa.

— Ela está realmente morta?

Sorrindo, ele agarrou seu queixo e ergueu seu rosto para ele.

— Ela está realmente morta. — Usando o polegar, ele enxugou uma lágrima, seu estômago apertando com a confiança em seus olhos.

Precisando prová-la, ele se curvou para tocar seus lábios nos dela.

Beijar nunca foi importante para ele, mas ele não resistiu em beijar Esmerelda.

Quando os lábios dela se separaram e suavizaram sob os dele, ele não pôde conter um gemido, o pensamento de toda a paixão inexplorada jazendo logo abaixo da superfície agitando uma possessividade dentro dele.

Ele se descobriu aprofundando seu beijo sem tomar a decisão consciente de fazê-lo, amando a sensação dos braços dela em seu pescoço.

Tendo cuidado com o corte em suas costas, ele a puxou para mais perto e deslizou a outra sobre seu seio, seu prazer crescendo quando ela empurrou os seios com mais firmeza contra sua mão.

Humilhado por sua confiança logo depois de causar-lhe dor, Duke acariciou seu mamilo, engolindo seus pequenos gemidos de prazer e prometendo a si mesmo que a recompensaria com prazer.

Ansioso por dar a ela mais, ele a afastou em seus braços, interrompendo o beijo.

— Abra suas coxas. Deixe a água quente acalmá-la.

— Duke! Isso é tão bom. — Inclinando a cabeça para trás contra seu ombro, ela inclinou o rosto para ele.

— Eu sei. — Ele se curvou para tocar seus lábios nos dela novamente, deslizando a mão sob a superfície da água para separar suas dobras. — Fácil. Isso não vai doer. Eu só quero fazer você se sentir bem.

Ela agarrou seu pulso, ofegando quando ele deslizou a outra mão em seu seio.

— Você não precisa.

Compreendendo que ela esperava mais dor, Duke roçou os lábios nos dela novamente, apreciando o ato de beijar pela primeira vez em sua vida.

— Não vai doer. Sem mais dor, Red. — Erguendo a cabeça, ele se viu preso no brilho de seus olhos. — Eu não te avisei que doeria quando eu te pegasse?

Seus olhos se estreitaram.

— Sim.

A falta de ar em sua voz fez seu pau se agitar.

— Eu te disse a verdade. Eu não vou mentir para você. Eu quero fazer você gozar.

Ela apertou seu punho.

— Não sei o que isso significa. — Ele sorriu e roçou os lábios nos dela novamente, encontrando a suavidade e a maneira como ela o beijou de volta, irresistível.

— Você vai ver. Vai se sentir melhor do que qualquer coisa que você já sentiu em sua vida - tão bom que pode te assustar.

Inclinando-se para trás, ele a encorajou a relaxar contra ele e fechou os dedos em seu mamilo enquanto ele lentamente começou a acariciar seu clitóris.

Ela olhou para ele por cima do ombro, as bochechas coradas.

— Isso não faz nenhum sentido. Por que algo bom me assustaria?

Duke escondeu um sorriso quando ela começou a se mover contra suas mãos, sua respiração engatou.

— Porque você nunca sentiu nada parecido antes. Isso vai fazer você se sentir fora de controle, e isso pode ser assustador. Tente se lembrar de que estou com você.

Endurecendo, ela se sentou.

— Não quero.

Fechando as mãos na cintura dela, Duke a puxou para montá-la na saliência da rocha, tornando impossível para ela fechar as pernas. Segurando-a contra ele com uma mão na parte de trás de sua

cabeça, ele usou a outra para acariciar seu clitóris, esperando que seu beijo a distraísse e deixasse o prazer assumir.

A inocência em seu beijo intensificou seu próprio prazer, e embora seu pênis tivesse voltado à atenção, ele sabia que não poderia tomá-la e arriscar machucá-la novamente.

Não acostumada a tanto prazer, ela se desfez em seus braços em minutos, interrompendo o beijo para jogar a cabeça para trás e gritar, seu corpo esguio se curvando.

Seu aperto sobre ele aumentou, seu corpo inteiro tremendo com o prazer que ele deu a ela.

Os gritos dela e o pânico em sua voz quando ela gritou seu nome o fizeram puxá-la para mais perto e segurá-la protetoramente contra seu peito.

— É isso, Red.

Amando a confiança implícita na maneira como ela se agarrava a ele, ele desacelerou seus golpes em seu clitóris e a abaixou em seu colo, tomando cuidado com a parte interna de suas coxas.

— Viu? Sem dor.

Ela caiu contra ele, deixando cair a cabeça em seu ombro.

— Não posso acreditar!

Envolvendo os braços ao redor dela, ele a puxou para mais perto, sabendo que ela precisaria se acalmar.

— Você não pode acreditar no quê, Red?

Ela olhou para ele através de seus cílios, suas feições coradas pela nascente quente e prazer.

— Que eu pudesse me sentir assim... Obrigada.

Rindo, ele passou a mão por seus cabelos molhados.

— De nada.

As pontas dos dedos dela se moveram sobre seu peito, tornando seu pênis ainda mais duro.

— Você se sente assim?

Ele riu novamente, gostando dela.

— Não posso dizer com certeza, mas imagino. — Erguendo a cabeça, ela segurou seus ombros. — O que aconteceu antes...

— Eu tirei sua virgindade. — Incapaz de resistir, Duke deslizou as mãos para acariciar seus seios, visíveis logo acima da superfície da água. — Não vai doer assim de novo. Você se sente melhor?

Assentindo, ela corou mais profundamente.

— Sim. Obrigada.

— Então é melhor irmos. Não quero que você tenha queimaduras de sol além de tudo o mais.

Ela enrijeceu, parecendo em pânico.

Levantando-se com ela em seus braços, ele beijou sua testa.

— Não se preocupe. Vou verificar suas roupas.

Depois que os dois secaram, ele sacudiu suas roupas e ajudou-a a vesti-las.

— Você está andando melhor.

— A nascente parece ter ajudado muito. — Ela corou e baixou os olhos. — Eu me sinto muito melhor.

Seu peito inchou com a satisfação de cuidar de sua mulher.

— Bom. Eu não quero que você exagere, no entanto. — Ele a ergueu contra ele novamente, sorrindo quando ela baixou a cabeça em seu ombro e pressionou a mão em seu peito.

Ele a carregou, não apenas para impedi-la de andar sobre o tornozelo, mas também para mantê-la em seus braços.

Ele considerou sua possessividade natural depois de tirar sua virgindade e sua proteção para com ela tão natural depois de perder sua esposa.

Cheio de satisfação por sua habilidade de agradá-la e os primeiros passos para colocá-la sob controle, ele cavalgou de volta para o rancho, sentindo-se mais à vontade do que há muito tempo.

Capítulo Sete

Assim que eles voltaram para o rancho, Duke a carregou para a cabana de comida e a baixou para um dos bancos.

— Fique aí e eu vou pegar um pouco de comida para você.

Esmerelda acenou com a cabeça, inquieta com o quão quieto ele esteve desde que deixou a fonte termal.

Ela não sabia o que tinha feito para aborrecê-lo, mas ele parecia perdido em seus próprios pensamentos na viagem de volta ao rancho, e ela não pôde deixar de se perguntar se ele a estivera comparando a sua esposa.

E a encontrou carente.

Deprimida, ela mudou para uma posição mais confortável, sacudindo quando outra mulher apareceu na frente dela.

— Desculpe. Eu não queria te assustar. — Sorrindo, ela abaixou-se para o banco, colocando o prato e a xícara na frente dela. — Eu só queria te conhecer. Sou Maggie. Casada com Eb e Jeremiah.

Aliviada por conhecer uma das outras mulheres, Esmerelda retribuiu o sorriso.

— É ótimo conhecer outra mulher. Sou Esmerelda.

Maggie pegou uma coxa de frango e sorriu com simpatia.

— Eu ouvi o que aconteceu. Sinto muito pela sua família. Como está se sentindo? Ouvi dizer que você foi até á nascente.

— Estou bem. — Esmerelda corou quando Duke apareceu novamente, colocando um prato de frango, feijão e pão de milho na frente dela, junto com uma xícara de café. — Obrigada.

Duke sorriu e inclinou a cabeça.

— De nada. Oi, Maggie. Onde está o pequenino?

Maggie sorriu.

— Ace está olhando para os cavalos com seus pais. Eb e Jeremiah querem passar um tempo com ele, o que significa que posso comer em paz. Estamos fazendo sabonetes esta tarde e eu queria conhecer Esmerelda e ver se ela gostaria de se juntar a nós.

Duke olhou para Esmerelda.

— Isso é muito legal da sua parte. O que você acha, Red? Eu posso carregá-la depois que você terminar de comer.

A distância em seus olhos doía.

— Tudo bem se eu usar minha muleta? A casa não é longe, e meu tornozelo está muito melhor.

Maggie engoliu seu pedaço de frango.

— Vou me certificar de que ela se sente com o pé para cima. Isso nos dará a chance de conhecê-la. Nós, mulheres, temos que ficar juntas.

Duke assentiu, seus olhos ainda mais distantes.

— É bom que você faça. — Ele olhou para Esmerelda. — Vou pegar sua muleta, Red.

Esmerelda o viu partir com o coração apertado.

Maggie mordiscou seu frango, seu sorriso simpático.

— Os homens por aqui podem ser uma verdadeira dor, mas *são* bons homens.

Esmerelda encolheu os ombros.

— Eles me resgataram. Duke está cuidando muito bem de mim. Seus maridos... — ela lutou para não pronunciar a palavra — Eb e Jeremiah têm sido muito legais e estão cuidando do meu cavalo como se ele fosse um dos seus.

Maggie assentiu e deu outra mordida no frango.

— Meus maridos se sentem responsáveis por tudo e todos no Circle T. — Ela olhou para a porta onde Duke havia desaparecido de vista. — Eles estão preocupados com Duke desde que o contrataram. Ele se sentiu culpado como o inferno por não ser capaz de salvar sua esposa. Ele tem estado muito quieto, especialmente com os homens, e se preocupa com as mulheres como se fôssemos todas feitas de vidro. Conhecer você o trouxe à vida mais do que eu jamais o vi. Quando soube que ele reivindicou você, soube que precisava conhecê-la.

Acalorada pelo sorriso amigável da outra mulher, Esmerelda olhou para a porta. Vendo que Duke ainda não tinha voltado, ela fez uma careta e pegou a colher para empurrar o feijão pela placa de metal.

— Acho que ele se arrepende.

Maggie franziu a testa e enfiou na boca o pedaço de frango que havia arrancado do osso.

— Por que você pensaria isso?

O rosto de Esmerelda queimou.

— Ele me levou até à fonte. Disse que a água me ajudaria a me sentir melhor.

Maggie sorriu.

— Eu posso imaginar o que aconteceu. Não há nada para se sentir tímida. Ele reivindicou você. Nesta terra, ser reclamada é o mesmo que casar. — Seu sorriso caiu, seus olhos lançando faíscas. — Ele não forçou você, não é? Machucou você? Vou contar a Eb e Jeremiah e ele vai ser expulso do lugar!

— Não! — Em pânico, Esmerelda olhou em volta, corando ao ver que vários dos homens haviam se virado e enrijecido. — Por favor, não pense assim.

Soltando um suspiro, Maggie olhou para os outros homens e sorriu.

— Então me diga.

Surpresa que os outros homens relaxaram e voltaram às suas refeições, Esmerelda não pôde reprimir um sorriso.

— Todos parecem que matariam dragões por você.

Maggie pareceu levar seu comentário a sério, sem sorrir como Esmerelda esperava.

— Eles são assim com todas as mulheres que vêm para as terras de Tyler. Savannah me disse que eles até redigiram algum tipo de contrato que todos os homens que vêm aqui têm que assinar.

Intrigada, Esmerelda se aproximou.

— Mesmo? Que tipo de contrato?

Maggie encolheu os ombros e deu outra mordida. — Não sei. Mulheres não estão a par disso, mas todos sabem que a única maneira de fazer as mulheres virem aqui e ficarem é oferecendo proteção. — Ela gesticulou ao redor da sala. — Você pode pedir ajuda a qualquer um desses homens, e eles te ajudarão. Você grita por ajuda, e os homens virão correndo de todas as direções.

Esmerelda pegou seu próprio frango.

— É bom saber.

— Então, você vai me dizer o que aconteceu com Duke?

Esmerelda suspirou, seu estômago revirando com a lembrança de sua ternura.

— Desde que saímos da nascente, ele tem estado muito quieto. É como se estivesse com raiva de mim por alguma coisa, mas eu não sei o quê.

Maggie franziu a testa.

— Vou falar com Eb e ver se ele sabe de alguma coisa, mas não me preocuparia com isso ainda. Ele disse que mudou de ideia sobre se casar com você?

Engolindo em seco, Esmerelda balançou a cabeça.

— Não, mas ele não disse muito no caminho de volta. Só perguntou se eu estava bem. — Abaixando a cabeça, Esmerelda expressou seu medo. — Temo que ele esteja me comparando com sua esposa e me ache menos especial que ela.

Estendendo a mão, Maggie deu um tapinha na mão dela.

— Não se preocupe com isso ainda. Espere para ver o que acontece no próximo dia ou dois. Não consigo imaginar Duke não sabendo o que pensa. Se ele reivindicou você, ele deve estar falando sério. Duke está de volta. Termine de comer. Conversaremos mais enquanto fazemos os sabonetes.

Esmerelda se aproximou, aliviada quando Duke parou para dizer algo a um dos novos cozinheiros.

— Acho que cometi um grande erro.

Inclinando-se mais perto, Maggie observou Duke e manteve a voz em um sussurro.

— Que tipo de erro?

Seu rosto queimou, mas Esmerelda não conseguiu mais conter sua culpa.

— Eu gostei.

A carranca preocupada de Maggie tornou-se um sorriso lento.

— Nada de errado com isso. Eu mesma me diverti muito.

Atordoadas, Maggie ficou boquiaberta.

— Você se divertiu?

— Claro. Eb e Jeremiah se certificam disso. Ficaram muito orgulhosos de si mesmos também.

— Espere um minuto. — Esmerelda olhou para Duke e se inclinou ainda mais perto. — Você disse a eles que gostou?

— Querida, não tenho como esconder isso.

— E eles não se importam que você goste? Achei que as senhoras... — Mortificada por estar prestes a comparar as mulheres que tinham prazer na intimidade com as que vendiam seus corpos na cidade, Esmerelda abaixou a cabeça, o rosto em chamas.

Para sua surpresa, e alívio, Maggie riu alto, ganhando vários olhares divertidos dos homens nas outras mesas. Ela enxugou os olhos e deu um gole no leite antes de se aproximar novamente.

— Querida, meus homens adoram me agradar. Se você olhar a maneira como Eb e Jeremiah olham para mim, a maneira como Wyatt e Hayes olham para Savannah, e Hawke, Blade e Phoenix olham para Sarah, você verá o que quero dizer. Eles têm aquele olhar presunçoso de um homem que sabe que pode dar prazer a sua mulher. Shh. Duke está vindo.

Duke se aproximou, sentando-se ao lado de Esmerelda e apoiando sua muleta na mesa.

— Eu vou ajudar com a cerca. Tem certeza de que não quer que eu a carregue até a casa principal?

Olhando para Duke, Esmerelda procurou em seu rosto um vislumbre de sua satisfação com ela, mas não encontrou nada.

— Eu posso fazer isso. Quero começar a me mover. Quando estou parada, fico rígida.

— Não pode acontecer. — Duke se levantou, voltando sua atenção para Maggie. — Você parece satisfeita consigo mesma.

Maggie piscou.

— Pareço?

Duke acenou com a cabeça, sorrindo fracamente.

— Deve ter algo a ver com aqueles seus maridos andando por aí como pavões. Eles estão muito orgulhosos de você, querida, e muito orgulhosos daquele bebê que você lhes deu.

Sua expressão endureceu novamente quando ele olhou para Esmerelda.

— Seu rosto está vermelho. Deve ter pego muito sol. Vou buscar você para o jantar.

Esmerelda o observou partir, com o coração apertado.

— Algo me diz que Duke nunca vai olhar assim para mim.

Capítulo Oito

Suado e irritado, Duke terminou de cavar outro poste da cerca e recuou. Tirando o chapéu, ele enxugou a testa com a manga, olhando na direção da casa principal, longe demais para ver, enquanto o colocava de volta na cabeça.

— Eu deveria ter feito ela usar o chapéu.

Ele estava cuidando dela por apenas um dia e já havia falhado com ela. Ela foi ferida e ele tirou sua virgindade.

Pareceu uma boa ideia enquanto eles estavam na nascente, mas agora parecia egoísta.

Ele lhe deu prazer depois, mas não o fez se sentir melhor.

Ele queria marcá-la como sua.

Will deixou cair o poste da cerca no buraco que Duke acabara de cavar e franziu a testa em confusão.

— Do que diabos você está resmungando?

Constrangido por ter expressado seus pensamentos em voz alta, Duke foi em direção ao local para cavar o próximo buraco.

— Red. Seu rosto estava vermelho quando a deixei. Eu deveria ter feito ela usar o chapéu.

Pensando na maneira como ele carregou Esmerelda por cima do ombro, ele estremeceu interiormente.

— Ela não precisa de uma queimadura de sol além de todo o resto. — Segurando o poste no lugar, Will enxugou o suor da própria testa. — Se ela tiver, Maggie vai lhe dar algo. Você pode verificar quando for buscá-la.

— Sim. — Duke começou o próximo buraco, meio ouvindo Will e Adam preenchendo a sujeira para proteger o poste.

Satisfeito com a tarefa estúpida de cavar buracos para a cerca circundar o sumidouro, Duke não conseguia parar de pensar em Esmerelda.

Seus gritos de prazer ainda ecoavam em seus ouvidos, gritos que ele nunca tinha ouvido de sua esposa.

Ele se sentiu culpado como o inferno por comparar Esmerelda com sua esposa morta e se sentiu ainda mais culpado porque a raposa ruiva consumiu seus pensamentos e deu a ele mais prazer físico do que Mary jamais dera.

Embora ele nunca tivesse planejado se casar novamente, ele se imaginou com outra mulher e sempre pensou em outra mulher como Mary.

Frágil. Dócil. Tímida.

Mary nunca teria cavalgado sozinha durante a noite em busca de segurança. Ela teria se enrolado como uma bola e chorado até que alguém viesse para ajudá-la ou machucá-la.

Ela teria morrido em vez de correr o risco de cavalgar pela noite em segurança.

Mary era uma mulher delicada e nunca teria tido forças para enterrar sua família.

Mary havia tolerado a intimidade e nunca gostara realmente dela, mentindo em silêncio enquanto ele a tomava e sempre parecendo aliviada quando ela terminava.

Ele queria um filho com ela, mas tinha transado cada vez com menos frequência, e sempre se sentiu culpado por isso depois.

Não importa o quanto ele tentou, ele nunca foi capaz de dar a Mary o prazer que ele deu a Esmerelda.

Ele não era tão experiente na época e teve que admitir que aprendeu um pouco com as prostitutas da cidade, mas não pôde deixar de desejar ter sido capaz de ver a expressão de prazer no rosto de Mary e ouvir seus gritos de felicidade quando ele a fez gozar.

Ele tinha sido seu marido e devia isso a ela. Fazendo uma pausa, ele fechou os olhos e tentou imaginar Mary.

A visão dela deitada no chão, imóvel e ensanguentada, formou-se em sua mente.

Ele não foi capaz de salvá-la.

Ela morreu porque ele não foi forte o suficiente. Rápido o suficiente. Quase imediatamente, o rosto de Mary mudou, o cabelo castanho emoldurando-o tornando-se mais espesso e com manchas

vermelhas que brilhavam ao sol. Suas feições se tornaram mais nítidas, as maçãs do rosto mais altas.

Embora os olhos dela permanecessem fechados, ele sabia que os olhos castanhos lisos haviam sido substituídos por olhos verdes brilhantes, e um leve respingo de sardas pontilhava a ponte do nariz e ambas as maçãs do rosto.

Com uma maldição, ele abriu os olhos, seu coração batendo furiosamente. Ele não podia perder Esmerelda.

* * *

Depois de um dia cavando buracos, Duke estava de péssimo humor, a fome tornando seu humor ainda pior.

Ele e Will cavalgaram de volta para o rancho enquanto Adam dirigia a agora vazia carruagem que estava cheia de postes quando eles partiram.

— Droga, estou com fome. Espero que esses novos cozinheiros tenham descoberto como fazer algo com um pouco de sabor.

Duke encolheu os ombros.

— Eles estão indo bem. Não costumavam lidar com a quantidade de suprimentos disponíveis para eles aqui. Eles são jovens, mas estão ansiosos para aprender. Eles precisam do trabalho.

Will inclinou a cabeça, erguendo a voz para ser ouvido sobre a carruagem, que Adam dirigia entre eles.

— Eu sei. Ouvi dizer que seu pai perdeu tudo na seca e eles não conseguiram encontrar trabalho. Jeremiah os encontrou em Oklahoma City.

A mandíbula de Adam apertou.

— Eles estavam trabalhando em um rancho onde Jeremiah foi comprar um novo touro e encontrou o capataz batendo neles com um chicote.

Duke tinha ouvido a história e ainda o enfurecia.

— Garotos crescidos e eram chicoteados por roubar pão de milho.

Will girou em sua sela.

— O quê? Merda. Agora eu me sinto mal por pegá-los.

Duke sorriu fracamente.

— Eles não se importam tanto quanto você pensa. Eles apreciam fazer parte de algo maior. Eles estão trabalhando muito para agradar. Eles são teimosos sobre o café.

Will fez uma careta.

— Sim, é...

O som de tiros interrompeu tudo o que ele estava prestes a dizer.

Duke fez uma pausa, tentando descobrir de qual direção ele vinha, com o coração na garganta.

Quando mais dois tiros vieram em rápida sucessão, Duke decolou. Will se aproximou dele.

— Está vindo da casa principal! — Onde todas as mulheres se reuniram para fazer sabonetes.

Mais dois tiros vieram um após o outro, parecendo muito com um tiroteio.

O estômago de Duke se contraiu dolorosamente, seu coração batendo quase fora do peito.

Imaginar Esmerelda ou outra mulher deitada sangrando no chão o fez levar seu cavalo ao limite.

Mais dois tiros vieram, um logo após o outro, assim que a casa principal apareceu.

Muito longe para ver qualquer coisa com clareza, ele não podia confundir o número de homens parados ao ar livre.

Will olhou para Duke, seus olhos cheios de horror.

— Por que diabos eles estão todos parados?

Demorou mais alguns minutos cavalgando o mais forte que podiam antes de chegar perto o suficiente para ver a situação.

Todos se reuniram no campo próximo à casa principal, um lugar pontilhado com vários tocos de árvores que sobraram das árvores cortadas anos antes para a casa principal.

Centenas de árvores se estendiam até onde a vista alcançava atrás delas, e as árvores haviam sido reduzidas ligeiramente ao longo dos anos para a construção de madeira e lenha, e mais árvores continuavam substituindo-as.

Apoiada em sua muleta, Esmerelda estava entre Maggie e Savannah, todas as três mulheres armadas, seus sorrisos brilhantes e risadas atraindo sorrisos de todos que pararam para assistir.

Savannah e Maggie usavam pistolas, enquanto Esmerelda usava um rifle. Hawke se virou quando eles se aproximaram, seu braço seguramente ao redor de Sarah. Ele olhou para o cavalo ofegante e suado de forma significativa antes de erguer o olhar para o de Duke.

— Que bom que você chegou a tempo de ver o show.

Jeremiah riu de algo que Maggie disse e voltou para sua tarefa de colocar latas em dois tocos diferentes, um na frente de Maggie e o outro na frente de Savannah.

O estômago de Duke se apertou de raiva quando viu que Jeremiah não havia incluído Esmerelda.

Eb se aproximou, seu filho, Ace, em seus braços. Sorrindo, ele gesticulou em direção às mulheres.

— As mulheres estão se divertindo muito. Eu não sabia que Esmerelda sabia atirar.

Duke franziu a testa.

— Ela disse que podia caçar. Eu não sabia o quão boa ela é atirando.

Hawke sorriu.

— Esteja preparado para se surpreender.

Eb ajustou Ace que balançava em seus braços.

— Depois que elas terminaram de fazer seus sabonetes, Maggie me chamou para definir alguns alvos para elas. Ela e Savannah estão sempre competindo e ficaram excitadas quando Esmerelda disse que sabia atirar. Ela não é um empate rápido, mas, caramba, se eu não a quieria do meu lado em um tiroteio.

Sarah se virou, apoiando-se pesadamente em Hawke.

— Esmerelda disse que nunca acertou em alvos antes e só era boa em acertar animais correndo.

Espere até ver o que ela pode fazer.

Ela se virou para erguer o rosto para Hawke.

— Eu quero aprender a atirar. — Hawke sorriu fracamente e beijou sua testa. — Não é uma má ideia. — Duke se acalmou quando Jeremiah se afastou e gesticulou para que as mulheres se preparassem, ficando em seu cavalo para ter uma visão melhor.

— Por que Jeremiah não preparou uma lata para Esmerelda?

Eb sorriu.

— Veja.

Pelo menos trinta trabalhadores do rancho estavam ao redor para observar as mulheres, radiantes de orgulho. Todos eles pararam, todas as conversas parando quando Jeremiah levantou a mão.

Depois de vários segundos de parar o coração, Jeremiah cortou a mão no ar.

— Vai!

Savannah e Maggie tiraram de seus coldres, um flash de movimento que aconteceu quase simultaneamente. Ambas as mulheres puxaram seus gatilhos, enviando as duas latas voando no ar ao mesmo tempo.

Para o espanto de Duke, Esmerelda já havia erguido seu rifle emprestado e atirado primeiro nas latas de Savannah e depois nas de Maggie no ar.

O queixo de Duke caiu, o orgulho crescendo em seu peito.

— Maldito seja.

Eb sorriu.

— As armas secretas do Circle T. — Seu sorriso caiu. — Eu prefiro que o mundo exterior não saiba sobre isso.

Duke franziu a testa, seu estômago deu um nó ao pensar em alguém aparecendo para desenhar em qualquer um deles.

— Nisso nós concordamos. Não tenho certeza se gosto de minha mulher disparando um rifle sem eu estar por perto.

Eb inclinou a cabeça.

— É seu direito. Tenho que dizer que não resisti em ver isso. Eu assumo total responsabilidade. Mas olhe para seus rostos. Como um homem pode resistir a isso?

— Pelo menos ela usava o chapéu. — Permitindo um pequeno sorriso, Duke não pôde deixar de comparar Esmerelda a Mary e, mais uma vez, sentiu-se culpado por nunca ter visto Mary se divertir tanto.

E Mary tinha pavor de armas.

Mais uma vez consumido pela culpa por compará-las, Duke escorregou da sela, prendendo a respiração quando Esmerelda girou a cabeça como se tivesse sentido sua presença.

Radiante, ela começou a ir em direção a ele, movendo-se mais rápido do que deveria.

— Duke! Você me viu?

Correndo à frente, ele a segurou antes que ela caísse, incapaz de conter um sorriso.

— Eu vi você. Não me disse que podia atirar assim.

A culpa fez seu tom de acusação em vez do orgulho inchando seu peito. Ele se sentiu ainda pior quando o sorriso dela sumiu.

Com um encolher de ombros, ela baixou o olhar.

— Eu realmente nunca tentei fazer isso antes. Eu só atirava em animais. Realmente não havia tempo para fazer algo assim.

Olhando para ele através dos cílios, Esmerelda enrubesceu.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter feito isso quando você não estava aqui.

Sentindo-se um calcanhar, Duke ergueu o queixo dela, forçando um sorriso.

— Eu disse que você pode confiar nos homens aqui. Nenhum deles teria deixado você fazer isso se não tivesse certeza de que você estava segura.

Seus olhos se arregalaram.

— Você não está com raiva de mim?

Passando a mão pelo cabelo dela, ele forçou outro sorriso.

— Não, Red. Eu não estou bravo com você.

— Então por que parece bravo comigo?

— Porque trabalhei muito o dia todo. Estou suado e com fome e estava voltando para cá quando ouvi tiros. Eu sabia que todas vocês, mulheres, estavam em casa, e era de onde os tiros estavam vindo. Eu estava tão preocupado até encontrá-la rindo e se divertindo.

Esmerelda se acalmou, seus olhos se estreitando.

— Então o problema é que estava me divertindo um pouco?! Você teria ficado mais feliz se eu tivesse levado um tiro?!

— Você sabe muito bem que eu não quero que você leve um tiro.

— Percebendo que ele se encontrou no extremo receptor de seu temperamento, Duke estreitou os olhos, seu pau se agitando. Curvando-se, ele tocou seus lábios em sua orelha, mantendo a voz baixa. — Você pode querer controlar esse temperamento, Red, ou eu vou controlar para você.

Endireitando-se, Duke levantou uma sobrancelha, deixando-a saber que ele esperava que ela tomasse a decisão de tentá-lo a espancá-la ou não.

Para sua satisfação, os olhos dela se arregalaram novamente, as bochechas corando ainda mais. Inclinando-se mais perto, ela sussurrou furiosamente:

— Você está apenas procurando um motivo para me bater.

Divertido e encantado com o espírito dela, Duke sorriu.

— Você vai me dar um?

— Não!

Rindo, Duke estudou suas bochechas coradas e as faíscas em seus olhos verdes e descobriu que a desejava mais do que nunca.

— Tem certeza disso, Red?

— Tenho certeza.

Passando a mão pelo cabelo dela, ele sorriu fracamente, certo de que ela não seria capaz de resistir a tentá-lo novamente.

— Teremos que arranjar um rifle para você quando formos para a cidade.

Jeremiah se aproximou, seu braço em volta de Maggie.

— Se estiver tudo bem para você, ela pode ter aquele. Ela disse que é como o dela que queimou no fogo.

Esmerelda engasgou, seu olhar voou para Duke, a esperança e felicidade em seus olhos sua ruína.

Endurecendo quando ela agarrou a frente de sua camisa, Duke sorriu e cobriu a mão dela com a sua, virando a cabeça para encontrar o olhar de Jeremiah.

— Obrigado.

Esmerelda sorriu.

— Obrigada. Vou cuidar bem disso. — Maggie sorriu. — Você nos viu?

— Apenas o fim. — Balançando a cabeça, ele viu que Savannah agora carregava um bebê agitado e que vários outros trabalhadores do rancho se juntaram a eles. — Você com certeza está chamando muita atenção. Talvez todos vocês devam deixar as pessoas saberem quando farão isso. Homens estão vindo de todos os lugares, pensando que há um tiroteio no local.

Jeremiah franziu a testa.

— Você tem razão. Devemos reservar um ou dois dias a cada mês para a prática de tiro ao alvo.

Maggie riu e franziu o nariz.

— E se houver um tiroteio de verdade naquele dia, ninguém vai notar.

Jeremiah sorriu para ela.

— Eles vão notar. — Ele se virou para Duke. — Você conseguiu terminar os postes da cerca antes de assustá-lo?

Duke sorriu fracamente com o pedido de desculpas nos olhos de Jeremiah.

— Nós fizemos. Estávamos voltando.

Jeremiah inclinou a cabeça.

— Mandaremos alguns homens amanhã para terminá-lo. Amanhã você começa sua casa, certo?

— Esse é o plano. — Duke puxou Esmerelda para mais perto, tirando o rifle de sua mão enquanto ela se apoiava pesadamente no pedaço de madeira esculpido em uma muleta. — A Red foi desarraigada e eu quero instalá-la em sua própria casa o mais rápido possível.

Jeremiah acenou com a cabeça, seus olhos simpáticos.

— Eu concordo. As mulheres precisam ser acomodadas. Precisamos construir muito mais por aqui. Eb e eu queremos trazer uma loja e ter nossa própria cidade. Não me importo de receber olhares sujos do pessoal de Tulsa, mas não gosto que as mulheres os recebam.

Maggie suspirou.

— Não seria maravilhoso ter uma loja por perto? — Jeremiah sorriu com o entusiasmo dela. — Temos uma prisão e nosso próprio médico.

— Estamos trabalhando nisso, querida. Queremos colocar Emmett em sua própria loja também. Desire tem muito que crescer.

Esmerelda piscou.

— Desire? Achei que fosse Circle T.

— E é. — Jeremiah inclinou a cabeça. — A cidade que estamos construindo se chama Desire. Vamos usar parte do Circle T para a cidade. Queremos um lugar onde pessoas como Eb e eu possamos viver com uma mulher como Maggie sem qualquer desrespeito de estranhos.

Maggie olhou para Jeremiah por entre os cílios antes de sorrir para Esmerelda.

— Eles até têm as regras elaboradas.

Jeremiah franziu a testa.

— O que você sabe sobre isso?

Os olhos de Maggie se estreitaram.

— Não o suficiente. Savannah sabe sobre as regras que todos vocês escreveram, mas ninguém vai nos dizer quais são.

Apertando a mão em seu cabelo, Jeremiah inclinou a cabeça para trás.

— A única regra com a qual você tem que se preocupar é obedecer a seus maridos. Vamos. Vamos ver como Ace está.

Ele começou a se virar, parando abruptamente e voltando.

— A propósito, você terá muita ajuda amanhã. No dia seguinte, vamos para a cidade. O trem está chegando e entendemos que temos alguns problemas esperando por nós.

Duke balançou a cabeça com o olhar de antecipação de Jeremiah.

— Eu consigo isto.

Balançando a cabeça, Jeremiah puxou Maggie para perto.

— Não é assim que as coisas são feitas por aqui, e você sabe disso. Estamos pegando duas pranchas como suprimentos. Você cavalgará com Esmerelda. Tenho certeza que você quer mantê-la por perto. Mantenha-a perto aqui também. Todo mundo está à procura de problemas, caso ele fique impaciente e decida vir aqui.

Maggie fez beicinho.

— Eu quero ir. Ela vai se casar e precisa de uma mulher lá.

— Não. — O tom de Jeremiah não admitia discussão, algo que Maggie pareceu entender imediatamente.

Assentindo, ela se encostou nele.

— Você pode trazer de volta fitas e palitos de hortelã-pimenta.

Rindo, Jeremiah a afastou e foi em direção a Eb.

— O que você quiser, querida.

Esmerelda franziu a testa enquanto Jeremiah e Maggie se afastavam, inclinando-se para sussurrar para Duke.

— Existe uma razão pela qual Maggie não pode vir? Jeremiah não está fingindo que gosta de mim, está? Ele quer que eu fique longe dela?

O estômago de Duke apertou com a tristeza em seus olhos e em seu tom.

— Não, Red. Não é nada disso.

Envolvendo um braço ao redor dela, Duke começou a ir em direção a seu cavalo novamente, curvando-se para tocar seus lábios em seu cabelo.

— Eu não quero te assustar, mas te dizer a verdade é a melhor maneira de te manter em guarda. Sparks e seus homens estão em Tulsa esperando por você.

Colocando a mão na garganta, Esmerelda engasgou e se afastou dele.

— O quê? Por quê?

Duke estendeu a mão para ela novamente.

— Acalme-se, Red, e eu explicarei. — Esmerelda empalideceu, empurrando-o, e recuando apressadamente, seu movimentos desajeitados.

— Seu bastardo! Você está me dando a ele, não é?

Duke piscou, ciente de que toda a conversa ao redor deles havia terminado e que vários dos outros trabalhadores do rancho haviam se aproximado, aparentemente encantados com a cena que se desenrolava diante deles.

— Bastardo?

Para choque de Duke, Esmerelda se equilibrou precariamente e ergueu a muleta para acertá-lo.

— Você disse que me queria!

Pegando a ponta da muleta, Duke se aproximou.

— Eu quero!

— Mentiroso!

Levantando uma sobrancelha, ele entregou o rifle para Will, que estava mais perto e sorriu como um idiota.

Duke se aproximou de Esmerelda, seus olhos se estreitaram.

— Você acabou de me chamar de mentiroso? — Ele manteve o tom frio, segurando a ponta da muleta, apesar da tentativa dela de tirá-la de suas mãos.

Maggie saltou na direção de Esmerelda.

— Esmerelda, talvez...

Jeremiah pegou sua esposa com um braço em volta da cintura.

— Fique fora disso, Maggie.

Erguendo o queixo, Esmerelda puxou a muleta novamente.

— Sim! Que tipo de homem faz promessas a uma mulher e depois desiste delas?

— Não é honrado.

— Você está me levando a Tulsa para me entregar ao Big Bill!

Duke segurou a muleta, fechando firmemente a distância entre eles.

— Não. Não estou. Você é minha, Red.

Ela puxou a muleta novamente e apressadamente deu vários passos para trás.

— Você disse a ele que eu estaria lá?

— Não pessoalmente, mas eu disse que queria que ele soubesse. A notícia chegou a ele porque eu queria.

Seus olhos se arregalaram e, se possível, ela empalideceu ainda mais.

— Viu? Você admite!

Duke inclinou a cabeça, perguntando-se o que tinha feito para fazê-la desconfiar tanto dele.

— Admito que queria que ele soubesse que estaríamos em Tulsa.

— É por isso que você disse que não queria que eu ficasse com medo, não é? Você sabia que estava me entregando a ele. Bem, eu não irei!

— Você está indo, mas eu não vou te dar a ele.

— Você admitiu!

— Eu não admiti tal coisa. — Duke puxou a muleta para longe e a jogou de lado, segurando-a pelos braços para firmá-la. — Queria que ele soubesse que estaríamos lá e que nos casaríamos porque não quero que você fique olhando por cima do ombro pelo resto da vida. Do jeito que está, teremos que olhar por cima dos ombros até chegarmos a Tulsa, caso ele decida aparecer aqui.

Esmerelda piscou.

— Oh.

— Esperamos que ele espere até chegarmos à cidade. Ele vai nos enfrentar lá, e assim fazendo, estamos esperando por ele e você não estará sozinha.

Esmerelda engoliu em seco e olhou para Maggie.

— Então é por isso que Maggie não pode vir?

Duke inclinou a cabeça.

— É por isso que Maggie não pode vir.

Corada, Esmerelda encolheu os ombros.

— Oh. — Baixando o olhar, ela deu mais um passo para trás, parecendo nervosa quando ele continuou a diminuir a distância entre eles. — Você deveria ter me contado.

Duke levantou uma sobrancelha para isso.

— Eu estava tentando te dizer isso, mas esse seu temperamento assumiu novamente.

Ela olhou de lado para os outros, seu rosto ficando ainda mais vermelho.

— Você não pode me culpar por pensar isso.

Satisfeito por ver que ela teve a graça de ficar envergonhada, Duke ergueu uma sobrancelha.

— É uma pena, porque eu sim. — Curvando-se, ele pressionou seu ombro para sua barriga e a ergueu sobre o ombro, curvando-se para pegar seu chapéu. Virando-se, ele se dirigiu para seu cavalo, batendo em sua bunda quando ela lutou. — Fique parada.

— Duke!

— Eu não dei a você nenhuma razão para duvidar de mim, e ainda assim você duvidou. — Obter o controle dela se tornou um desafio ao qual ele não conseguia resistir. — Não vou tolerar seus acessos de raiva, Red.

Jeremiah pegou a muleta, sem se preocupar em esconder o sorriso, muito parecido com os sorrisos dos trabalhadores do rancho que ainda os observavam.

— Já que você está com as mãos ocupadas, vou levar a muleta e o rifle para a cabana de comida e deixá-los para você.

— Obrigado.

Hawke segurou as rédeas de seu cavalo enquanto Duke montava.

— Boa sorte. — Com Esmerelda por cima do ombro, Duke suspirou. — Não pense que a sorte vai ajudar nisso.

Capítulo Nove

Uma vez de volta em sua cabana, ele a colocou de pé, sem tirar os olhos dela enquanto deslizava o pedaço de madeira no lugar para trancar a porta. Ele pendurou o chapéu dela e o dele em unhas curvas ao lado dele. Virando-se, ele cruzou os braços sobre o peito.

— O que você tem para me dizer?

Não confiando no olhar dele, ela recuou, não parando até chegar à parede oposta.

— Eu sinto muito.

Levantando uma sobrancelha, ele baixou as mãos até os quadris.

— Você sente?

Nervosa com seu tom frio, Esmerelda respirou fundo várias vezes para se acalmar.

— Eu sinto. Eu só estava com medo. Achei que você fosse me entregar a Big Bill.

— Eu sei o que você pensou.

— Você realmente não pode me culpar por isso.

Ele se abaixou para tirar as botas.

— Ninguém mais para culpar. — Esmerelda fez uma careta. — Eu só estava com medo de que você mudasse de ideia.

Depois de colocar suas botas de lado, ele se endireitou.

— Não te deu razão para isso. — Percebendo que suas palavras ficaram cortadas, Esmerelda teve a sensação de que havia cruzado uma linha invisível.

— Por favor, não fique com raiva de mim. — Com cuidado para não colocar muito peso em seu tornozelo, ela recuou e agarrado à parede. — Você vai me bater?

— Você merece isso.

Pressionando as costas das mãos contra o traseiro, Esmerelda se apoiou pesadamente na parede.

— Eu já disse que sinto muito.

Ele tirou a camisa.

— Você me chamou de bastardo. Mentiroso. — Esmerelda engoliu em seco novamente, percebendo que o fizera na frente de uma multidão.

— Eu realmente sinto muito.

— Tentou me acertar com uma muleta.

Cravando as mãos nas costas, Esmerelda se endireitou e se afastou da parede, resignando-se a enfrentar as consequências.

— Eu fiz. Isso estava errada.

Ele jogou a camisa de lado, movendo-se para a mesa embaixo da janela e colocando várias facas na superfície.

— Estava.

Ele fechou a janela, sinal de que queria privacidade, e despejou água na bacia.

Ele trouxe mais dois baldes naquela manhã antes de sair para o dia, uma tarefa que seria dela assim que pudesse se mover sem a muleta.

A distância que ele colocou entre eles deu a ela a coragem de dar mais um passo para perto dele. Ela podia ver o quão suado ele ficou por cavar os postes da cerca durante todo o dia e se sentiu ainda pior por perder a paciência.

— Você trabalhou duro hoje.

Ele largou o pano na água e pegou o sabonete na prateleira, recuperando o perfume dele e dela.

— Trabalho duro todos os dias.

Distraída pelo feixe e mudança de músculos, ela deu um passo mais perto, hipnotizada pela visão dele se lavando.

— Aposto que você está com fome.

— Hmm.

Engolindo em seco, ela caminhou com cuidado ao redor do colchão, forçando-se a continuar se movendo até ficar bem atrás dele.

Estendendo a mão, ela tocou suas costas, encontrando-as pegajosas de suor.

— Posso lavar suas costas?

Duke se acalmou brevemente, virando-se para olhar para ela enquanto enxaguava o sabonete do rosto, peito, braços e axilas antes de ensaboar o pano novamente. Virando-se novamente, ele entregou a ela, seus olhos estreitos e afiados.

Nervosa, ela o pegou, esperando até que ele se virasse novamente antes de começar a lavá-lo, amando a sensação dos músculos rígidos sob suas mãos. Desejando ter a coragem de usar as mãos nuas nele, ela o lavou lentamente, querendo prolongar o máximo possível.

— Eu te envergonhei na frente de todos.

Duke virou a cabeça para olhar para ela por cima do ombro.

— Eu não estava envergonhado. Estava louco.

— Se você pudesse ver isso do meu ponto de vista, você entenderia.

— Explique.

Tremendo com sua voz fria, Esmerelda continuou a lavar suas costas, ensaboando os músculos grossos.

— Acho que você me reivindicou em um momento de fraqueza.

Ele se virou para olhar para ela novamente.

— Um momento de *fraqueza*?

Esmerelda encolheu os ombros e estendeu a mão para lavar os ombros.

— Eu acho que você me reivindicou rápido porque sentiu pena de mim. Isso não é maneira de reivindicar uma esposa.

— Eu sabia o que estava fazendo.

Terminado, Esmerelda enxaguou o pano e começou a enxaguá-lo, hipnotizada pela visão dos músculos úmidos e escorregadios.

— Como posso saber disso?

— Porque eu te disse.

Assim que ela terminou, ele se virou para encará-la novamente, tirando o pano de sua mão e jogando-o na bacia.

— Eu não levei isso de ânimo leve, e eu não estou dando-lhe qualquer razão para pensar que não quero você. Eu já disse que mudei de ideia?

Esmerelda encolheu os ombros, seu rosto queimando sob seu olhar firme.

— Não, mas achei que você não queria me dizer. Então, quando você mencionou Big Bill...

— Você percebeu que eu estava procurando uma maneira de me livrar de você, então eu apenas entregaria você para ele? Você deve ter uma opinião e tanto a meu respeito, Red. — Segurando seu queixo, ele ergueu seu rosto para ele. — O que eu fiz para você pensar algo assim?

Seu rosto ficou mais quente.

— Depois de você... depois que fomos para a nascente, você ficou muito quieto. Achei que você se arrependeu... você sabe.

Seus olhos se estreitaram em fendas.

— De tirar a sua virgindade? — Assentindo, ela baixou o olhar, seu rosto em chamas. — Eu não me arrependo. Eu sabia o que estava fazendo. Eu disse que você é minha. Eu quis dizer isso. Vou começar a casa amanhã, e você vai ficar por perto. No dia seguinte, levantaremos antes do amanhecer e cavalgaremos para Tulsa e nos casaremos.

Esmerelda acenou com a cabeça, seu estômago revirando com a ideia de ser casada com ele.

— Por enquanto, porém, você e eu temos alguns negócios para cuidar. — Ele começou a desabotoar a camisa dela, seus olhos a desafiando a desafiá-lo.

Não querendo dar a ele essa satisfação, Esmerelda ficou parada, seu olhar sobre o dele.

— Você vai me bater, não é?

Duke terminou de desabotoar a camisa dela e a jogou de lado.

— Para começar. Sem camisa?

Esmerelda engoliu em seco.

— Dormi com ela e preciso lavar a outra.

Ele desabotoou a saia dela e a deixou formar uma poça no chão.

— Vou levá-la ao riacho depois do jantar. Sente-se na beira do colchão.

Sem usar nada além dos mocassins, Esmerelda obedeceu, colocando o pé dolorido na frente dela.

De pé sobre ela, Duke gesticulou em direção ao colchão.

— Mantenha seu traseiro na borda e deite-se.

Mantendo as pernas juntas, ela fez o que ele exigia, seus mamilos ericando quando o olhar de Duke a percorreu, seus olhos brilhando com calor.

— Antes de terminarmos aqui, você não terá nenhuma dúvida sobre a quem pertence.

Engolindo em seco, Esmerelda espalmou as mãos sobre os seios e acenou com a cabeça.

— Tudo bem.

Ela não tinha ideia do que ele planejava fazer com ela, e embora ela tremesse de nervosismo, ela não o temia.

Duke começou a contornar o colchão, observando-a com firmeza.

— Uh-huh. Coloque as mãos ao lado do corpo. Se você tentar esconder algo de mim de novo e eu vou tirar suas roupas e fazer você ficar na cabana.

Acreditando nele, Esmerelda engoliu em seco novamente e acenou com a cabeça, fechando as mãos em punhos.

Erguendo a cabeça para vê-lo se mover ao redor do colchão, ela se pegou tremendo ainda mais quando ele foi até o baú ao lado da cama e pegou a lata de pomada.

Seguindo-o com os olhos, ela o observou em volta do colchão novamente, parando para ficar a seus pés.

— Abra suas pernas.

Engolindo em seco novamente, Esmerelda abriu as pernas vários centímetros uma da outra, sem se surpreender por elas tremerem.

Os olhos de Duke se estreitaram quando ele jogou a lata no colchão ao lado dela e se ajoelhou entre suas pernas, segurando-a suavemente envolvendo uma mão em torno de cada panturrilha para afastar mais as pernas.

— Você é minha, Red. Tudo em você.

Começando em seus ombros, ele passou as mãos sobre ela, parando para segurar seus seios.

— Cada centímetro de você. Tudo isso é meu.

Sua respiração tornou-se irregular, engatando quando ele fechou os dedos em seus mamilos.

Atordoada com a sacudida de calor em seu clitóris, ela espalmou as mãos no colchão, apenas para fechá-las novamente no lençol.

Os lábios de Duke se estreitaram, seus olhos se estreitando em desagrado. Apertando seus mamilos um pouco mais, ele os puxou ligeiramente para longe de seu corpo.

— Diz.

— Eu sou sua.

Ele soltou seus mamilos, passando as mãos sobre os seios como se para acalmar a dor.

— Seu corpo é meu.

Ela pressionou os joelhos contra a parte externa das coxas, a consciência em seu clitóris e boceta tão intensa que ela não pôde evitar tentar se fechar contra ele.

— Sim.

Os olhos de Duke brilharam com calor.

— Tudo isso. Posso fazer o que quiser com isso. — Esmerelda respirou fundo quando ele abaixou a cabeça e sugou um mamilo em sua boca, a onda de calor em seu clitóris fazendo seu coração bater mais rápido.

— Sim!

Erguendo a cabeça, ele olhou para ela, passando a mão em sua barriga.

— Você pode ter meu bebê em sua barriga agora.

Esmerelda engasgou, chocada com a intimidade.

— Eu nem pensei nisso.

— Eu pensei. — Ele deslizou a mão mais abaixo, acariciando seu clitóris antes de afundar um dedo em sua boceta. — E você acha que estou te entregando?

Percebendo que havia entendido um pouco mal, Esmerelda estendeu a mão para ele, fechando a mão em seu antebraço.

— Você tem filhos?

— Não. — Toda a ternura deixou sua expressão, seus olhos se tornando duros e frios novamente. Cuidando de seu pé machucado, ele

ergueu seus joelhos, empurrando-os de volta contra seu corpo. — Seu temperamento é meu também. É minha responsabilidade e meu controle.

Agarrando seu antebraço, Esmerelda assentiu, a indefesa de sua posição fazendo sua boceta apertar, liberando seus sucos.

— Duke.

Ele ergueu a mão e desceu bruscamente na curva externa de sua bochecha.

— Quieta. Eu não quero que você fale até que eu faça uma pergunta. — Ela involuntariamente lutou para endireitar as pernas, surpresa por não conseguia movê-los.

Ela sabia que ele era forte, mas tinha a sensação de que o havia subestimado.

Ele deu um tapa em seu traseiro novamente, e embora evitasse cada hematoma, o segundo tapa fez seu traseiro doer.

— Eu não me importo com seu temperamento, mas não vou permitir que você seja tão teimosa a ponto de se colocar em perigo.

Ele bateu em seu traseiro novamente, assustando um grito dela.

— Tudo o que você faz reflete em mim e me afeta. Se você me desobedecer ou tiver um acesso de raiva como esse novamente, eu vou bater em você. Você me entende?

Mortificada de que o calor que ele gerou a excitou e teve mais de seus sucos escapando, Esmerelda assentiu.

— Eu entendo.

Ainda segurando suas pernas altas, ele deslizou um dedo em sua boceta.

— Você está molhada. Você gosta de ser espancada, querida?

Virando o rosto em chamas, ela cerrou os punhos na cama novamente, com medo de perceber a verdade.

— Não!

Vários outros tapas caíram em rápida sucessão, fazendo seu traseiro queimar com violência.

— Você *nunca* vai mentir para mim!

Lágrimas de excitação, frustração e vergonha fizeram seus olhos arderem.

— Eu sinto muito.

— Você vai se arrepender muito. Envolve os braços em volta das pernas e segure-as para cima.

Percebendo que participaria de sua própria punição, Esmerelda hesitou, uma hesitação que lhe valeu mais três tapas.

— Você está realmente me desobedecendo agora?

— Eu sinto muito. — Envolvendo apressadamente os braços ao redor da parte inferior dos joelhos, ela manteve as pernas puxadas para trás contra o peito.

Para sua surpresa, Duke riu.

— Acho que vou gostar de domar você, sua pequena gata selvagem.

Esmerelda prendeu a respiração quando ele alcançou a lata de pomada, seu olhar segurando o dela enquanto colocava um pouco em seu dedo.

Mordendo o lábio em um esforço para não perguntar o que ele estava prestes a fazer, ela tremeu mais forte com a suspeita de que ele iria enfiá-lo em seu traseiro.

Duke apoiou o antebraço em suas mãos como se não confiasse nela para manter as pernas erguidas.

— Vou ter que comprar um pouco mais disso na cidade. Você já sabe para onde está indo, não é, Red?

— S-sim. — Ela odiava que sua voz tremesse e fechou os olhos contra o constrangimento.

Duke fez uma pausa com o dedo posicionado em sua abertura enrugada.

— Olhe para mim!

Seus olhos se abriram, seu rosto queimando quando viu o calor em seu olhar. Ele inclinou a cabeça com satisfação.

— Bom. Continue olhando para mim.

Suas pernas tremeram quando ele começou a empurrar o dedo em seu traseiro, e ela se apertou contra a sensação estranha.

Sua respiração ficou presa quando ele moveu o dedo dentro dela, cobrindo as paredes de seu traseiro com a pomada.

Sabendo que ele podia ver que ainda mais umidade vazava de sua boceta, ela apertou os braços em volta das pernas, com medo de tremer tanto que acidentalmente iria soltá-las.

Ele tomou seu tempo, observando seu rosto enquanto movia o dedo dentro dela.

— Fique quieta. Vou adicionar outro dedo. Vamos esticar essa bunda para o meu pau.

— Oh! — Esmerelda não conseguiu conter o grito, o pensamento dele empurrando seu pênis dentro dela deixando-a ainda mais nervosa. — Duke, eu não sei.

— Eu faço. — Ele despejou pomada em seu dedo adjacente e pressionou os dois dedos contra sua abertura. — Você esqueceu que isso é meu. Eu disse *tudo de você*, Red.

Seu traseiro queimou quando ele empurrou os dois dedos dentro dela, a sensação de estiramento total fazendo-a se sentir tão decadente e fora de controle.

Observando seu rosto, ele moveu os dedos para dentro e para fora dela.

— Apenas deixe ir. Você não tem nenhum controle sobre isso. Pare de pensar sobre isso e apenas sinta.

— Eu não posso acreditar que você está fazendo isso.

Os olhos de Duke se estreitaram.

— Vou fazer todo tipo de coisa com você e não quero que fique envergonhado. Você é minha. O que acontece entre nós não é da conta de ninguém.

Impressionada com a forma como sua voz profunda se aprofundou ainda mais, Esmerelda assentiu, sem tentar falar.

Ele se levantou, ainda olhando para ela enquanto lavava as mãos na bacia.

Depois de secá-los, ele jogou a toalha sobre a mesa e se virou para ela, tirando a calça, revelando seu pau duro e grosso, que pretendia usar para tomar seu traseiro.

Ajoelhando-se entre suas coxas, ele olhou para ela e, para sua surpresa, passou a ponta do dedo levemente sobre a parte interna da coxa.

— A pomada está trabalhando em suas bolhas. Vou colocar mais depois.

Segurando a parte inferior de seus joelhos, ele abriu suas pernas.

— Coloque as mãos ao lado do corpo, Ruiva.

Aliviada por soltar as mãos, ela as fechou na cama, abrindo e fechando as mãos enquanto esperava a dor dele empurrando seu pênis grosso em seu traseiro.

Chocada quando ele posicionou a cabeça de seu pau na abertura de sua vagina, ela prendeu a respiração, deixando escapar um gemido quando ele empurrou em sua boceta.

— Oh! — ela gritou com a plenitude, atordoada que seus sucos permitiram que ela o tomasse tão facilmente.

Era incrível, seus golpes lentos e superficiais permitindo que ele se movesse cada vez mais fundo nela. A fricção contra suas paredes internas teve sua excitação crescendo novamente com uma velocidade que a atordoou.

A risada de Duke soou áspera.

— Sente-se bem, Red?

Usando a força de seu domínio sobre suas pernas, ela se ergueu em suas estocadas.

— Sim. Eu lamento, mas é verdade.

Abaixando-se, ele apoiou uma mão em cada lado de sua cintura, mantendo suas pernas enganchadas sobre seus braços poderosos. Sua expressão suavizou ligeiramente enquanto ele diminuía suas estocadas.

— Por que você lamenta?

Ela se perguntou se algum dia se acostumaria a ter uma parte dele dentro dela, a intimidade do ato não algo que ela pensava em desfrutar.

Agora ela não conseguia se imaginar nunca mais se sentindo assim.

Seus mamilos doíam por atenção, seu corpo inteiro tão sensibilizado que até mesmo seu toque mais leve a inflamava.

Encontrando melhor alavancagem, ela lutou para conseguir mais, tentando bombear seus quadris para induzi-lo a se mover mais rápido.

— Porque as mulheres não devem gostar. Por favor!

Os olhos de Duke brilharam com calor, mas permaneceram estreitos nos dela.

— Você é uma coisinha gananciosa, não é?

Não o entendendo, ela gemeu de frustração quando ele se retirou abruptamente.

— Sinto muito. O que eu fiz errado?

O sorriso de Duke fez seu coração disparar.

— Não há nada para se desculpar, e você não fez nada de errado. Eu gosto que você goste disso.

Abaixando-se, ele tocou seus lábios nos dela.

— Nada faz um homem se sentir tão bem quanto saber que sua mulher o quer.

— Mesmo?

Ela não tinha acreditado muito em Maggie, e se sentiu aliviada por Duke gostar que ela o quisesse.

Endireitando-se, ele se ajoelhou entre suas pernas novamente, liberando uma para deslizar a mão mais para baixo.

— Mesmo.

Esmerelda estremeceu quando ele passou o dedo sobre seu clitóris, clamando pelo intenso prazer, uma sensação que se espalhou por ela, aquecendo-a em todos os lugares.

— Oh! Isso é tão bom. Por favor!

— Eu gosto que meu toque te dê prazer.

— Sim. Duke, por favor me ajude.

— Eu vou. — Sua voz soou mais áspera do que antes, e observando seu rosto, ele acariciou levemente seu clitóris. — Eu quero sua bunda. É minha também, e antes de terminarmos aqui, você saberá a quem pertence.

Ajustando seu aperto, ele segurou ambas as pernas juntas novamente, pressionando-as contra seu peito.

Ela prendeu a respiração quando a cabeça de seu pênis pressionou contra sua abertura enrugada, um gemido áspero escapando quando ele começou a empurrá-lo dentro dela.

— Duke! Oh Deus!

Apertando os olhos fechados, ela lutou contra a sensação, atordoada pela intensidade e intimidade total.

Ele gemeu e pressionou mais fundo, forçando os músculos tensos a ceder.

— Calma, Red. Eu não vou dar tudo para você. Só um pouco desta vez.

Seus gritos e gemidos ásperos soaram desesperados para seus próprios ouvidos, a sensação ardente e muito íntima de seu pênis pressionando-a, em guerra com o prazer de seus dedos em seu clitóris.

Ela poderia dizer quando a cabeça de seu pênis estava dentro dela por seu gemido áspero e a sensação de sua abertura se fechando sobre ele.

Tremendo mais forte, ela prendeu a respiração quando ele fechou ambas as mãos em seus joelhos e as espalhou, facilitando-as para os lados.

— Queima.

Seu prazer se desvaneceu, a sensação de queimação e ardência muito intensa assumindo o controle.

Duke gemeu e se inclinou para a frente, apoiando-se com uma mão na cama enquanto usava os dedos da outra mão para acariciar seu clitóris.

— Olhe para mim, Red.

Forçando os olhos a se abrirem, ela lutou para não se agarrar a ele, mas seu corpo parecia ter vontade própria.

— Você se sente tão bem. Você é tão apertada, e sua bunda está me agarrando bem. Eu não vou durar muito. Não lute contra isso, querida. Eu não estou me mexendo. Apenas sinta.

Ela não conseguia desviar o olhar da fome em seus olhos.

— Eu não. Eu não posso. — Contorcendo-se embaixo dele, ela lutou pelo prazer que sabia que ele podia dar a ela. — Por favor.

A sensação de queimação em seu traseiro diminuiu, e para seu espanto, a plenitude e a decadência de ter o pênis de Duke dentro de sua abertura mais privada aumentaram a necessidade furiosa por ela em vez de diminuí-la.

— Vou me mover bem devagar. — O tom rouco de Duke a excitava e assustava, a profundidade da fome nele era de tirar o fôlego.

— Duke? — Ela não conseguia esconder a apreensão em sua voz, o medo de sua fome assumindo o controle e fazendo-o perder o controle esmagador.

O sorriso de Duke parecia tenso.

— Querida, eu peguei você. Apenas deixe ir. Aproveite o prazer.

Ele deslizou seu pênis um pouco mais fundo e se retirou até que apenas a cabeça permanecesse dentro dela enquanto ele continuava a acariciar seu clitóris.

Ele fez isso repetidamente, cada golpe lento levando-o um pouco mais fundo, seu pênis esticando seu traseiro para acomodá-lo.

Ela se encontrou balançando novamente sem querer, a sensação de seu pênis se movendo dentro de seu traseiro e enchendo-a mais com cada impulso, fazendo-a clitóris queimar ainda mais quente.

O prazer cresceu, a sensação estranha de ter seu traseiro preenchido criando um tipo diferente de prazer que não era menos opressor.

Olhando nos olhos de Duke, ela viu seu próprio prazer, o que fez o dela ainda mais intenso.

Suas carícias em seu clitóris a fizeram queimar e então começar a formigar, e entre uma respiração e a próxima, o calor formigante tomou conta dela com pressa, apertando seu corpo insuportavelmente quando o prazer sublime tomou conta dela.

Gritando seu nome, ela se contorceu embaixo dele, apertando as mãos repetidamente na cama.

— Duke! Oh!

Duke desacelerou seus golpes em seu clitóris, mantendo a onda de calor rolando sobre ela em ondas enquanto continuava a empurrar dentro dela.

Ele parou de se mover de repente, agarrando sua cintura com mais força e jogando a cabeça para trás com um gemido profundo que parecia vir do fundo de seu peito.

Fascinada com a visão, ela respirou fundo ao sentir seu pênis se movendo dentro dela, algo que parecia pequenas ondulações.

Os olhos de Duke se abriram imediatamente.

— O que há de errado?

O prazer persistente enxugou a maior parte de seu constrangimento.

— O que é que foi isso?

Franzindo a testa, Duke retirou-se lentamente, mais uma vez arrancando um suspiro dela com a sensação estranha.

— O que foi o quê?

Seu constrangimento voltou com força total sob seu olhar penetrante.

— Dentro de mim. Antes de você... uh... tirá-lo.

Duke se inclinou sobre ela, tomando seus lábios novamente.

— Qual foi a sensação?

Com o rosto dele tão perto do dela, ela sentiu o seu ficando quente.

— Não sei. Como ondulações, talvez. Logo depois que você gemeu.

— Eu gozei dentro de você. Esse foi meu pau disparando meu esperma na sua bunda, da mesma forma que gozei em sua boceta.

Depois de tocar os lábios em um mamilo e depois no outro, Duke se levantou, esperando que ela não visse o quão instável ele estava.

— Fique quieta e eu vou limpar você.

Antecipando-se a ela, Duke ergueu a mão quando ela queria se levantar.

— Eu disse para você ficar parada.

Ela parecia tão doce, ainda corada com o prazer que ele tinha dado.

Mesmo que ela ainda não levasse seu nome, ela pertencia a ele de uma forma que sua esposa nunca tinha.

Mais uma vez atingido pela culpa, ele se levantou.

— Você é minha, Red, e se eu quiser cuidar de você depois de levá-la, é meu direito.

Irritado consigo mesmo por seu olhar abatido, Duke abriu a janela para despejar a água suja do lado de fora e encheu a bacia com água limpa.

Usando o sabonete perfumado dela, ele ensaboou o pano e se virou, sem surpresa ao encontrá-la olhando para ele. Sentindo o olhar dela

em seu pênis, ele se ajoelhou entre as pernas dela novamente, prometendo a si mesmo que iria compensá-la levando-a para nadar no riacho.

Ele correu o pano levemente sobre sua boceta macia antes de levantar seus quadris ligeiramente para limpar seu traseiro.

Satisfeito em ver que os hematomas da queda desapareciam mais a cada dia, ele sentiu o olhar dela quando ela se apoiou nos cotovelos.

— Alguma coisa em sua mente?

Ela franziu os lábios como se pesasse as palavras.

— Por que você estava tão quieto? Já aconteceu mais de uma vez. No caminho de volta da nascente. Na cabana de comida.

Não querendo admitir que a estava comparando com sua primeira esposa, e a culpa de sentir mais por Esmerelda do que por Mary, Duke balançou a cabeça.

— Meus próprios pensamentos. Nada para você se preocupar.

Depois de limpá-la e depois a si mesmo, ele cedeu à tentação e se jogou no colchão ao lado dela, rolando para o lado e se apoiando no cotovelo para olhá-la fixamente. Estendendo a mão, ele cobriu sua barriga, imaginando-a grávida de seu filho.

— Ainda tem alguma dúvida de que você é minha?

O sorriso tímido de Esmerelda, especialmente depois de sua recente demonstração de temperamento, o encantou de maneiras que ele nunca experimentou.

Ela o fazia feliz e acariciava sua masculinidade de uma forma que ele achava irresistível.

Divertido que seu pênis se mexeu novamente, ele se curvou para tocar seus lábios nos dela, saboreando sua suavidade. Quando os lábios dela se suavizaram e ela rolou em sua direção, ele não resistiu ao convite.

Aproveitando sua vantagem, ele separou os lábios dela, dando-lhe a ternura que Mary nunca quis.

Com um gemido, ele interrompeu o beijo e se levantou, colocando distância entre eles em um esforço para evitar a tentação.

— Duke?

Pegando uma calça limpa, ele ficou de costas para ela.

— Sim?

— Como você sabia que Big Bill estava procurando por mim?

Sabendo o quanto a machucaria descobrir por que sua família tinha sido morta, Duke deu de ombros, conformando-se com uma meia-verdade.

— Hayes e Wyatt ouviram sobre isso. Eu quero que você fique de olho. Ele sabe que estou levando você a Tulsa para me casar com você. Ele não é um homem paciente e pode muito bem aparecer aqui para te roubar antes que eu possa.

— Oh. Tudo bem.

Ele pegou uma camisa e se virou para ela, forçando um sorriso.

— Vamos. Eu estava com fome quando te encontrei e agora estou com ainda mais apetite.

Capítulo Dez

Esmerelda entregou sua camisa recém-lavada para Duke torcer.

— Obrigada. Você tira muito mais água das roupas do que eu.

Duke torceu a camisa dela e a enfiou no alforje para pendurar quando voltassem para a cabana.

— De nada. Você está indo muito bem, mas estou com pressa.

Sentada em uma pedra, ela se virou para olhá-lo por cima do ombro.

— Oh? — Sorrindo, ela ensaboou o último par de calças dele. — Tem algo que você quer fazer?

Duke se virou, seus olhos se estreitaram.

— Você quer de novo, Red?

Seu rosto queimou, mas ela não pôde resistir a provocá-lo, ansiosa por um de seus raros sorrisos.

— Você disse que não era nada para se envergonhar.

Ele se aproximou, seus passos firmes nas pedras escorregadias.

— Não é, contanto que você só me queira.

Esmerelda deixou cair as calças na água e ficou boquiaberta com ele.

— Claro que só quero você.

O pensamento de outro homem tocando-a do jeito que Duke fez a fez mal do estômago.

Seus lábios se contraíram, mas seus olhos se estreitaram novamente.

— Melhor ficar assim. Eu mataria outro homem por tocar em você. Você sabe disso, não é?

Pegando as calças novamente, ela as enxaguou, um arrepio passando por ela.

— Você planeja matar Big Bill?

Ela só encontrou o outro homem uma vez, mas a maneira como ele olhou para ela ainda conseguia enviar calafrios para cima e para baixo em sua espinha.

— Você se importaria se eu matasse?

Esmerelda pegou a muleta e lembrou-se de que Duke a deixara na cabana da comida. Antes que ela pudesse se levantar, ele tirou a roupa pingando dela e a colocou de pé.

— Segure para mim. — Duke torceu a umidade de suas calças, virando-se para olhar para ela. — Nós vamos?

Segurando o braço dele, Esmerelda passou a ponta dos dedos pela faixa de couro que passava por cima de seu ombro, na diagonal de seu peito até a cintura do outro lado, passando pelas costas e subindo novamente.

Presas à pulseira, as bainhas de couro seguravam facas em seu peito, ao lado e nas costas, garantindo que ele sempre tivesse uma faca ao alcance.

Sorrindo quando os olhos dele se estreitaram, ela deixou as pontas dos dedos vagarem para o outro ombro, o olhar de desejo em seus olhos dando-lhe coragem.

— Só se você tiver que ir para a cadeia.

Envolvendo um braço ao redor dela, Duke a conduziu até seu cavalo, enfiando as calças molhadas em seu alforje com os outros.

— Eu não irei para a cadeia. — Seus lábios se contraíram. — Se eu fizer isso, haverá muitas pessoas dispostas a me libertar. Se fosse necessário, poderia desaparecer neste rancho para o resto da minha vida.

Virando-a para encará-lo, ele sorriu.

— Você quer dar um mergulho? — Emocionada com a perspectiva, Esmerelda olhou em volta instintivamente. — Nós podemos?

Puxando a trança que ela prendeu em seu cabelo antes de lavar as roupas, Duke se sentou em uma pedra para tirar as botas.

— Eu não teria perguntado de outra forma. Você pode se despir. Ninguém vai se aproximar de nós.

Esmerelda olhou em volta novamente.

— Como você sabe disso?

— Porque este riacho é protegido e um dos empregados do rancho nos viu subir. Ele vai passar a palavra e ninguém vai nos incomodar, mas eles vão impedir qualquer um de nos espreitar.

Surpresa com isso, Esmerelda franziu a testa.

— Eu não vi ninguém.

Duke sorriu e beijou sua testa, recuando abruptamente.

— Você estava procurando por cobras, se bem me lembro. Se apresse. Vai escurecer em breve.

Quando os dois ficaram nus, ele a carregou para o riacho e a colocou de pé.

— Você sabe nadar?

— Claro. — Ela sorriu para ele. — Eu adorava nadar na lagoa a cerca de um quilômetro de nossa casa.

As memórias de sua família a deprimiam, e ela estendeu a mão para tocar seu peito, acalmada pelo contato.

— Freddie sabia nadar como um peixe. — Ela olhou ao redor para o pequeno riacho, a corrente lenta deixando-a feliz por Duke ter uma mão em volta de sua cintura. — Com a corrente, ele teria flutuado e nadado até o fim.

— A corrente não é tão forte, mas não quero que você entre sem mim.

Inquieta com sua seriedade, Esmerelda espirrou água nele.

— O que você vai fazer, cowboy? Me bater?

Seus lábios se contraíram, mas sua expressão permaneceu fria.

— Pelo menos. Fácil. Tente não colocar muito peso nesse tornozelo.

Alguns instintos femininos reagiram a sua aspereza, e ela se encontrou desesperada para suavizar suas arestas. Envolvendo os braços em volta do pescoço dele, ela ergueu as pernas para circundar sua cintura, prendendo a respiração quando seu pênis roçou seu traseiro.

— Que tal se eu fizer isso?

Aliviada quando ele imediatamente fechou as mãos em sua bunda, ela se aconchegou mais perto e timidamente tocou seus lábios em sua mandíbula.

— É muito mais quente assim.

Recuando, ele a olhou com desconfiança.

— Se eu não soubesse melhor, pensaria que você estava flertando comigo.

Satisfeita por sua expressão ter se suavizado um pouco, Esmeralda deslizou a mão sobre sua careca, surpresa ao descobri-la espinhosa.

— Por que você raspa a cabeça?

— Não queria colocar cabelo na comida.

Apertando as mãos em seu traseiro, ele se moveu para águas mais profundas.

— Segure firme.

Ela apertou os braços ao redor de seu pescoço, surpresa quando ele ajustou seu aperto e alcançou entre eles para equilibrar seu pênis na abertura de sua boceta.

Segurando seu olhar, ele lentamente a abaixou em seu pênis, mais uma vez fechando as duas mãos em seu traseiro.

Impressionada com o quão cuidadosamente ele a observava, ela gemeu de prazer quando ele a encheu e sorriu.

— Eu acho que meu flerte valeu a pena.

Seus lábios se contraíram com isso, a tensão em sua expressão diminuindo ligeiramente.

— Eu acho que sim.

Segura em seu aperto, ela correu as pontas dos dedos sobre seu couro cabeludo novamente.

— Eu nunca vi você fazer a barba.

Ainda olhando para ela, ele lentamente começou a movê-la em seu pênis com estocadas lentas e superficiais.

— Eu geralmente faço a barba de manhã, antes de você acordar.

— É espinhoso. Você vai deixar crescer?

— Pode ser. Cansado de fazer a barba. — Ele empurrou dentro dela, seu pênis indo mais fundo. — Tenho outras maneiras de passar meu tempo.

Encantada com suas provocações, Esmerelda deslizou os calcanhares pela parte de trás de suas coxas.

— Mesmo? O que é isso?

— Eu acho muito conveniente ter uma mulher quente na cama comigo. É difícil para um homem se afastar e começar um longo dia de trabalho sem tirar proveito disso.

Escondendo sua decepção por ele não falar de amor, Esmerelda observou seus olhos e passou o dedo pela extensão da cicatriz em seu rosto.

— Isso ainda dói?

— Não. — Ele empurrou mais rápido como se tentasse distraí-la, aumentando o prazer. — Sensível, mas não dói. É apenas feio.

Esmerelda sorriu e passou a ponta dos dedos pelo queixo dele, ciente de que ele a observava de perto.

— De alguma forma não. Você é muito bonito e isso só o faz parecer mais masculino.

Sua vagina se apertou sobre ele, a plenitude e a fricção enviando-a cada vez mais perto do prazer que ansiava.

— Duke! Oh, Deus!

Quando ele empurrou mais rápido, ela gemeu e agarrou seus ombros, cravando os calcanhares em sua bunda.

— Aposto que quando você for para Tulsa, todas as mulheres vão querer você. Oh!

Seu impulso mais profundo a chocou, a sensação de seu pênis quente enchendo-a em nítido contraste com a água fria em sua fenda.

— Não machuque seu tornozelo. — Ele se curvou, mordendo seu lábio inferior, o gesto de alguma forma brincalhão e ameaçador. — Eu só quero uma mulher.

Erguendo o rosto para o beijo, Esmerelda bateu com os calcanhares nas coxas dele.

— É melhor você não olhar para outra mulher.

Os olhos de Duke se estreitaram em advertência, mas um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

— Não tenho medo desse temperamento, Red.

Ele empurrou mais rápido, seu olhar encoberto e quente.

— Eu posso lidar com seu temperamento e sua paixão. Goze para mim. Deixe-me ouvir esses gritos doces.

Ele se inclinou para trás, ajustando o ângulo de suas estocadas, bombeando mais forte dentro dela, gemendo quando seu corpo se apertou e o prazer tomou conta dela.

Ele empurrou várias vezes mais, mergulhando fundo.

— Sim. Eu amo esses gritos. Sua pequena boceta me aperta quando você goza.

Agarrando seus antebraços, ela jogou a cabeça para trás, o cabelo submerso na água.

— Eu não posso evitar.

Gemendo novamente, ele empurrou dentro dela e se acalmou, seu aperto firme. Deslizando a mão pelas costas dela, ele a puxou contra ele, o poderoso movimento a pegou de surpresa.

Embalando-a contra seu ombro, ele tocou seus lábios em sua têmpora e a tirou da água.

— Está ficando escuro. Temos que ir.

— Hmm.

Duke a abraçou, caminhando até a toalha que ele já havia preparado para secá-los, ainda abalado, não apenas por seu orgasmo, mas por sua brincadeira e por ela ter tocado sua cicatriz.

Ele sabia que Mary teria repulsa por isso e nunca teria se despido para ir para o riacho, muito menos fazer amor nele.

Amor.

Abaixando-se para uma das rochas planas ao redor do riacho, com Esmerelda ainda montada nele e empalada em seu pênis, Duke começou a secá-la.

— Desculpe, você não conseguiu nadar.

Levantando a cabeça de seu ombro, Esmerelda sorriu para ele.

— Eu não perdi nada. — Ela ergueu o rosto para o beijo dele novamente, mas em vez de evitá-lo como fez da última vez, ele aceitou o convite.

Segurando a toalha nas costas dela, ele passou os braços em volta dela e tomou sua boca com a sua, surpreso com o quanto ele gostou.

O quanto isso aumentou a sensação de proximidade entre eles. *Amor.*

Ele havia prometido amar sua esposa, e pensava que sim.

Ele se sentiu ainda mais culpado porque o que sentia por Mary empalideceu em comparação com o que sentia por Esmerelda.

Ele não conseguia se lembrar de ter se sentido tão vivo.

Ele conhecia Mary há anos antes de se casar com ela. A vida deles em Houston parecia uma eternidade atrás.

Para ele, talvez, fosse.

Ele conhecia Esmerelda há apenas alguns dias e se sentia mais próximo dela do que jamais se sentiu com Mary.

Engolindo o gemido de Esmerelda, ele sorveu sua doçura, surpreso com o prazer que sentiu em beijá-la.

Pela sensação de seus seios nus contra seu peito. Ela era sua de uma forma que Mary nunca tinha sido.

E ele era dela, mais do que ela teria percebido.

Levantando relutantemente a cabeça, ele olhou para ela, seu peito se inchou de orgulho ao ver a felicidade em seu rosto.

Com os olhos fechados, os lábios mais escuros e inchados de seus beijos e as bochechas coradas de prazer, ela tinha que ser a coisa mais linda que ele já tinha visto.

Ela era sua e logo usaria seu nome.

Uma onda de possessividade tomou conta dele, seus instintos protetores afiados.

— É melhor irmos andando, Red. Vai escurecer em breve.

Ele a ergueu de seu pênis e a colocou de pé, ignorando seu olhar de surpresa.

* * *

Duke acordou abruptamente, sentindo que algo havia mudado. Esmerelda rolou de costas.

Apertando o braço ao redor dela, ele a puxou de volta.

Com um suspiro, Esmerelda moveu-se contra ele, deslizando a perna sobre a dele e movendo a cabeça para uma posição mais confortável em seu peito.

Sob as cobertas leves, ele passou a mão pela parte inferior das costas dela enquanto ela dormia. Mary tinha dormido de lado o mais longe possível dele, e isso não o incomodou em nada.

Ele estava grato por seu próprio espaço.

Assim que Esmerelda se acomodou contra ele novamente com outro suspiro, ele olhou para a janela, incapaz de ver a lua devido à roupa pendurada para secar na frente dela.

Ele já havia se acostumado com Esmerelda aninhada contra ele enquanto ela dormia a ponto de ele acordar quando ela se mudou.

Amor.

Ele pensou que sabia o significado da palavra, mas agora se perguntava.

Ele sabia que sua culpa tinha começado a se interpor entre ele e Esmerelda, e ele sabia que tinha que se livrar dela.

Ele simplesmente não sabia como.

A necessidade de construir uma casa para ela de repente assumiu um significado maior.

Capítulo Onze

Sentindo falta da proximidade que ela havia compartilhado com Duke na noite anterior, Esmerelda se virou para sorrir para Sarah, olhando para trás para ver que Phoenix os afastou, mas ficou perto.

— Foi legal da parte de Maggie e Savannah me incluir na fabricação de sabonetes.

Ela e Sarah subiram a colina atrás da casa de Sarah, e logo a dela, com Phoenix seguindo protetoramente atrás delas.

Ela esperava que se manter ocupada afastasse sua mente de Duke e sua depressão, mas não funcionou.

Maggie a deixou escolher o material do prédio de suprimentos e ela estava trabalhando em uma camisa para Duke, mas ainda assim deu a ela muito tempo para pensar.

Eles acordaram cedo, como de costume, mas em vez de ele tomá-la com uma ternura que trouxe lágrimas aos olhos, ele rolou para longe dela e se levantou.

— Vamos, Red. Vamos tomar um café da manhã para que eu possa começar a trabalhar em nossa casa.

Ela tinha perdido isso.

Ela olhou para trás, para onde sua nova casa tomava forma com velocidade surpreendente, avistando Duke imediatamente.

Sarah sorriu e se abaixou para pegar outra flor para sua cesta.

— Eles são boas pessoas, e eu tenho que admitir que fiquei muito aliviada por me aceitarem. É maravilhoso saber que há outras mulheres no local.

Esmerelda piscou.

— Por que não aceitariam você?

Sarah olhou de volta para Phoenix.

— Eu trouxe problemas comigo. Roubei um pouco de ouro de um fora-da-lei e ele veio atrás de mim.

Esmerelda se endireitou após colher outra flor com um suspiro, atordoadada com a admissão.

— Bom Deus! Ele ainda está atrás de você?

— Não, mas ele causou problemas. Eu não os teria culpado por me odiar por causar problemas, mas eles me aceitaram. Eles são boas pessoas.

Esmerelda suspirou e olhou ao redor.

— Eu posso ter trazido problemas para mim também. Eu não tinha ideia de que Big Bill me queria ou poderia ser tão cruel. Espero que ele não apareça aqui.

Sarah sorriu e olhou para Phoenix.

— Os homens estão todos à espreita. Eles estão sempre prontos para problemas, então eu não me preocuparia tanto. — Ela sorriu, franzindo o nariz. — Acho que eles realmente adoram ter uma desculpa para lutar.

Esmerelda juntou mais flores e colocou-as no cesto. — Obrigado por tentar me fazer sentir melhor. Nunca tive um amigo antes. Vivíamos tão longe de todos.

Sarah sorriu tristemente e se virou para olhar para Phoenix novamente.

— Eu morava no meio da cidade e ainda estava sozinho. É lindo aqui. — Ela parou de colher mais flores. — Estou feliz que seu tornozelo está melhor.

— Eu também sou. — Esmerelda sorriu de volta, lembrando-se de como Duke havia se preocupado com isso. — Duke está sempre verificando. Estou feliz que ele finalmente me deixou sair para me mudar.

Sarah acenou com a cabeça.

— Ouvi dizer que ele saiu com os outros para trabalhar na cerca. Estou tão feliz em vê-lo sorrir. Ele meio que me assustou quando cheguei aqui.

Esmerelda encolheu os ombros e se inclinou para mais perto, não querendo que Phoenix a ouvisse.

— Ele sorriu quando cheguei aqui, mas desde o dia em que voltamos da nascente, ele tem estado muito quieto. Ele fica carrancudo o tempo todo. — Ela se abaixou para colher outra flor, engolindo o nó na

garganta. — Bem, não o tempo todo. Ele diz que não é verdade, mas acho que se arrepende de me reivindicar.

Sarah girou a cabeça, a ação fazendo com que Phoenix se enrijecesse e chamasse seu nome.

Acenando com a mão para indicar que estava tudo bem, Sarah agarrou o braço de Esmerelda.

— Não. Isso não pode ser verdade!

Sarah encolheu os ombros novamente.

— Ele tem estado tão quieto. Não sei o que pensar. Sinto-me a mulher mais sortuda do mundo quando consigo fazê-lo sorrir. Às vezes, ele parece estar em outro mundo, um que não me inclui.

— Ouvi dizer que você foi ao riacho para lavar roupas na noite passada. — Sarah deu uma risadinha. — Vi você quando você voltou. Seu cabelo estava todo molhado. Você caiu?

O rosto de Esmerelda queimou, mas ela não conseguiu conter um sorriso.

— Não. Depois que terminei com as roupas, Duke quis entrar.

Sarah sorriu.

— Vai lá toda semana para lavar a roupa. Desde que esteja quente o suficiente, eles sempre querem entrar. Quase tão divertido quanto a nascente.

— Sim. — Esmerelda enrubesceu com a lembrança. — Eu até fiz Duke sorrir. — Balançando a cabeça, Sarah moveu-se pela grama para outro grupo de flores.

— Se ele disser que ainda quer se casar com você, eu não me preocuparia com isso. Talvez ele esteja apenas começando a enfrentar... Oh! Não se mexa! — Sarah respirou fundo, segurando o braço de Esmerelda. — Phoenix!

Algo sobre sua linguagem corporal já deve tê-lo alertado, porque ele silenciosamente se aproximou deles, arma em punho.

Só quando Esmerelda ouviu o barulho é que ela percebeu o que assustou Sarah, mas quando o fez, Phoenix já havia atirado nele.

Puxando Sarah para perto, Phoenix beijou seu cabelo, seus traços escuros ligeiramente pálidos.

— Bons olhos, querida. Vamos voltar.

Sarah se encostou nele e pegou a mão de Esmerelda.

— Você já tinha visto, não é?

Phoenix sorriu e passou a mão pelo cabelo.

— Ouvi. Viu como a grama se movia. Eu estava me preparando para chamá-lo quando você parou.

Ele olhou para Esmerelda.

— Ouvi dizer que uma tentou dar uma espiada em você na nascente.

Virando-se para descer a colina, Esmerelda congelou quando viu Duke, Hawke e Blade correndo colina acima, vários outros homens parados na parte inferior, armas em punho enquanto examinavam a área.

Phoenix acenou com a mão, levantando a voz para ser ouvido.

— Cascavel! Eu peguei ela.

* * *

Duke terminou de martelar o prego no último pedaço de madeira emoldurando sua casa e se endireitou. Usando o lenço para limpar o suor dos olhos, ele ergueu os olhos, cheio de satisfação.

— Droga. A moldura está pronta. — Duke olhou para os outros. — Obrigada.

Hawke inclinou a cabeça e se serviu de uma concha cheia de água do balde.

— Deve ser capaz de terminar hoje.

Wyatt sorriu.

— Vai estar tudo pronto para os móveis que você vai trazer amanhã.

Duke acenou com a cabeça e foi buscar um copo d'água. —

— Obrigada por você ter encomendado tudo, e por verificar Sparks e seus homens. Como é o Sparks?

Ele queria ser capaz de identificar o homem assim que o visse.

Hayes fez uma careta.

— Um homem grandão, provavelmente da mesma altura que você. Mas ele tem uma barriga grande, rosto marcado pela bexiga e se veste como um dândi. Pensa que ter um uma mulher tão bonita quanto Esmerelda em seu braço vai melhorar sua reputação com o povo da cidade.

Duke bebeu da concha, suas entranhas se apertando com a ideia de um homem tocando Esmerelda.

Hayes sorriu.

— Mal posso esperar para ver seu rosto quando perceber que Esmerelda está fora de seu alcance.

Limpando a boca, Duke o olhou.

— Você vai amanhã?

— Claro que vamos. E também Eb, Hawke, Hart, Adam e Deus sabe quem mais. Todo mundo quer dar uma olhada em Sparks e assistir ao confronto final entre você e ele.

Duke encolheu os ombros.

— Não sei o porquê eles acham que será tão emocionante. — Blade riu disso. — Você está brincando. Você tem andado por aí e aqui como uma sombra por anos. Uma megera ruiva aparece e você é um homem diferente.

Incapaz de negar que Esmerelda havia mudado a maneira como ele pensava sobre si mesmo, mas não querendo admitir a culpa que sentia, Duke ergueu uma sobrancelha.

— Oh? E você e seus irmãos não mudaram desde que conheceu Sarah? Hawke poderia passar semanas sem dizer uma palavra, você nunca sorria, e Phoenix brincava o tempo todo e mal podia esperar para chegar ao bordel. Vocês três mudaram completamente.

— É claro que ela nos mudou. Estamos todos apaixonados por essa mulher. — Blade trocou um olhar com os outros antes de se voltar para Duke. — Sabe, acho que não ouvi você amarrar tantas palavras em todo o tempo que te conheço. Você nunca sorriu para ninguém, exceto para os sorrisos forçados que deu às mulheres.

Na defensiva, Duke endireitou-se em toda a sua altura, apoiando as mãos nos quadris.

— Não vou sair por aí sorrindo como um idiota o tempo todo.

Blade sorriu junto com os outros.

— E ainda assim você continua olhando colina acima onde as mulheres iam colher flores, sorrindo cada vez que a avista.

Duke involuntariamente olhou colina acima novamente, avistando o cabelo ruivo de Esmerelda imediatamente.

— Você não saberia disso se não passasse a manhã inteira olhando também lá para cima.

— Maldito, certo eu também estava olhando. Eu odeio quando ela está fora da minha vista, mas não tenho nenhum problema em admitir isso.

A percepção de que outra pessoa se sentia da mesma maneira fez Duke se sentir um pouco melhor. Desviando o olhar propositalmente das

mulheres colhendo flores enquanto Phoenix ficava de guarda sobre eles, Duke encolheu os ombros.

— Ela passou por muita coisa.

Wyatt inclinou a cabeça.

— Sim, ela passou. Por isso, eu não me importaria com Sparks.

Duke apertou a mandíbula.

— Ele é todo meu. Quando eu...

O som de um tiro vindo da colina fez Duke girar em direção a ela, e sem uma palavra, ele correu em direção a ela, com Hawke e Blade o igualando passo a passo.

Ele automaticamente alcançou sua pistola, amaldiçoando quando lembrou que havia tirado o cinturão da arma quando começou a trabalhar no chão.

Ele viu Phoenix levantar a mão, mas seu coração batia tão forte que ele não conseguia ouvir o que dizia.

Ele só conseguia pensar na ameaça de Sparks.

Se o outro homem aparecesse, seria hoje ou hoje à noite antes de irem para Tulsa.

A crueldade com que Sparks lidou com os pais de Esmerelda avisou-o de que o outro homem faria o que fosse necessário para chegar até ela e isso o assustou muito.

Com seu temperamento, ela o enfureceria e não havia como dizer o que o outro homem faria se ela tentasse recusá-lo.

Quando ele se aproximou dela, ele a examinou, procurando por algum ferimento. O alívio por não ver nada não diminuiu seus passos, e ele correu para ela, agarrando-a com força contra ele e enterrando o rosto em seu cabelo.

— Red.

— Duke! — Ela parecia chocada, sua voz abafada contra seu ombro. Segurando-a contra ele, ele olhou para Sarah, mas não conseguiu vê-la com Hawke e Blade a cercando.

Ele olhou para Phoenix, que parecia calmo o suficiente para permitir que o coração de Duke começasse a se acalmar.

— O que aconteceu?

— Cascavel. — Phoenix sorriu. — Matei-a. Sua mulher está segura. — Segurando Esmerelda perto, ele respirou fundo várias vezes para se acalmar, mas seu coração continuou a bater. Erguendo a cabeça, ele olhou para ela, procurando suas feições.

— Você está bem, Red?

Ele se abaixou para pegar o chapéu dela, que tinha voado quando ele agarrou-a. Ela parecia adorável nele.

Ela sorriu para ele, pressionando a mão contra seu peito.

— Eu estou bem. Você estava preocupado comigo?

Preocupado não se compara ao terror que sentiu ao ouvir o tiro.

— É claro que eu estava preocupado! Você precisa prestar atenção aqui. — Ele esquadrinhou a área, olhando colina abaixo para ver que

Hayes e Wyatt também examinaram a área antes de deslizar suas pistolas de volta em seus coldres.

O sorriso de Esmerelda sumiu, fazendo-o imediatamente se arrepende do tom áspero.

— Fiz algo de errado?

Ignorando o olhar penetrante de Phoenix, Duke suspirou.

— Não. Eu só fiquei com medo quando ouvi o tiro. — Ele passou um braço em volta dela e olhou em volta, ainda abalado. Ela sorriu novamente. — Phoenix atirou naquela cascavel antes mesmo de eu ver. Sarah viu, mas eu não.

O pensamento do que poderia ter acontecido o deixou mais abalado do que gostaria de admitir.

— Você vai ter que prestar atenção a tudo ao seu redor e ser mais cuidadosa. Eu não quero que você vá sozinha. Sempre. Entendido? — Ele pegou a mão dela, caminhando ao lado dos outros descendo a colina novamente.

Franzindo a testa, Esmerelda gesticulou em direção a sua cesta de flores.

— Mas na fazenda, eu...

— Você não está mais na fazenda! Você está no Circle T e é *minha* responsabilidade. Você tem que ter cuidado, droga!

Ele odiava que ela parecesse tão desanimada e que até mesmo Sarah o olhasse com apreensão. Soltando um suspiro, ele parou e se virou para ela.

— Desculpe, Red. Vamos. Vamos comer alguma coisa.

Esmerelda parou abruptamente.

— Por que você estava tão assustado? Você sabia que eu estava perto de Phoenix. Phoenix acenou com a mão para que você soubesse que estava tudo bem.

Com o canto do olho, Duke viu Phoenix puxar Sarah para mais perto, sua expressão ficando dura e fria.

— Só queria ter certeza de que você estava bem. — Agarrando seu braço, ele a puxou em sua direção, mas ela cravou os calcanhares e se afastou.

— Não. Algo está errado. Depois que Phoenix lhe disse que estava tudo bem, você ainda estava procurando. Hayes e Wyatt também. O que está acontecendo?

O olhar de Hawke se estreitou sobre o de Duke.

— Ela não pode se proteger se você não lhe contar o perigo. — Ele passou um braço em volta de Sarah e a abraçou. — Aprendi isso da maneira mais difícil.

Esmerelda agarrou o braço de Duke.

— O que está acontecendo? Que perigo?!

— Sparks. — Duke manteve seu olhar em Esmerelda, seu estômago apertando quando ela empalideceu.

— O que tem ele? Ele não apareceu aqui, não é? Se ele fizer isso, vou apenas dizer a ele para ir embora. O que ele pode fazer? — Ela apertou a alça da cesta até que os nós dos dedos ficaram brancos.

— O que você sabe sobre ele?

— Eu te disse. Eu o vi uma vez. Ele veio para a fazenda algumas semanas atrás. Quando ele olhou para mim, parecia que uma cobra subia pelas minhas costas.

— Aposto. — Duke olhou para Phoenix, dando-lhe um olhar significativo. — Ele é quem incendiou sua casa.

Esmerelda e Sarah engasgaram, e Esmerelda empalideceu ainda mais, com os olhos marejados de lágrimas.

— Por que ele faria isso?

— Porque ele quer você, e seu pai não permitiria que ele tivesse você.

— Ele faria isso? — Ela deixou cair a cesta, a brisa espalhando as flores. — Não!

Envolvendo um braço em torno dela, ele a puxou para perto.

— Ele mandou alguém acender o fogo e estava a caminho de você. Ele ia te convencer a ir com ele e se casar com ele.

Ela ergueu a cabeça para olhar para ele, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ele matou minha família?

— Ele matou. Quero você perto da casa e das mulheres o tempo todo.

Agarrando a frente de sua camisa, Esmerelda ficou na ponta dos pés, os olhos frenéticos.

— Por quê? Por que ele está procurando por mim? Eu nunca nem falei com ele!

— Ele ainda quer se casar com você. — Duke puxou-a para perto, uma mão nas costas e a outra na nuca. — Não há nada a temer, Red. Para chegar até você, ele vai ter que passar por mim, e isso não vai acontecer.

Ela se acalmou, suas feições mortalmente pálidas.

— E você disse a ele onde me encontrar! Droga, Duke. Eu deveria ir vê-lo pessoalmente e atirar nele pelo que ele fez à minha família.

— Você não vai chegar nem perto dele!

— Não me diga o que fazer!

Ele a segurou antes que ela pudesse se afastar, levantando-a sobre o ombro.

— Ouça, sua gatinha do inferno! Ele está em Tulsa esperando por nós porque ele sabe que vou me casar com você. Assim que ele perceber que você está fora dos limites para ele, ele a deixará em paz.

— Ponha-me no chão!

— Não. — Ciente da diversão dos outros, Duke deu um tapa em seu traseiro. — Comporte-se. Esse temperamento vai te colocar em um monte de problemas um dia.

O soluço dela o congelou.

— Ele realmente matou minha família?

Com uma maldição, Duke a colocou de pé e a puxou contra ele, observando os outros continuarem descendo a colina. — Eu não queria que você soubesse. Eu sabia que isso iria machucar você.

— Eu tinha o direito de saber.

Passando a mão pelas costas dela, Duke se curvou para beijar seu cabelo.

— E eu tenho o direito de proteger você, Red. Hawke estava certo, no entanto.

Erguendo a cabeça, ele olhou para ela.

— Você precisa saber de que tipo de coisa ele é capaz. Estou falando sério, Red. Até resolvermos isso, quero que você fique perto de mim. Se eu não estiver aqui, quero que fique perto da cabana ou com as outras mulheres. Eu quero pessoas ao seu redor.

Esmerelda pressionou o rosto contra o peito dele, as lágrimas encharcando sua camisa.

— Minha família morreu por minha causa. Eles morreram queimados por minha causa! Agora, outra pessoa pode se machucar por minha causa.

Seu coração se partiu pela dor que ele causou a ela, a dor que ele tentou evitar causar a ela, Duke a pegou e a carregou colina abaixo, não parando até que eles chegaram à sua casa recém-construída.

Sentado no chão onde ficava a porta da frente, ele pressionou o rosto dela contra seu ombro e a embalou, não sendo mais capaz de evitar a verdade.

Ele a amava e morreria para mantê-la segura.

Capítulo Doze

Esmerelda ergueu os olhos do prato para encontrar Duke olhando para ela.

— Posso ter uma faca?

Duke fez uma pausa com a colher a meio caminho da boca.

— Sim.

Esperando que ele dissesse mais, ela esperou, mas ele estava estranhamente quieto desde que ela chorou em seus braços.

Pondo sua própria colher de lado, ela pegou seu pão de milho com manteiga.

— Você está com raiva de mim por alguma coisa?

Depois de engolir seu pedaço de ensopado, ele mergulhou a colher na tigela novamente.

— Não, Red. Eu não estou bravo com você. Estou furioso com o que você passou.

Soltando a colher na tigela, ele se virou para ela, erguendo seu rosto para ele.

— Seus olhos estão vermelhos de tanto chorar, e você está triste e furiosa como o inferno. Eu não gosto de ver você assim. Cuidaremos de

Sparks. Não importa o que eu faça com ele, não será o suficiente. Coma, Red, ou você terá enjôo.

Partindo um pequeno pedaço de pão de milho, ela olhou para ele enquanto o colocava na boca.

— Você pode me ensinar a jogar uma faca?

— Não. Sem jogar. Você é melhor apunhalá-lo com isso.

Após outro silêncio tenso, em que Duke parecia distraído, Esmerelda tocou em seu braço.

— Você vai matá-lo?

— Esse é o plano.

Um plano se formou na mente de Esmerelda e, uma vez que tomou forma, ela não conseguiu se livrar dele.

— Eu não estou com fome. — Ela se levantou, satisfeita em ver que o exercício que fizera naquela manhã não havia machucado seu tornozelo.

Balançando a cabeça quando ele começou a se levantar, ela pressionou a mão em seu ombro.

— Você fica aqui e come. Acho que vou para a cabana e deitar.

Os olhos de Duke se estreitaram, a suspeita em seus olhos a deixando nervosa.

— Você se sente bem?

Forçando um sorriso, ela acenou com a cabeça novamente.

— Meus olhos doem de tanto chorar, e acho que peguei sol demais. Vou colocar um pano frio nos olhos e deitar um pouco. Está tudo certo?

— Claro. — Ele se levantou e estudou suas feições. — Você parece cansada. Vá se deitar. Vou verificar você em um momento.

— Não se preocupe. Eu estarei bem em pouco tempo. Você tem que trabalhar em nossa nova casa, ou não haverá lugar para colocar a nova mobília.

Os lábios de Duke se contraíram.

— Você está ficando muito mandona. — Erguendo seu queixo novamente, ele deu um beijo suave em seus lábios, seu tom provocador. — Eu vou ter minhas mãos ocupadas com você.

Com medo de que ele tivesse lido a intenção em seus olhos, ela desviou o olhar, forçando outro sorriso.

— Tenho certeza de que você está preparado para isso. — Lutando para conter as lágrimas de sua voz com a possibilidade de nunca mais vê-lo novamente, ela se virou, parando ao lado dele. — Você é um homem especial, Duke. Tive muita sorte em ter conhecido você.

* * *

Duke a observou partir, uma sensação incômoda na boca do estômago.

Assim que ela desapareceu de vista, ele se sentou novamente e pegou seu café, olhando para Will do outro lado da mesa, incapaz de afastar a sensação de que algo estava errado.

Will franziu a testa e começou a comer.

— Ela está bem?

— Disse que ela vai se deitar. Seus olhos doem de tanto chorar, e ela disse que pegou muito sol.

— Mas...

Balançando a cabeça, ele esfregou a coceira na nuca.

— Não sei. Não é próprio dela ir deitar-se. Inferno, ela não queria deitar, mesmo depois de ser arrastada por um cavalo.

Mary sempre precisou se deitar e odiava o sol enquanto Esmerelda parecia se deleitar com ele.

Ele soltou um suspiro.

— Não sei. Talvez eu só esteja investigando demais. Ouvir sobre Sparks matando a família dela realmente a aborreceu.

Ele deu mais algumas mordidas em seu ensopado, mas não conseguiu se livrar da sensação de que algo estava errado.

Ele largou a colher na tigela e a pegou enquanto se levantava.

— Eu tenho que ir ver como ela está.

Ele colocou sua tigela e xícara na mesa segurando pratos sujos e se dirigiu para a porta, preocupado por ela aumentar seus passos.

Ele empurrou a porta, acertando Isaac com ela.

— Desculpe.

— Duke, eu te encontrei. Tentei impedi-la. Eu sei que nenhuma das mulheres tem permissão para sair sem a permissão de seus homens, mas ela selou Lucky e partiu antes que eu pudesse impedi-la.

Duke sentiu o sangue sumir de seu rosto.

— Esmerelda?

Isaac assentiu freneticamente.

— Sim! Ela levou seu rifle com ela. Pediu-me para apontá-la para Tulsa.

— Droga!

Duke correu para o estábulo, com o coração na garganta. Ele sabia que ela mesma enfrentaria Sparks.

Correndo ao lado dele, Isaac gritou quando ele não conseguiu acompanhá-lo.

— Já selei seu cavalo enquanto ela selava Lucky. Eu queria ir buscá-la então, mas ela me disse que você já deu sua permissão para ela cavalgar.

Duke acenou com a mão em agradecimento e correu em direção a seu cavalo. Ele sabia que poderia pegá-la, mas não sabia que tipo de perigo ela enfrentaria antes dele.

Uma coisa era certa.

Quando ele a pegasse, ele se certificaria de que ela não fizesse nada assim novamente.

* * *

Esmerelda cavalgou Lucky o mais forte que pôde, sem saber quanto tempo levaria até que Duke descobrisse que ela havia partido.

Assim que ele admitiu que planejava matar Sparks, ela soube que tinha que resolver o problema por conta própria.

Ela não podia deixá-lo ter tal coisa em sua consciência, e apesar do que ele disse, ela não poderia deixá-lo passar o resto de sua vida se escondendo no rancho por causa dela.

Sua família já havia sido morta e ela não deixaria ninguém sofrer por causa dela.

Ela passou pela colina, mas cavalgou apenas alguns minutos antes de Duke, cavalcando forte, aparecer ao seu lado.

Ela nunca o tinha visto tão furioso.

Sem uma palavra, ele estendeu a mão e agarrou as rédeas de suas mãos, nem mesmo parecendo intimidado quando ela tentou dar um tapa em sua mão.

— Pare com isso!

Ele fez os dois cavalos pararem e a puxou da sela para seu colo, superando suas lutas com uma facilidade que a alarmou.

— Duke, deixe-me ir. Eu não quero que você vá para a cadeia. Eu quero matá-lo eu mesma.

Prendendo as rédeas de Lucky ao chifre da sela, ele virou os dois cavalos e se dirigiu a um ritmo muito mais lento de volta ao rancho.

— Cale-se.

— Mas...

— Mas nada, Red. — Seu tom frio a assustou mais do que um grito teria.

Eles fizeram a viagem de volta ao rancho em silêncio, a cada segundo deixando seus nervos ainda mais tensos.

Quando voltaram ao estábulo, Isaac esperou por eles, correndo para pegar as rédeas dos dois cavalos, um pedido de desculpas em seus olhos ao olhar para Esmerelda.

Ela assentiu para que ele soubesse que ela entendia. Esmerelda se amaldiçoou por não antecipar que Isaac correria para Duke imediatamente.

Foi um erro que ela não cometeria novamente.

Com a cabeça erguida e a fúria correndo em suas veias, Esmerelda saiu do estábulo.

Com a intenção de colocar distância entre ela e a raiva de Duke, ela se dirigiu para a cabana de comida.

Enquanto ela se virava em direção a ele, Duke apareceu ao seu lado, curvando-se para pressionar um ombro musculoso em sua barriga e se endireitando, deixando-a pendurada de cabeça para baixo sobre seu ombro.

Chocada, ela perdeu segundos preciosos antes que pudesse responder.

— Ponha-me no chão!

Ele caminhou em direção a sua pequena cabana, suas longas pernas comendo o chão tão rápido que a deixou tonta.

— Não.

A mão na parte de trás de suas coxas apertou quando ela começou a chutar as pernas e socar suas costas, a outra mão pousando com força em seu traseiro.

— Fique quieta, Red.

Atordoada por ele ter batido em seu traseiro e abalada por seu tom frio, Esmerelda lutou com mais força e tentou agarrar as bordas da porta quando ele a carregou para a cabana.

— Ponha-me no chão, droga!

Ele se moveu rápido demais para que ela conseguisse segurar a porta e entrou.

Para seu espanto ainda maior, ele chutou a porta atrás de si e se jogou no colchão, de alguma forma jogando-a sobre seu colo.

Esmerelda tentou se levantar, mas a mão dele em suas costas se manteve firme enquanto ele jogava a saia para cima e parcialmente sobre sua cabeça.

— Duke! O que você está... Oh!

Um tapa afiado pousou, desta vez em seu traseiro nu, a picada a assustando.

— Você vai me obedecer e fazer o que você mandar se eu tiver que virar você de joelhos todos os dias! Vou chamar sua atenção se for a última coisa que eu fizer.

Ele a ajustou ligeiramente, puxando sua cabeça e ombros para o colchão para que ele pudesse alcançar dentro do baú a pomada que ele mantinha lá.

Após recuperar a pomada, ele fechou o baú e a reposicionou em seu colo.

A necessidade de chegar até ela e fazê-la entender o quão importante ela se tornou para ele sobrepujou todo o resto.

Ele bateu em sua bunda novamente várias vezes em rápida sucessão, mais para chamar sua atenção do que para causar dor.

— Seu idiota sujo! Seu escaldante! Quando eu tiver a chance, vou te estripar com sua própria faca!

Atordado por sua ousadia e relutantemente animado com o desafio, Duke escondeu um sorriso, sua raiva se dissipando.

— Isso não é maneira de falar com o homem com quem você vai se casar.

Ela bateu em suas pernas e o chutou freneticamente.

— Eu não vou casar com você! Não se atreva a me bater!

Surpreso por se encontrar desfrutando de seu temperamento e do desafio de tê-la derretendo em seus braços com prazer, Duke mergulhou o polegar na pomada e posicionou-o em sua franzida abertura.

Ele se acalmou em choque quando a sentiu tirar a faca de sua bota, seu peito inchou de orgulho por sua ousadia.

Com o cuidado de manter o tom frio e controlado, ele pressionou o polegar contra sua abertura enrugada, sabendo que iria atordoá-la.

— Coloque a faca na cama, Red.

Ele não achava que ela iria apunhalá-lo, mas teve que admitir que não a conhecia bem o suficiente para ter certeza, algo que ele estava determinado a mudar.

— O que você está fazendo?

Duke empurrou ligeiramente para dentro dela, algo escuro e possessivo dentro dele emocionando-se com seu grito chocado.

— Chamando sua atenção. Largue a faca, Red.

Esmerelda prendeu a respiração ao sentir o dedo de Duke, coberto com pomada, empurrando para dentro do seu traseiro.

— Droga, Duke! — Um arrepio subiu e desceu por sua espinha enquanto ele empurrava mais fundo, sua mão entre as coxas segurando-as separadas. — Eu estava tentando impedir você de ir para a cadeia.

— Eu posso cuidar de mim e de você, Red.

— Eu mesma quero matá-lo. Você não tem o direito de tirar isso de mim! — Duke empurrou o polegar mais fundo, pressionando contra sua abertura de uma forma que fez doer.

— Eu tenho todo o direito no mundo de querer te proteger.

— Eu não casei com você ainda, e eu não vou! — ela pronunciou a ameaça, mas não quis dizer isso e estaria perdida se ele a chamasse de mentirosa.

— Você vai se casar comigo se eu tiver que amarrar você e arrastar você, chutando e gritando para o pregador. — Ele pressionou contra sua abertura, fazendo-a queimar. — Largue a faca, Red.

Com uma maldição, Esmerelda obedeceu, liberando a faca para cravar as mãos no chão à sua frente.

— Que mau temperamento, Red. Parece que vamos ter que fazer algo para acalmá-la.

— Eu teria me acalmado se você me deixasse matar aquele filho da puta! — Ela respirou fundo quando os dedos em seu clitóris começaram a se mover e ele empurrou o polegar um pouco mais fundo. — Eu não estou deixando você me distrair. Na primeira chance que eu tiver, vou sair daqui.

Duke moveu o polegar em círculos ao redor de sua abertura enrugada, aumentando a consciência lá ainda mais.

— Você não vai a lugar nenhum, Red. Você vai ser boazinha e fazer o que eu disser ou pagar as consequências.

Cravando as mãos no chão à sua frente, Esmerelda cerrou os dentes contra o prazer decadente.

— Você não me disse que eu não poderia ir.

— Você sabia muito bem que não tem permissão para ir a lugar nenhum por conta própria.

Ela lutou para parar de apertar seu polegar, a sensação tão intensa que ela começou a tremer.

A mão em suas costas se ergueu, descendo bruscamente ao lado de sua nádega.

— Você não vai a lugar nenhum sem minha permissão.

Esmerelda gritou, fechando os olhos com força, mortificada por sentir prazer em sua punição.

— Tenho que obedecer ao meu marido. Você não é meu marido.

Duke deslizou o polegar mais fundo, movendo-o em círculos cada vez maiores que fizeram seu traseiro queimar. Ele moveu os dedos contra seu clitóris ao mesmo tempo como se a lembrasse do poder que ele tinha sobre ela.

— Eu serei seu marido amanhã.

Ela se viu embalada por sua fala lenta e suave e lutou para resistir a ele. Percebendo que ela usou as mãos como alavanca para balançar contra os dedos dele.

Esmerelda silenciosamente o amaldiçoou novamente.

— Não.

— Você já aceitou minha reivindicação na frente de todos. — Sua voz baixou ainda mais, seu tom sedutor a atraindo enquanto seus dedos se moviam sobre seu clitóris, escorregadios com seus sucos. — Você já pode ter meu bebê na sua barriga.

Ela não conseguia parar de apertar seu polegar, a consciência que ele havia criado em um lugar tão privado tão intensa que trouxe lágrimas aos seus olhos.

— Eu te dei meu corpo. Eu não aceitei o seu nome.

Ele deslizou um dedo em sua boceta, seu dedo e polegar empurrando suavemente.

— Você queria pertencer a mim.

— Isso foi antes.

— Antes de quê, Red? Antes de você descobrir que posso lidar com você?

— Antes de você começar a ser frio e quieto. Você está me comparando a ela e eu estou falhando.

Esmerelda se acalmou, surpresa por ter dito tal coisa em voz alta. Ela nem sabia que teve tal pensamento.

Duke se abaixou, seus lábios quentes na nuca dela.

— É isso que você acha?

— Não. Não sei o porquê disse isso.

Ele moveu o dedo novamente, sua mão livre esfregando as costas dela.

— Você disse isso porque estava te incomodando. Você não está falhando em nada. Eu quero você, Red. *Muito*.

Grata por ele não poder ver seu rosto, Esmerelda prendeu a respiração.

— Me deixar ir. Eu quero matar ele.

— Não. — Duke se acalmou brevemente antes de se inclinar sobre ela novamente, retirando o dedo de sua boceta enquanto seu polegar pressionava contra suas paredes internas, fazendo seu buraco traseiro arder.

A mão em suas costas se firmou, seu polegar indo mais fundo.

— Você vai se comportar ou enfrentar as consequências. Você mentiu para mim, dizendo que estava vindo para a cabana. Você acha que vou tolerar isso?

Antes que ela pudesse reagir, ele retirou o polegar e a ergueu para o colchão, mas em vez de rolá-la de costas como ela esperava, ele a posicionou de joelhos.

Ele abriu suas coxas, e ela podia sentir as costas de sua mão contra seu traseiro, dizendo a ela que ele trabalhou para libertar seu pênis.

Pressionando o polegar contra sua abertura enrugada, Duke riu, um som tortuoso que a deixou nervosa.

— Você gosta de ter algo no seu traseiro, não é?

Envergonhada de que a sensação de vazio a fizesse querer que ele pressionasse o polegar novamente, Esmerelda virou a cabeça para encará-lo por cima do ombro.

— Não! Me solta, seu filho da puta!

Duke a olhou fixamente, o pequeno sorriso brincando em seus lábios cheios de más intenções.

— Eu disse a você sobre mentir para mim. — Ele deu um tapa na bunda dela várias vezes, por todo o seu traseiro, aquecendo toda a área até que ela lutou contra ele.

— Seu desgraçado!

Com uma mão nas costas dela, Duke tirou o unguento da lata com o polegar.

— Você nem viu o quanto eu posso ser bastardo. — Ele enfiou o polegar nela, a adição de mais pomada tornando mais fácil para ele entrar nela. — Talvez depois de uma boa e dura foda, você pense antes de agir de forma tão imprudente de novo.

Ele soltou o polegar e, com medo de sua própria excitação, ela lutou para se libertar.

Ela sentiu seu pênis duro contra sua coxa, seu único aviso antes que ele posicionasse a cabeça de seu pênis contra sua abertura enrugada e começasse a aplicar pressão.

— Seu filho da puta!

Duke forçou a cabeça de seu pênis dentro dela, pressionando uma mão entre suas omoplatas para forçar seus ombros contra o colchão.

— Você já disse isso, Ruiva. Você não pode inventar outro insulto?

Sua posição a deixou completamente indefesa contra ele, mas ela não o temia.

Ela temia que ele visse o quanto sua punição a excitava. Gemendo quando ele empurrou mais fundo dentro dela, ela tentou levantar os ombros, mas seu aperto firme a manteve curvada.

— Bastardo! Desgraçado!

Seu traseiro se esticou para acomodar seu pênis, a sensibilidade em seu clitóris crescendo com cada impulso lento. Ela queimou ao redor dele, o calor e a sensação completa e esticada enviando ondas de prazer através dela.

— Também me chamou por esses nomes. É difícil pensar com um pau enfiado na bunda, não é, Red?

Ele recuou ligeiramente e deslizou mais fundo.

— Você está levando tudo isso desta vez. Vou enfiar meu pau tão fundo na sua bunda que você não vai conseguir pensar de jeito nenhum.

Ela o chutou, gemendo quando seus movimentos aumentaram o prazer.

— Duke!

Atordoada por poder se sentir tão cheia sem dor, Esmerelda permaneceu rígida, cerrando as mãos no travesseiro.

Atordoada por ser tomada de uma forma tão íntima e exigente, Esmerelda gemeu, prendendo a respiração quando os dedos dele deslizaram sobre seu clitóris.

Ele empurrou um pouco mais rápido, cada impulso indo mais fundo do que o anterior.

— Você é minha, Red. Diga!

O prazer aumentou, fazendo seu estômago revirar.

Seu traseiro se apertou sobre ele, fazendo seu pau parecer ainda mais grosso por dentro.

Ele a empalou, a profundidade de seu impulso estilhaçando a mente.

Ela se mexeu para fazê-lo acariciar seu clitóris novamente, seu movimento levando seu pênis mais profundo, tão profundo que ela engasgou.

— Por favor!

Duke diminuiu suas estocadas, não indo tão fundo.

— Por favor, o quê, Red? O que você quer?

Ela queria que ele se movesse mais rápido novamente. Ela queria que seu clitóris parasse de latejar.

Ela queria o prazer que ele já havia mostrado que existia.

A pressão dentro dela ameaçava explodir a qualquer momento, suas estocadas lentas mantendo-a pendurada na borda.

— Te odeio!

Rindo, Duke pressionou o polegar com mais firmeza contra seu buraco traseiro.

— Não, você não odeia, Red.

Esmerelda gritou quando ele mergulhou fundo novamente, levantando-se em suas estocadas. Levantando a mão de suas omoplatas, ele se inclinou sobre ela, seu peito quente contra suas costas.

— Quando você for uma garota má, saberei que é isso que você quer. — Ele tocou seus lábios em seu ombro. — Vou foder sua bunda até conseguir que você seja boazinha novamente.

Ele deslizou incrivelmente profundo, enchendo sua bunda com calor e uma dureza implacável que forçou as paredes internas de seu traseiro a se esticarem.

— E você vai gozar com meu pau na sua bunda.

— Não! Eu não vou. — A sensação de formigamento já havia começado. Mordendo o lábio, ela fechou os olhos com força enquanto lutava contra o prazer. — Que tipo de homem faz isso?

Ele mordeu o lóbulo da orelha dela.

— O tipo que sabe que mulher apaixonada ele tem. Um homem tem que saber como controlar sua mulher, e nada faz você se sentir tão indefesa como ter meu pau em sua bunda. Você não quer gozar, mas você vai.

— Eu não vou!

Ele começou a empurrar mais forte e mais rápido, gemendo enquanto continuava a enchê-la.

— Sim, Red. Você irá. Você vai gozar comigo fodendo sua bunda apertada.

Apoiando-se em uma mão, ele se retirou quase todo o caminho antes de mergulhar fundo novamente, rindo quando ela gritou de prazer.

— Sim, Red.

Ele deslizou a mão por baixo dela para acariciar seu clitóris.

— Você vai gozar forte. — Com um grito de prazer, ela se empurrou contra ele, apertando os olhos contra o prazer intenso.

Para sua surpresa, e deleite, ela o chutou.

— Solte-me!

— Não. — Duke empurrou fundo novamente, gemendo quando os músculos de sua bunda ondularam ao redor de seu pau.

— Você é minha, o que significa que posso fazer o que quiser com você.

Ela o chutou novamente, fazendo-o sorrir.

— Te odeio!

Ele mergulhou fundo novamente e moveu os dedos mais rápido em seu clitóris.

— Isso não importa, não é? Eu ainda posso fazer você gozar, fodendo sua bunda.

Estar com Esmerelda era como estar em uma tempestade, emocionante, perigosa e muito imprevisível.

A tempestade dentro dela ameaçava até agora, sua paixão tornando difícil conter.

— Você é minha. Você só pode gozar se eu permitir. Se você não se comportar, posso bater em você ou posso excitar você e deixá-la assim.
— Ele parou de acariciar seu clitóris, segurando seus quadris enquanto se

levantava para se ajoelhar atrás dela. — Eu posso ficar assim e esperar até que você comece a descer e começar a foder você de novo.

O soluço de Esmerelda o rasgou.

— Eu tinha razão. Você é mau. — Algum demônio dentro dele estremeceu com o desafio que ela apresentava.

Indo para trás até que apenas a cabeça de seu pênis permanecesse dentro dela, ele sorriu quando ela gemeu e empurrou para trás, seu pênis latejando com a necessidade de gozar.

— Eu posso ser mau e posso ser bom. Você decide.

— O que você quer dizer? — A raiva e a necessidade em seu tom o deixaram louco por fodê-la até deixá-la sem sentido.

— Obedeça-me e eu lhe darei prazer. Eu serei bom para você. Negue-me o que eu quero e eu negarei o que você quer.

Esmerelda não conseguia parar de tremer, o prazer aumentando ainda mais quando ele começou a acariciar lentamente seu clitóris novamente.

Apesar de saber que ele havia vencido, ela não resistiu a desafiá-lo.

— E se eu não quiser?

— Então vou provocar você assim quantas vezes quiser até que você o faça.

Ele acariciou seu clitóris novamente, a sensação de formigamento quente dizendo a ela que o prazer mais incrível estava prestes a alcançá-la.

Ela esperou sem fôlego que o prazer explodisse quando de repente Duke parou novamente.

— Desgraçado!

— Então você decide. Você quer que eu foda sua bunda até você gozar, diga-me que você é minha e que vai me obedecer.

Balançando-se contra ele, Esmerelda buscou o prazer, mas o aperto em seus quadris a impedia de obtê-lo.

O orgasmo que ela ansiava estava tão perto que ela podia praticamente prová-lo.

— Por favor!

— Diz.

Assumi o controle e ela se viu disposta a fazer o que fosse necessário para se livrar de tal tormento.

— Sou sua. Eu vou te obedecer!

— Isso é melhor.

O rosnado baixo de Duke a fez se sentir um pouco melhor, mas ela se esqueceu de tudo exceto do prazer quando ele começou a empurrar novamente enquanto acariciava seu clitóris.

O prazer a atingiu quase imediatamente, tão intenso que roubou seu fôlego.

Seu corpo assumiu, apertando em seu pênis, o que o fez parecer ainda mais grosso.

Seu clitóris queimou sob seus dedos, e enquanto ele desacelerava sua carícia, ele empurrou profundamente com um gemido, gozando dentro dela com outro gemido profundo.

Deslizando os dedos de seu clitóris, ele se inclinou sobre ela novamente.

— Você vem comigo e fica onde eu possa te ver. Eu não estou te limpando. Você vai sentir a pomada e minha porra dentro da sua bunda pelo resto do dia. Talvez isso te lembre do que eu vou fazer com você se você me assustar assim de novo!

Capítulo Treze

Depois de martelar outra placa no lugar, Duke lançou um olhar na direção de Esmerelda, sem surpresa ao encontrá-la olhando para ele.

Manter sua expressão fria provou ser difícil, especialmente sabendo que sua bunda apertada ainda estava escorregadia com pomada e seu esperma provavelmente estava escorrendo dela.

Encontrando seu brilho com uma sobrancelha levantada, ele esperou que ela recuasse, seu pênis se agitando com a necessidade de tomá-la novamente.

Mesmo a vários metros de distância, ele podia vê-la corar, mas não permitiu um pequeno sorriso até que ela baixou o olhar novamente.

Blade parou ao lado dele.

— Ela parece um pouco mais calma depois de sua pequena proeza.

Duke suspirou.

— Essa mulher tem um temperamento. Ela é a mulher mais cabeça quente que já conheci.

Blade levantou uma sobrancelha para isso.

— Você tem uma maldita memória curta, então. Você não se lembra de Sarah correndo para encontrar aquele fora-da-lei, pensando

que ela poderia nos proteger devolvendo a ele seu ouro? Que tal Savannah cavalgando até Tulsa para se encontrar com seu tio e seus homens? Maggie deu a Eb e Jeremiah alguns momentos ruins também.

Duke apertou a mandíbula.

— Nunca tive muita experiência com mulheres tão malditamente teimosas.

Com um suspiro, Blade sorriu.

— Parece que temos nossa cota de mulheres fortes - mulheres fortes o suficiente para sobreviver aqui. Nenhum delas vai rolar e se fingir de morta. Inferno, se pudessem, estariam lutando conosco.

Balançando a cabeça, Duke pressionou a mão no estômago, que ainda se agitava com raiva e resquícios de medo pela segurança de Esmerelda. Abaixando a voz, ele se virou ligeiramente, mas manteve Esmerelda à vista.

— Eu nunca tive tantos problemas com Mary. Ela era uma coisinha doce que me obedecia sem questionar. Muito tímida.

Blade acenou com a cabeça.

— Parece uma doce mulher. Você acha que ela teria ficado feliz morando aqui no Circle T?

Duke pensou em sua esposa, achando cada vez mais difícil lembrar suas feições, sentindo-se culpado porque Esmerelda as substituiu.

— Não. Ela só poderia ser feliz morando na cidade. Ela teria odiado estar no rancho.

— E Esmerelda cresceu em uma fazenda ainda menor. O que você acha que Mary teria feito se sua casa tivesse pegado fogo assim? Você acha que ela teria enterrado sua família sozinha e cavalgado sozinha em busca de um lugar que ela ouviu que seria seguro?

Duke passou a mão pelo queixo e suspirou.

— Ela não teria feito nenhuma dessas coisas. Ela teria ficado lá, e se Big Bill aparecesse, ela teria ido com ele.

Vendo Esmerelda com novo respeito, Duke suspirou.

— Obter o controle dela é mais importante do que nunca. Nunca tive que fazer isso antes, mas tive a sensação de que Red seria um problema.

Blade sorriu e inclinou a cabeça.

— Boa sorte. Isso vai mantê-lo alerta. Você tem sorte de ter todos nós para cuidar dela, mas é melhor você controlá-la antes que ela se machuque. Muitos perigos aqui para uma mulher que está fora de controle.

Blade se virou, curvando-se para pegar outra placa.

Duke começou a se afastar, mas a curiosidade levou o melhor.

— Blade? — Blade se voltou.

— Hmm?

Assistindo Esmerelda recuperar um punhado de pregos e entregá-los a Wyatt, Duke soltou outro suspiro.

— É para ser assim?

Balançando a cabeça, Blade suspirou.

— Eu não tenho ideia de como *deve* ser. Só sei que Sarah me faz sentir melhor do que nunca, me assusta mais do que nunca. Ela sorri e meu coração aperta. Ela chora e eu sinto como se minhas entranhas estivessem sendo arrancadas. Quando ela se machucou e pensamos que ela poderia morrer, eu teria trocado de lugar com ela sem hesitar. Eu mataria por ela. Eu morreria por ela. Ela é a primeira coisa em que penso quando acordo e a última antes de dormir. — Blade encolheu os ombros. — Eu amo-a. Não sei explicar melhor. Se não é assim que *deveria* ser, mas com certeza é.

Foi o máximo que Duke já tinha ouvido Blade falar, e ele se sentiu como se tivesse se aberto porque sabia que Duke precisava ouvir.

— Eu pensei que amava Mary, mas não era nada assim.

Ele ergueu o olhar para Blade, que estava parado como se esperasse que Duke terminasse.

— Isso não vai ser confortável, vai?

Os lábios de Blade se contraíram.

— Confortável? Não posso dizer que seja. Eu não acho que estou confortável desde que Hawke a encontrou na estação de trem. Não mudaria isso, no entanto. Você é muito parecido com Hawke, pelo menos do jeito que ele costumava ser, quieto. Muita dor por dentro. Sarah o curou. Inferno, ela curou todos nós.

Duke estremeceu interiormente.

— Eu não preciso ser curado. — Os lábios de Blade se contraíram novamente.

— Claro que não. Boa sorte. — Duke não pôde deixar de sorrir enquanto observava Blade se afastar.

Respirando fundo, ele pegou outra prancha, ansioso para construir uma casa para a mulher com quem se casaria no dia seguinte.

* * *

Esmerelda caminhou pela cabana, esperando que Duke terminasse o telhado de sua casa com os outros.

Assim que escureceu, ele a mandou buscar água potável e disse-lhe que voltasse para a cabana e esperasse por ele.

Erguendo seu queixo, ele olhou para ela, os débeis lampejos de luz do fogo que eles construíram dando a ele a aparência de um guerreiro feroz.

— Não lave ainda. Não me desobedeça.

Ela estava esperando pelo que parecia uma eternidade, observando-os da janela.

Ela fez uma pausa para aumentar o pavio da lamparina a óleo, enervada com o humor dele.

Envolvendo os braços ao redor de si mesma, ela esperou, sacudindo com um suspiro quando a porta de sua cabana se abriu.

Preparada para sua raiva, ela ficou rígida, impressionada com a visão de seu peito nu.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter tentado chegar a Tulsa. Não foi uma coisa muito inteligente de se fazer.

Sem falar, ele fechou a porta atrás de si e foi até ela, os músculos de seu peito nu e braços brilhando na luz.

Ele estendeu a mão para levantar o queixo dela, seus lábios se contraindo.

— Você é um pote borbulhante de emoção. Vejo que vou ter que aprender a lidar com isso.

Vendo seu olhar atraído para os músculos contraídos em seus braços e ombros, Esmerelda engoliu em seco.

— Eu não vou te culpar, você sabe. Eu entendo.

Os olhos de Duke se estreitaram.

— Não vai me culpar sobre o quê? Sobre o que vocês está falando?

Ela tentou se afastar, seu rosto queimando, mas Duke apertou seu queixo, mantendo seu rosto inclinado para o dele.

— Que você se arrepende de me reclamar. Meu pai sempre me disse que meu temperamento afugentava os pretendentes que vinham farejando. Tenho certeza que não sou como sua esposa.

Os olhos de Duke se estreitaram ainda mais.

— Não. Você não é nada como Mary. — Esmerelda engasgou com a dor, sentindo-a tão intensamente quanto uma faca contra ela estômago. — Eu entendo.

— Eu duvido. — Duke suspirou. — Parece que você e eu temos que conversar.

Ele fechou as venezianas da janela e começou a despi-la.

— Achei que você queria conversar.

— Eu quero, mas posso lavar você enquanto faço isso.

Desejando entendê-lo, Esmerelda se abraçou.

— Eu posso fazer isso sozinho.

— Eu sei que você pode, mas é meu direito fazer isso. Não lute comigo por tudo, Red. Você vai se desgastar.

Acariciando seu mamilo através de sua camisa, Duke fechou o punho em seu cabelo.

— Eu mudei de ideia. Eu vou te dar um banho. Fique vestida enquanto eu trago a banheira.

Seu mamilo ainda formigava com sua atenção, e mais cedo do que ela teria pensado, Duke trouxe uma grande banheira e a encheu com a água quente que eles mantinham na frente da lareira no barraco de comida.

Depois de enchê-lo, ele pegou mais dois baldes de água morna, colocando-os ao lado da banheira. Endireitando-se, ele gesticulou em direção à pequena prateleira onde guardava os sabonetes e panos.

— Pegue seu sabonete e pano e eu vou dar-lhe banho.

Esmerelda terminou de tirar os mocassins e olhou para a banheira com saudade, mas hesitou, o humor dele deixando-a inquieta e vulnerável.

— Prefiro fazer sozinha.

— Não. Tire a roupa ou vou arrancar suas roupas de você.

Piscando para conter as lágrimas, Esmerelda se abraçou.

— Por que você me odeia tanto?

— Eu não te odeio de jeito nenhum. — Duke recuperou o sabonete perfumado que Maggie lhe dera, junto com um pequeno pano. — Eu estava bravo porque você me assustou muito. Eu não estou mais bravo. — Ele pegou o banquinho e o colocou ao lado da banheira, colocando o sabonete e o pano em cima. — Você é minha, Red. Vamos para a cidade amanhã para ver o pregador, mas você é minha desde a primeira vez que o segurei.

Movendo-se atrás dela, ele se curvou para acariciar seu pescoço enquanto soltava os botões e laços.

— Você foi tão corajosa. Estou orgulhoso de você por sua bravura, mas me assusta muito.

Aquecida por sua ternura, ela fechou os olhos e encostou a cabeça em seu ombro.

— Por que isso te assustaria? Meu pai estava muito feliz por eu não ter medo de muita coisa.

Ele recuou apenas o tempo suficiente para remover sua blusa antes de puxá-la de volta contra ele novamente.

— Porque há muitos perigos aqui. — Fechando as mãos sobre seus seios, ele roçou os lábios em seu pescoço e ombro. — Essa sua bravura pode colocá-la em um monte de problemas.

Arqueando os seios com mais firmeza em sua mão, Esmerelda agarrou seus musculosos antebraços.

— Eu não sou estúpida, Duke, e não sou descuidada.

Pegando seus seios, Duke focou sua atenção em seus mamilos, rolando-os suavemente entre seus polegares e dedos.

— Mas você foi. Qualquer coisa poderia ter acontecido com você no caminho até lá, e Tulsa é uma cidade grande. Você estaria lá sozinha.

Esmerelda caiu com mais força contra ele.

— Eu sei. Não vou fazer nada parecido de novo.

— Não. — Ele desabotoou a saia dela e a deixou formar uma poça ao redor de seus tornozelos. — Você não vai. Nenhuma mulher tem permissão para sair daqui sem seu homem com elas. Isaac não cometerá esse erro novamente.

— O que você fez?

Ele deslizou as mãos sobre seus quadris e abaixou para acariciar suas coxas.

— Não precisava fazer nada. Ele percebeu o perigo em que você estaria e se sentiu culpado como o inferno.

Esmerelda suspirou.

— Eu não deveria tê-lo colocado em tal posição. Vou me desculpar com ele na próxima vez que o vir.

— Falando em culpa...

Esmerelda enrijeceu.

— O que mais eu fiz?

Duke riu baixinho contra seu pescoço e deslizou as mãos para seus seios novamente, sua atenção em seus mamilos fazendo sua boceta apertar e enfraquecendo seus joelhos.

— Nada que eu saiba, mas não foi isso que eu quis dizer. Você continua me acusando de estar distante e quieto. Essa é a minha culpa.

— Não entendo.

Usando uma bota, ele afastou os pés dela e se moveu para ficar ao seu lado direito. Apertando sua mão esquerda em seu cabelo, ele puxou sua cabeça para trás e roçou seus lábios com os dele antes de olhar em seus olhos.

— Desde que te conheci, tenho comparado você a ela, e isso me faz sentir culpado como o inferno.

O estômago de Esmerelda se contraiu e ela lutou para manter a voz firme.

— E você me achou carente?

— Não. Exatamente o oposto.

Seu coração pulou uma batida.

— O que você quer dizer?

Ele sorriu com ternura.

— Mary nunca teria sido capaz de enterrar sua família e cavalgar durante a noite em busca de segurança. Ela teria desmoronado e esperado para ser resgatada. Ela teria ido com Sparks para segurança.

Sem saber o que dizer, Esmerelda acenou com a cabeça e olhou para ele, extremamente consciente de sua nudez.

Duke passou a mão por seu corpo, sorrindo em seu suspiro.

— Mary nunca gostou quando eu a levei. Ela tolerou meu toque, mas nunca teve nenhum prazer com ele. Quando eu vi quanto prazer você obteve com meu toque, não pude deixar de me sentir culpada por não dar a ela. Mas ela não tinha o seu temperamento. Ela não tinha sua paixão. Ela não se enrolou em mim à noite como se ela não aguentasse ficar longe de mim, mesmo durante o sono.

Estendendo a mão, ela segurou seu queixo, correndo o polegar suavemente sobre sua cicatriz.

— Oh, Duke!

Ele se curvou, tocando seus lábios nos dela.

— Ela não gostava de beijar, e eu nunca me importei em beijá-la. Eu não me canso de beijar você. — Ele aprofundou seu beijo até que ela se agarrou a ele, assaltada pela tontura e pela necessidade.

Erguendo a cabeça, ele deu a ela um sorriso tão cheio de ternura e necessidade, que trouxe um nó em sua garganta.

— Eu não consigo nem dormir à noite se você não estiver me tocando. Quando você rola para longe, eu acordo e trago você de volta.

Ele não falava de amor, mas a expressão de ternura e fome em seu olhar encoberto foi o suficiente para convencê-la de que ele falava sério.

Seus joelhos enfraqueceram novamente, forçando-a a agarrar seu antebraço para se firmar.

— E então você se sente culpado por não ter se sentido assim com ela?

— Sim. Eu me senti. Foi algo que me deu mais do que alguns momentos ruins.

Algo brilhou em seus olhos quando ele deslizou a mão por seu corpo.

— Não me entenda mal. Eu quero que você me obedeça. Preciso saber que você está seguro e quero que obedeça às regras que estabeleci para você, a fim de mantê-lo assim.

Seus joelhos dobraram quando ele separou suas dobras e deslizou um dedo sobre seu clitóris.

— Eu vou.

— Bom. — Ele se curvou, tomando sua boca em um beijo diferente de qualquer outro que ele já tinha dado.

A ternura nele não fez nada para disfarçar a fome.

Pressionando seus lábios contra os dela, ele a forçou a abrir a boca, imediatamente deslizando sua língua em sua boca para enredar com a dela.

Sem fôlego, ela ergueu as mãos até os ombros dele, agarrando-se a ele enquanto ele aprofundava o beijo ainda mais, sua própria necessidade a deixando tonta.

Recuando, ele roçou os lábios dela com os seus.

— Eu quero te tocar do jeito que eu fiz antes.

Respirando pesadamente, ela travou os joelhos contra o prazer de seus golpes lentos em seu clitóris.

— Você quer tocar no meu...

Ela engasgou, endurecendo com a sensação de seu dedo pressionando contra seu buraco traseiro, ainda escorregadio com pomada.

— Por quê? Por que você quer que te toque aí?

Duke ergueu a cabeça para olhar em seus olhos, seu olhar afiado e estreito.

— É uma outra maneira de você e eu termos prazer. — Ele roçou os lábios nos dela antes de levantar a cabeça novamente. — Você teve prazer com isso antes. — Ele deslizou o dedo mais fundo e começou a acariciar dentro dela. — Você está tendo prazer agora. Não quero que pense nisso como uma forma de punição. Eu quero que você goste de ser tocado lá tanto quanto eu gosto de tocar você.

Esmerelda lutou para se adaptar à sensação de seu dedo movendo-se para dentro e para fora de seu buraco traseiro enquanto os dedos em seu clitóris continuavam a acariciá-la. O prazer foi tão intenso que enfraqueceu seus joelhos.

— Eu quero isso também.

Ela não queria admitir que a atenção dele para seu traseiro tornava o prazer ainda mais forte e decadente, mas ela suspeitava que ele apenas começara a ensiná-la sobre seu próprio corpo.

Suas próprias necessidades.

Duke gemeu, curvando-se para roçar os lábios nos dela novamente.

— Há muitas maneiras de dar prazer um ao outro, e quero explorar todas elas com você.

Ela caiu contra ele em um esforço para ficar de pé, seus gemidos se misturando enquanto ela o apertava com mais força.

— Oh Deus.

Ela tremeu ainda mais forte, a sensação de formigamento quente se espalhando por ela tornando difícil recuperar o fôlego.

Duke pressionou sua bochecha no topo de sua cabeça e continuou a mover seus dedos em seu traseiro e em seu clitóris.

— Você pertence a mim. Eu sempre quero você. — Ele pressionou o dedo mais fundo em seu traseiro e continuou a acariciar seu clitóris. — Deixe acontecer, Red. Eu entendi você.

Esmerelda engasgou quando o prazer que ela esperava a atingiu com força.

O fogo a lambeu em todos os lugares, mas o calor de dentro parecia ainda mais quente.

Seu corpo se contraiu e se curvou quando o prazer estourou, e quando o forte aumento dele passou, seus joelhos se dobraram, deixando-a mole como uma boneca de pano.

Retirando o dedo de seu traseiro, Duke a pegou contra ele, deslizando a mão por baixo de suas costas e coxas e erguendo-a contra ele antes de baixá-la na banheira de água deliciosamente quente.

As ondas de prazer continuaram a inundar, tornando-se ainda mais quentes e persistentes sob a carícia das mãos de Duke movendo-se sobre ela.

— Ai está. Não se sente melhor?

— Hmm. — Esmerelda lutou para abrir os olhos, sorrindo ao ver a ternura nos olhos dele. — Obrigada.

Duke sorriu para isso.

— De nada, mas você não tem que me agradecer por lhe dar prazer. Daremos muito prazer um ao outro durante nossas vidas. Agora eu quero lavar você.

Letárgica demais para ficar envergonhada, Esmerelda estendeu a mão para deslizar a mão de seu ombro até o peito.

— Você é um homem grande. Muitos dos homens aqui estão. Meu pai era apenas um pouco mais alto do que eu.

Duke deu de ombros, ajoelhou-se ao lado da banheira e pegou o sabonete e o pano.

— Todos nós trabalhamos muito aqui.

— Você disse que foi contratada aqui para trabalhar como cozinheira, mas que costumava trabalhar com cavalos.

Duke sabia que chegara a hora de falar com ela, mas não sabia bem o que dizer.

— Vamos lavar seu cabelo para que comece a secar enquanto eu lavo o resto de você.

Ela parecia que estava prestes a dizer algo, mas decidiu contra isso. Assentindo, ela deslizou para frente e mergulhou a cabeça na água antes sentando-se novamente. Enxugando a água de seus olhos, ela olhou para ele.

— Você disse que queria falar comigo.

Duke inclinou a cabeça, massageando seu couro cabeludo.

— Eu conheci Mary quando éramos crianças. Crescemos em Houston. Ela ficou quieta. Doce. Sempre soube que me casaria com ela.

Esmerelda enrubesceu.

— Acho que uma mulher doce e quieta é tudo o que um homem deseja.

Duke sorriu.

— Eu também acreditei. Deite-se.

Ele enxaguou o cabelo dela e ajudou-a a se sentar antes de continuar.

— Fiquei feliz com a Mary. — Ele colocou o cabelo dela sobre a borda da banheira. — Era uma vida pacífica.

Evitando seu olhar, Esmerelda tentou tirar o sabonete dele, franzindo a testa quando ele o segurou fora de alcance.

— Lamento que ela tenha morrido.

— Eu também. — Duke a inclinou para frente e segurou seu cabelo fora do caminho para lavar suas costas, movendo o pano ensaboado em movimentos lentos e calmantes. — Ela era uma boa mulher e me senti culpado por não poder protegê-la.

Erguendo a cabeça, Esmerelda estendeu a mão para tocar seu peito novamente, a sensação de sua pequena mão contra sua pele enviando calor direto para seu pênis.

— É por isso que você está tão preocupado em me proteger? Porque você não conseguiu protegê-la?

Duke enxaguou o sabonete e a acomodou.

— Parcialmente. A outra parte é que cresci acreditando que as mulheres eram menores e mais fracas e precisavam ser respeitadas e protegidas.

Os olhos de Esmerelda se arregalaram de surpresa quando ele ergueu sua mão e lavou seu braço.

— Meu pai acreditava na mesma coisa, mas parecia um pouco aliviado por eu poder montar e atirar.

Duke sorriu.

— Estou feliz que você também possa atirar e cavalgar.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Freddie estava aprendendo, mas, para falar a verdade, ele não conseguia bater na lateral de um celeiro.

Seu rubor se aprofundou.

— Tenho certeza que você acha que não é uma dama, mas tínhamos que colocar comida na mesa e eu era boa em caçar. Às vezes, o pai não se sentia bem e contava comigo para trazer o jantar para casa.

Duke sorriu, encantado com ela.

— Você, Maggie e Savannah tem todo mundo ao redor praticando na esperança de ir contra você. Eles têm medo de ficar envergonhados se vocês três os derrotarem.

Esmerelda pareceu aliviada com a notícia.

— Então você não se importa? — Tocado por ela se importar com sua opinião, Duke sorriu e se curvou para toque seus lábios nos dela. — Eu não me importo nem um pouco. Vou ter que pegar um coldre que você possa usar para carregar o rifle nas costas. Não quero que você saia de casa sem usá-la.

— Eu não vou.

Levantando seu pé, ele começou a lavar sua perna, movendo o pano mais alto a cada passagem.

— É melhor não.

Ele deixou passar vários momentos em silêncio enquanto pesava suas próximas palavras.

— Você não é como Mary, Red. Desde que te conheci, fiquei confuso sobre como me sinto por você. Achei que amava Mary, mas o que sinto por você é mais. Diferente. Cada vez que te toco, inferno até mesmo falar com você, eu me sentia culpado porque nunca me senti tão bem com Mary. Ela era uma coisa doce e pensei que sentia tudo o que podia por ela. Eu deveria.

Esmerelda respirou fundo, os olhos marejados de lágrimas.

— Eu sinto muito.

Duke sorriu e largou o pano, deslizando a mão mais alto em sua fenda.

— Eu não estou lidando com isso bem, e quero que você entenda que não é sua culpa.

Pegando as mãos dela, ele se aproximou, não permitindo que ela desviasse o olhar.

— É diferente com você. Você me deixou tão confuso que não sei se estou indo ou vindo.

Ficando de pé, ele se afastou da banheira, tomando várias respirações firmes antes de se virar para ela novamente, sorrindo com a imagem que ela fez sentada na banheira de água.

Respirando o cheiro de seu sabonete, e sabendo que permaneceria em sua pele, Duke encontrou seu olhar.

— O que eu sentia por Mary era diferente. Foi... gentil. Confortável. Fácil.

Esmerelda ensaboou o pano novamente, seus movimentos lentos.

— E eu não estou confortável ou fácil.

Ele se sentou no banquinho e tirou as botas, colocando-as de lado antes de voltar para se ajoelhar ao lado da banheira. Tirando o pano da mão dela, ele ergueu o outro pé.

— Não. Você não é.

Não totalmente confortável em falar sobre sentimentos, mas determinado a tranquilizá-la, Duke sorriu.

— Ter você por perto não é nada confortável, Red. Eu penso em você quando deveria estar pensando sobre o que estou fazendo.

O sorriso malicioso de Esmerelda fez seu pau latejar.

— Fico feliz em ouvir isso, cowboy. Isso significa que você gosta de mim?

Ele terminou de lavar a perna dela e a abaixou, ensaboando o pano novamente.

— Eu gosto muito de você, Red.

Um gemido escapou quando Duke começou a lavar seus seios, a fricção do pano sobre seus mamilos reacendendo sua necessidade por ele.

— Estou feliz.

Ele largou o pano, agarrando seu queixo e erguendo seu rosto para ele enquanto passava o polegar sobre seu mamilo.

— Você me deixa louco às vezes, e estou tendo um pouco de dificuldade para me acostumar a me preocupar com você.

— É por isso que você parece tão bravo comigo às vezes?

— Eu não estou bravo com você. Você me irrita e não é confortável.

Satisfeita por ter tal efeito sobre ele, Esmerelda respirou fundo quando ele separou suas pernas, deslizando a mão sobre sua fenda.

— Duke.

— Eu quero você o tempo todo. — Ele deslizou um dedo em sua vagina, acariciando lentamente. — Eu quero ser gentil com você.

A hesitação em seus olhos a atingiu.

— Como se você estivesse com Mary?

Com um aceno de cabeça, ele soltou o dedo.

— Levante-se e fique de joelhos. Eu preciso limpar a pomada.

Observando seu rosto, ela o obedeceu.

— Você não fez isso com ela, fez?

— Não.

A expressão dele fechou, dizendo a ela que o assunto estava encerrado.

Ela descobriu que poderia viver com isso, grata pelo que ele já havia compartilhado com ela.

Ela o entendeu melhor e percebeu que ele compartilharia mais quando se sentisse confortável com isso.

Colocando a mão em seu cabelo, ele afastou seu rosto dele e ensaboou seu traseiro, removendo a pomada.

— Você me faz querer mais. Não. Não tente fechar as pernas.

Desejando poder vê-lo, Esmerelda abriu os joelhos o máximo que a banheira permitia, gemendo quando ele enfocou os dedos ensaboados em sua abertura enrugada, estremecendo ao sentir os lábios dele em suas costas.

— Eu sou muito possessivo com você, Red. Não estou acostumada a isso. — Tocada com a admissão, Esmerelda sorriu, entendendo que ele não me senti confortável compartilhando tanto enquanto olhava nos olhos dela.

— Eu sou sua.

— Eu vou ter certeza disso.

Depois de enxaguá-la, ele deslizou um braço por baixo de sua cintura e a tirou da banheira. Ele a enxugou brevemente antes de carregá-la para a cama e colocá-la no colchão.

— Exceto pelas venezianas e porta, a casa está pronta. Vamos buscar tudo o que pedi amanhã. Estou feliz que eles tenham muitos produtos em Tulsa.

Estendendo a mão para agarrar seus ombros, Esmerelda sorriu.

— Eu não preciso de nada mais do que isso.

— Eu faço. Quero te levar em uma cama de verdade, e precisamos de um colchão melhor. — Ele baixou a cabeça para os seios dela. — Este está gasto e está duro para os meus joelhos.

Gemendo ao sentir os lábios dele em seu seio, Esmerelda se arqueou contra ele enquanto ele abria suas coxas e criava um lugar para si entre elas.

Erguendo a cabeça, ele se moveu mais para baixo.

— Pretendo passar muito tempo de joelhos no futuro.

Esmerelda ficou nervosa quando ele se moveu ainda mais para baixo e agarrou seus ombros em um esforço para puxá-la de volta.

— Duke!

— Eu quero minha boca em você. — Ele abaixou a cabeça, a sensação de seus lábios e língua em seu clitóris já sensibilizado a deixando louca.

Ele deslizou a mão por baixo dela, levantando-a para ele e apunhalando sua língua nela antes de abaixá-la novamente, movendo-se para olhar em seus olhos.

— Quero você.

— Então me leve.

Ele se curvou para beijar um mamilo antes de se levantar, praguejando enquanto tirava as calças.

Esmerelda engoliu em seco ao vê-lo ir até a lamparina e abaixar o pavio antes de soprá-lo, seu olhar foi atraído para seu pênis, maravilhada com a forma como se projetava para fora de seu corpo.

Sua boceta se apertou em antecipação de senti-lo dentro dela novamente, mas mais do que a fome física que sentia por ele, ela sentiu uma proximidade emocional que queria explorar.

Quando ele voltou para o colchão e cobriu seu corpo com o dele novamente, ela o alcançou prontamente, esperando que ele a beijasse novamente.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Duke cobriu sua boca com a dele e empurrou dentro dela, engolindo seu grito de prazer.

Deslizando a mão sob seu traseiro, ele a ergueu em suas estocadas, a sensação dele enchendo-a uma e outra vez, enviando-a subindo novamente.

Ele a beijou enquanto a tomava, às vezes rápido e então desacelerando, prolongando o prazer até que ela pensou que morreria disso.

Com um gemido, ele se moveu mais rápido, beijando-a profundamente enquanto empurrava dentro dela. Gritando, ela cravou os calcanhares na parte de trás de suas coxas e ergueu ele, apertando seu aperto em seus ombros quando ele gemeu e ergueu a cabeça.

Seu pênis subiu profundamente, e ele gemeu novamente, a sensação de seu pênis pulsando dentro dela desencadeando mais ondas de prazer.

Apertando a mão em seu traseiro, Duke rolou de costas, segurando-a envolta em seu corpo. Passando a mão por seu cabelo ainda úmido, ele se curvou para puxar as cobertas sobre ela.

— Vá dormir, Red. Amanhã estaremos na frente do pregador e você usará meu nome.

Esmerelda deu uma risadinha, erguendo a cabeça.

— Eu nem sei qual é o seu sobrenome.

Duke se acalmou e começou a rir.

— Faulkner. Amanhã, você será a Sra. Faulkner.

Entendendo que ele estaria pensando na primeira Sra. Faulkner, Esmerelda estendeu a mão para beijar seu queixo, sentindo-se mais perto dele do que nunca, tão perto que não conseguia conter seus sentimentos.

— Boa noite, Duke. Eu amo Você.

Capítulo Quatorze

Com as palavras dela da noite anterior ainda ressoando em seus ouvidos, Duke dirigiu uma das carruagens em direção a Tulsa, divertindo-se com o entusiasmo de Esmerelda.

A viagem levaria várias horas e, se ela não se acalmasse logo, estaria exausta quando chegassem lá.

Cada vez que ela olhava para ele, ela sorria com orgulho e estendia a mão para tocar a camisa que ela tinha feito para ele - uma camisa que se encaixava perfeitamente.

Embora a jornada até Tulsa pudesse ser bastante enfadonha, a trilha feita principalmente de campos de grama pontilhados com bosques de árvores, Esmerelda parecia encontrar prazer em tudo isso.

— É tão lindo aqui.

Eles se levantaram cedo e, depois do café da manhã, deixaram o rancho antes do nascer do sol.

O sol havia surgido no horizonte há pouco mais de uma hora e eles ainda tinham um longo caminho pela frente.

Phoenix dirigia a outra carruagem, e os outros que fizeram a viagem com eles cavalgaram.

Eb seguiu na frente, examinando a área.

Wyatt e Hayes cavalgaram atrás dele e de cada lado enquanto os outros os rodeavam.

Duke esquadrinhou a área também, mas o fez de uma forma que não alarmou Esmerelda.

Eles sabiam que Sparks e seus homens podiam emboscá-los e não queriam correr nenhum risco.

Eles também faziam essa rota a cada uma ou duas semanas e, quando o faziam, carregavam o dinheiro necessário para pegar os suprimentos.

Eb e Jeremiah temiam ser roubados um dia, já que suas viagens coincidiam com o horário do trem e eles se certificaram de que homens bem armados fossem junto.

À medida que se aproximavam cada vez mais de Tulsa, Duke percebeu que Esmerelda ficava mais quieta e tensa.

— Algo está errado?

Ela estremeceu como se estivesse perdida em seus próprios pensamentos.

— O quê? Oh. Não. Não há nada errado.

Ele se inclinou para perto, o barulho das tábuas tornando impossível para os outros ouvi-lo.

— Lembra o que eu disse sobre mentir? Casados à noite ou não, vou bater em seu traseiro.

Com um suspiro, ela virou a cabeça, os olhos arregalados de surpresa e desejo.

Para seu alívio, ela sorriu e se inclinou para ele.

— Se você está tentando me assustar, cowboy, você não está fazendo um bom trabalho.

Divertido com sua provocação, Duke ergueu uma sobrancelha.

— Oh? Você não está com medo de pensar em ficar de joelhos?

Ela corou, deliciando-o.

— Não dói.

Ele se aproximou novamente.

— Pode doer. Eu também posso bater na sua boceta.

Ela engasgou, corando mais profundamente. Depois de olhar apressadamente ao redor como se para ter certeza de que ninguém o tivesse ouvido, ela encontrou seu olhar novamente, puxando o chapéu para baixo.

— Você realmente não faria isso, faria?

Gostando da redação dela imensamente, Duke assentiu.

— Claro. Posso separar suas dobras e bater em seu clitóris. Ficará tão sensível que você não conseguirá pensar em mais nada pelo resto do dia.

Observando-a de perto em busca de qualquer sinal de reação, ele não pôde deixar de sorrir quando ela se mexeu na cadeira.

— Vejo que você gosta da ideia disso.

Esmerelda enrubesceu ainda mais, um pequeno sorriso curvando seus lábios.

— Não gosto.

— Mentirosa. — Estendendo a mão para pegar a mão dela, ele estudou suas feições. — Me diga o que está errado.

Para sua surpresa, ela enrolou a mão em torno da dele e apertou.

— Só estou pensando em Big Bill. O que ele fará. O que vai acontecer quando chegarmos a Tulsa. Desejando que minha família pudesse me ver casado. Pensando no que sofreram em suas mãos. Não entendo como os três permaneceram dentro de casa. O pai estava na cama, com dores, mas a mãe e o Freddie deviam ter conseguido sair.

Duke suspirou e apertou a mão dela, esperando nunca ter que contar tudo a ela.

— Red, eles não podiam escapar. A porta e as janelas estavam gradeadas.

Sem se surpreender com suas lágrimas, ele a puxou para perto, balançando a cabeça quando Phoenix e Hayes a olharam preocupados.

— Sinto muito, Red. Eu não queria te contar.

Assentindo, ela pressionou o rosto contra o ombro dele.

— Eu precisava saber. Obrigado por me dizer.

Endireitando-se, ela enxugou os olhos e olhou para frente.

— Big Bill tem muito a responder.

Duke inclinou a cabeça, as mãos coçando para torcer a garganta do outro homem.

— Isso ele tem. Lembre-se do que eu disse a você. Se o problema começar, quero que você saia da linha de fogo.

Ela tocou a faca que ele lhe dera para usar em uma bainha amarrada na cintura.

— Eu gostaria que você tivesse me deixado trazer meu rifle.

Duke forçou um sorriso, pensando em Sparks.

— Você tem homens armados suficientes ao seu redor para mantê-la segura. Além disso, você não está acostumado a lutar com o resto de nós, e não queremos que você atinja alguém acidentalmente se houver um fogo cruzado.

Duke se acalmou quando a nuca formigou, olhando para Fênix enquanto reduzia a velocidade dos cavalos, alarmado ao ver que Fênix também o fazia.

Eb, Wyatt e Hayes examinaram a área, suas armas em punho.

De repente, um tiro ecoou, vindo de um bosque de árvores.

Sacando sua própria arma, Duke passou um braço em volta de Esmerelda e quase a jogou na parte de trás da carrinha, esperando que os lados de madeira fossem o suficiente para bloquear qualquer bala.

— Abaix-se. Deite-se e não se mova. Nem mesmo levante a cabeça.

— Duke?!

O coração de Duke batia forte em seu peito, o medo por Esmerelda intensificando seus sentidos.

Phoenix parou a carruagem que dirigia e saltou entre eles um segundo antes de Duke.

— Droga. Eu posso senti-los. Onde diabos... Aí estão vocês, seus bastardos.

Duke seguiu o olhar de Phoenix, não vendo nada além de um brilho de luz.

— Duke?

— Fique abaixada, querida. Eles estão nas árvores. — Colocando sua arma no coldre, ele enfiou a mão embaixo do assento e agarrou o rifle escondido ali enquanto Phoenix fazia o mesmo.

Posicionando-se propositalmente entre onde Esmerelda estava deitada e os homens escondidos nas árvores, Duke viu Phoenix assumir a posição ao lado dele.

— Não posso dizer quantos são. O que diabos eles estão esperando?

Levantando o rifle, Duke mirou na direção de onde viera o primeiro tiro e puxou o gatilho.

O som de um grito abafado pôde ser ouvido antes que vários outros tiros ecoassem das árvores.

O som de tiros encheu o ar enquanto eles se concentraram em atirar onde viram os flashes da linha das árvores.

Com a longa prática, eles espaçaram seus tiros para que não ficassem sem balas ao mesmo tempo, cobrindo um ao outro para recarregar.

Depois de alguns minutos, Duke parou para recarregar e levantou a voz para que Phoenix pudesse ouvi-lo.

— Menos atiradores.

Phoenix disparou outro tiro e depois outro antes de olhar para ele.

— Conte cerca de quatro agora. *Merda*. — Phoenix se levantou e disparou vários tiros em rápida sucessão.

Imediatamente entendendo o que estava acontecendo, Duke rapidamente terminou e se levantou, atirando várias vezes para cobrir Eb, Hayes e Wyatt, que cavalgavam forte, correndo para a linha das árvores.

Adam e Conal se aproximaram de Duke enquanto Hart e Gideon cavalgavam em direção à linha das árvores, armas em punho, da direção oposta, deixando Duke e os outros atirando no meio.

Quando Eb e os outros desceram dos cavalos e correram para as árvores, eles tiveram que parar de atirar com medo de acertá-los.

Três tiros foram disparados e todos prenderam a respiração até que Eb e o outro apareceram novamente, mantendo os outros homens sob a mira de uma arma.

Phoenix soltou um suspiro e se levantou, sorrindo.

— Parece que eles pararam. É melhor eu levar a fivela para que possamos levá-la ao xerife.

Duke observou Phoenix e os outros cavalgando para pegar os homens feridos, colocando seu rifle em seu assento enquanto olhava para baixo por cima da lateral da carroceria.

— Está tudo bem, Red. Você pode sair agora.

— Duke?!

Seus olhos se arregalaram, seu coração em sua garganta quando viu que toda a manga dela estava coberta de sangue. Horrorizado, ele correu para trás e saltou.

— Red?

— Não quero que você fique chateado, mas acho que levei um tiro.

Capítulo Quinze

Esmerelda estendeu a mão para segurar o queixo pálido de Duke.

— Estou bem. Só dói e não consigo movê-lo.

Ele alcançou a faca que mantinha em uma bainha nas costas.

— Fique quieta. Tenho que cortar a manga para ver com o que estamos lidando.

— Isso queima mais do que dói. Parece que meu braço pesa uma tonelada e não consigo levantá-lo.

Segurando a ponta de sua manga pelo pulso, Duke a cortou por todo o braço.

— Quando você me chamou achei que estava apenas com medo.

— Seus lábios se firmaram quando ele guardou a faca e usou a única parte seca da manga para limpar o sangue. — Você poderia ter sangrado até a morte aqui sozinha.

Tocando seu ombro, ela forçou um sorriso.

— Eu não estava sozinha. Eu sabia que você estava perto. Era apenas meu braço, e eu sabia que você estava ocupado. — Ela olhou ao redor dele. — Parece que eles se foram.

Duke nem mesmo olhou para trás, concentrando-se no braço dela.

— Sim. Boas notícias, Red. É apenas um arranhão.

— Bom. — Fazendo uma careta, ela o viu agarrar a manga para arrancá-la. — Não se atreva!

Fazendo uma pausa, ele olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

— O quê?

— Eu acabei de fazer aquela camisa. Você não vai rasgar a manga.

— Ela estendeu o braço esquerdo. — Corte um pedaço do meu tecido. Meu vestido já está arruinado.

Balançando a cabeça, ele sorriu fracamente.

— Sim, senhora.

Ele rasgou a outra manga dela e a usou para fazer um curativo em seu ferimento.

— Vou buscar algumas bandagens e mais pomadas na cidade. — Levantando seu olhar para o dela, ele sorriu novamente, mas não alcançou seus olhos. — Parece que estou usando muita com você.

A memória de como ele o usou fez seu rosto queimar.

— Shh. Os outros estão próximos.

Eb parou o cavalo ao lado da carruagem, os olhos arregalados de terror.

— Que diabos?

Duke mal olhou para ele.

— A bala a acertou de raspão. — Ele terminou de amarrar a bandagem improvisada no lugar e olhou para os prisioneiros feridos. — Por que diabos eles estavam atirando nela?

Hart sorriu e puxou sua própria faca da bainha em sua cintura.

— Eu vou descobrir.

— Não! — Um dos homens, segurando seu ombro ensanguentado, balançou a cabeça freneticamente e apontou para Duke. — Eu não mirei nela!

Os olhos de Eb se estreitaram.

— Boa tentativa. Cristo, eu conheço mulheres que atiram melhor do que você.

Virando a cabeça, ele deu uma piscadela rápida para Esmerelda antes de se afastar. Duke se aproximou e manteve sua voz um sussurro.

— Não quer que ninguém saiba que você, Savannah e Maggie podem derrotar a maioria dos homens.

Um homem apareceu há um tempo para superar Savannah.

Atordoada, Esmerelda agarrou sua camisa. Duke agarrou seu queixo e deu um beijo rápido em seus lábios.

Duke passou a mão por seu braço bom.

— Você quer deitar aqui o resto do caminho para a cidade?

Erguendo o rosto para outro beijo, Esmerelda balançou a cabeça.

— Prefiro sentar com você.

Com um sorriso, Duke se levantou e ajudou-a a se levantar antes de pegá-la e colocá-la no assento novamente.

— Se mudar de ideia, me avise.

— Eu não vou.

Phoenix dirigiu a outra buckboard pelo resto do caminho para a cidade, mas com mais distância entre eles.

Wyatt, Hayes e Eb cavalgavam ao lado da outra carreta, suas armas apontadas para seus prisioneiros.

Apoiando a cabeça no ombro de Duke, Esmerelda sorriu.

— Estou bem.

— Eu sei.

Erguendo a cabeça, ela encontrou seu olhar.

— Você?

Com um suspiro, ele se curvou para tocar seus lábios em seu cabelo.

— Eu não quero que você se machuque.

— E eu não quero que você se preocupe tanto. Eu não sou ela.

Duke acenou com a cabeça, seus lábios se estreitando.

— Eu sei disso, mas se eu perder você...

— Você não está me perdendo, cowboy. Vamos para a cidade para que possamos nos casar antes que você mude de ideia.

— Eu não vou mudar de ideia, Red. Você já é minha.

* * *

O resto da viagem até a cidade transcorreu sem intercorrências, pelo que Duke ficou grato.

Apesar da tentativa de Esmerelda de tornar leve o que havia acontecido, ela empalideceu consideravelmente de dor e perda de sangue.

Assim que chegaram a Tulsa, Phoenix ficou atrás de Duke, com Eb assumindo a liderança enquanto se dirigiam para o escritório do xerife.

Os outros homens os cercaram por todos os lados, as mãos apoiadas nas armas em uma ameaça óbvia para qualquer um dos homens de Sparks que estivessem os observando.

Eb, Wyatt e Hayes amarraram seus cavalos e foram para o escritório do xerife, os ombros rígidos de fúria.

— Eles parecem loucos.

Duke sorriu com o eufemismo de Esmerelda.

— Eles são mais do que loucos, Red. Esses três levam para o lado pessoal quando alguém do Circle T se machuca, mas quando é uma das mulheres, todos no rancho ficam furiosos.

— Você ainda está bravo?

Com a aba do chapéu puxada para baixo, Duke ajudou Esmerelda a sair da carruagem, esquadrinhando as ruas em busca de qualquer sinal de Sparks ou outra ameaça de um de seus homens.

— Muito além disso, querida.

Adam e Conal amarraram seus cavalos ao lado dos outros, observando os arredores enquanto desciam a calçada de madeira até eles.

Adam se aproximou do outro lado de Esmerelda, seu olhar mudando constantemente.

— Você vai levá-la ao médico?

— Não. — Duke a puxou para mais perto. — Eu não conheço o novo doutor aqui. Eu quero esperar para voltar ao rancho e ter o doutor Stanton cuidando dela. Nesse ínterim, vou comprar uma garrafa de uísque e usá-la para limpá-la e obter alguns curativos e pomada no armazém geral.

Sua fúria girou dentro dele ao pensar na dor que isso causaria a ela, mas ele não podia arriscar uma infecção. Ele a abraçou pedindo desculpas pelo que estava por vir.

— Vou dar a ela um ou dois drinques para aliviar a dor. Espero que ela durma durante todo o caminho para casa.

Conal se encostou em um dos postes do outro lado do Duke.

— Eles vão ser um monte disso com os suprimentos. Eb e Jeremiah mantêm tudo bem abastecido.

Eb saiu do escritório do xerife novamente, com o xerife e seus ajudantes correndo para acompanhar seus passos largos. Ele caminhou pela calçada de madeira até a carreta que segurava seus prisioneiros enquanto Hayes e Wyatt circulavam do outro lado da rua.

O xerife de Tulsa olhou para os homens na carroceria.

— Cada um deles foi baleado.

Eb sorriu friamente.

— Estariam todos mortos, mas não tínhamos vontade de carregá-los. É o que acontece quando os homens são estúpidos o suficiente para tentar nos emboscar. Mexer com alguém do Circle T é uma boa maneira de se machucar.

Hayes abriu a traseira da carrinha, agarrou um dos ombros de um dos homens e puxou-o.

— Sair. Você está derramando sangue por todo o lugar.

O xerife acenou para seus assistentes.

— Algeme-os, coloque-os em uma cela e vá buscar o médico.

Endireitando-se em toda a sua altura, o xerife ainda teve que olhar para cima para encontrar o olhar penetrante de Eb.

— A última vez que ouvi falar, Sparks estava no salão. Não sabia por que ele veio para Tulsa, mas sinto muito pelo que ele fez.

Os olhos de Eb lançaram faíscas e, com um gesto raivoso de mão, ele gesticulou em direção a Esmerelda.

— Eles atiraram em uma mulher, uma mulher do Circle T. — Seus olhos congelaram. — Dê uma boa olhada naquela mulher porque ela pertence ao Circle T. Se ela vier para Tulsa e conseguir algo como uma farpa, eu o considero responsável.

O xerife se virou lentamente, olhando para cada um deles.

— Eu entendo você, mas não quero problemas na minha cidade.

Com o último dos homens algemados, Wyatt fechou a parte de trás da fivela.

— Talvez você devesse prestar um pouco mais de atenção ao que está acontecendo em *sua cidade* e não haveria nenhum problema.

Duke ouviu a conversa deles com meio ouvido, continuando sua própria conversa com Adam, Conal e Phoenix.

— Eu preciso pegar um anel, encontrar o pastor e pegar o uísque.

Hayes se aproximou, encostado no outro lado da carroceria, apontando para a loja atrás deles.

— Aquela loja ali vende anéis de casamento.

Eb acenou com a cabeça.

— Vá lá e pegue o anel de casamento. Hayes e Wyatt ficarão com você. Phoenix, Adam e Conal podem ir encontrar o pregador e colocá-lo na igreja. Hart, Gideon e eu vamos lavar o carro e encontrar você lá. Eu não quero ninguém sozinho. Mantenha seus olhos abertos. Segundo o deputado, Sparks está aqui com pelo menos seis homens.

Divertido com a confiança de Eb em latir ordens, Duke não pôde deixar de ficar impressionado com sua meticulosidade.

Depois de comprar a pequena aliança de ouro, Duke dirigiu a fivela em direção à igreja.

Wyatt sentou-se no assento do outro lado de Esmerelda enquanto Hayes cavalgava na parte de trás, procurando por qualquer sinal de problema.

Duke cavalgava com a pistola em uma das mãos e as rédeas na outra, o que não deixava uma mão livre para Esmerelda, que empalideceu ainda mais.

Ele conseguiu estancar o fluxo de sangue, mas as feições pálidas dela e a maneira como ela segurava o braço diziam que ela ainda sentia uma dor considerável.

Ela não reclamou, porém, e nem chorou.

Ele dirigiu lentamente pela rua de terra acidentada, não querendo empurrá-la mais do que o necessário.

Ao se aproximar da igreja, ele viu um homem em um dos telhados e, pelo canto do olho, viu outro homem do outro lado da rua, ambos apontando rifles para eles.

Tudo o que aconteceu parecia ter acontecido em câmera lenta, mas aconteceu em uma fração de segundo.

Erguendo a pistola, ele apontou para o homem à direita enquanto se inclinava sobre Esmerelda para protegê-la de levar um tiro do homem à sua esquerda.

Assim que ele puxou o gatilho, mais dois tiros soaram, Wyatt atirando no homem da direita enquanto Hayes cuidava do da esquerda.

Nenhum dos homens de Sparks havia conseguido acertar um tiro.

Quando mais três tiros foram disparados, Duke girou em seu assento, protegendo o corpo de Esmerelda com o seu enquanto procurava freneticamente a origem do tiroteio.

Ele não teve que procurar muito.

Eb, Hart e Gideon estavam parados mais adiante na rua, suas armas ainda fumegando enquanto observavam os três homens que atiraram caindo dos telhados.

Hayes resmungou.

— Apenas Sparks e mais um para terminar.

Observando as portas do salão enquanto eles passavam, Duke manteve suas costas pressionadas contra Esmerelda enquanto Wyatt fazia o mesmo do outro lado.

Quando o xerife veio correndo na direção deles, Eb gesticulou na direção dos homens espalhados pela rua, levantando a voz para ser ouvido.

— Há mais para você limpar.

Duke incitou os cavalos à frente enquanto Eb, Hart e Gideon se aproximavam, olhando para Esmerelda, que empalideceu ainda mais.

— Você está bem, Red?

Assentindo, ela esquadrinhou a rua.

— Tudo isso é por minha causa. — Wyatt balançou a cabeça.

— Homens adultos tomam suas próprias decisões. Nada disso tinha que acontecer. Tudo é culpa do Sparks.

Quando o xerife de Tulsa se aproximou, com o rosto vermelho de tanto correr, ele olhou para Eb.

— Eu deveria prender você e seus homens agora.

Eb sorriu friamente.

— Tente.

Duke escondeu um sorriso quando o xerife resmungou algo baixinho e recuou.

A tensão no ar poderia ser cortada com uma faca enquanto cavalgavam o resto do caminho para a igreja.

Com Hayes e Wyatt montando guarda do lado de fora, Duke e Esmerelda se casaram, com os outros como testemunhas.

— Pode agora beijar a noiva.

Esmerelda ergueu o rosto para o beijo de Duke, sorrindo com a satisfação brilhando em seus olhos. Erguendo o braço ileso, ela espalmou a mão em seu peito.

— Você é meu marido agora.

Duke sorriu.

— E você é minha esposa.

Esmerelda se viu envolvida em um turbilhão de abraços e votos de parabéns antes de se ver nos braços de Duke novamente.

Segurando-a firmemente contra o seu lado, Duke olhou para Eb.

— Vamos dar o fora daqui. Eu quero encontrar Sparks.

Eles deixaram a igreja com pressa e cavalgaram juntos de volta à cidade, parando em frente ao salão.

Duke deu um tapinha na perna dela, sua expressão tensa de raiva.

— Fique aqui, Red. Eu volto já.

Hayes, Wyatt e Eb entraram no salão com ele, deixando Esmerelda do lado de fora com os outros.

— Eu estou assustada.

Phoenix se aproximou, sorrindo para ela.

— Não se preocupe, nenhum. Duke cuidará de Sparks e podemos seguir nosso caminho.

— Eu queria matá-lo. — Surpresa por ter falado em voz alta, ela abaixou a cabeça. — Não é uma coisa muito elegante de se dizer, não é? — Ela lançou um olhar furtivo para ele, surpresa ao encontrá-lo sorrindo ternamente.

— Eu não posso dizer que é elegante ou não. É honesto. Não posso dizer que te culpo. Se alguém fizesse isso com minha família, eu não descansaria até que o fizesse pagar.

Ela se virou quando as portas do salão se abriram novamente para ver Duke emergir, parecendo furioso.

— O que aconteceu?

Duke sentou-se na carrinha ao lado dela, colocando a garrafa de uísque que ela não tinha notado sob o assento.

— Não está lá. Ele tem que estar aqui em algum lugar.

Eb montou em seu cavalo e olhou em volta.

— Provavelmente foi embora quando percebeu que seus homens se foram e ele perdeu.

Duke fez uma careta e sacudiu as rédeas para colocar os cavalos em movimento.

— Eu não confio nele. Se ele não estiver aqui, vou procurá-lo.

Hayes caminhou ao lado da carrinha em direção ao armazém geral.

— Não posso dizer que te culpo. Eu faria o mesmo. Só não saia pela metade por conta própria. Assim que ele voltar para Okmulgee, ele contratará mais homens.

Phoenix deu uma risadinha.

— Se eles forem parecidos com os que ele contratou desta vez, não serão uma grande ameaça.

A mandíbula de Duke se apertou.

— Eles conseguiram acertar a Red.

Lutando para esconder a dor do braço em chamas, Esmerelda forçou um sorriso na tentativa de acalmar Duke.

— Estou bem.

Decepcionada por não ter encontrado Big Bill, ela continuou olhando em volta em busca de qualquer sinal dele.

Ela odiava a ideia de deixar Tulsa sem um confronto com Big Bill.

— Eu pensei que você estava errado antes, mas a ideia de deixar Tulsa sem enfrentar Big Bill me deixa nervosa.

Duke deu um tapinha em sua coxa, seu sorriso tenso.

— Não se preocupe, Red. Vou rastreá-lo. Quero acabar com isso o mais rápido possível.

Ele puxou os cavalos e saiu, estendendo a mão para ela.

— Nós vamos carregar algumas coisas. Quer entrar e dar uma olhada? Esticar um pouco as pernas?

Assentindo, ela se levantou e foi em direção a ele, sorrindo novamente quando as mãos dele se fecharam em sua cintura e ele a ergueu.

— Gostaria disso. — Ela olhou para os outros. — Onde estão Hart e Gideon?

Hayes riu disso.

— Foram à estação de trem para ver se alguma noiva por correspondência veio até aqui.

Curiosa, Esmerelda ergueu os olhos para Duke, surpresa ao encontrá-lo também sorrindo.

— O que há de tão divertido nisso?

Envolvendo um braço em volta dela, Duke a conduziu escada acima até a calçada de madeira e dentro do armazém geral.

— Hart e Gideon não tem nenhum problema de ser pego em um tiroteio, mas o pensamento deles se apaixonando por uma das noivas por correspondência os assusta pra caralho. Essa é uma das razões pelas quais eles nunca vêm para Tulsa.

Uma vez dentro da loja, Esmerelda se virou para ele, erguendo o braço ileso e colocando a mão em seu peito, olhando para o modo como a luz da janela fazia seu anel de casamento brilhar.

— E você?

Olhando para ele através de seus cílios, ela prendeu a respiração. Duke franziu a testa.

— Quanto a mim?

O rosto de Esmerelda queimou.

— Você tem medo de se apaixonar?

Segurando seu queixo, Duke ergueu seu rosto para ele, seus olhos brilhando.

— Red, eu já estou apaixonado. Pensei ter te contado isso.

Pensando bem, Esmerelda sorriu.

— É isso que você estava tentando me dizer quando me contou sobre Mary?

— Sim. — Duke a puxou para perto, esfregando suas costas. — Acho que não sou muito bom com as palavras, mas era o que estava tentando dizer.

Ele parecia mais do que um pouco desconfortável e olhou ao redor.

— Falaremos sobre isso quando estivermos sozinhos. Fique fora do caminho para não ser empurrada.

Com um sorriso no rosto, Esmerelda olhou ao redor da loja, maravilhada com a variedade de itens que ela nunca poderia ter encontrado em Okmulgee. Localizando a exibição dos sabonetes de Maggie, ela sorriu ao ver que apenas dois restavam e soube que Eb havia trazido mais com ele - os que ela ajudara a fazer.

Ela deslizou a mão sobre um dos parafusos de material, espantada com o número de parafusos alinhados contra a parede.

Olhando para trás, ela viu os homens fazendo várias viagens para os buckboards com suprimentos de uma forma que lhe disse que eles tinham feito isso muitas vezes antes.

Ela fez uma pausa quando viu Duke e Eb carregando uma cabeceira, seu estômago revirando com a ideia de ter uma cama de verdade, incapaz de conter um sorriso quando viu Phoenix andando atrás deles carregando o que parecia ser um colchão de pena de ganso e travesseiros.

Vendo as latas de pomada em uma parede perto dos fundos, Esmerelda se moveu em direção a eles, perguntando-se quantas Duke gostaria de comprar.

Alcançando-os com seu braço bom, ela se viu girando, uma mão envolvendo seu ferimento em um aperto que doía tanto que ela temia desmaiar.

Ela não tinha percebido o grito, mas de repente se viu puxada para trás contra uma barriga maciça enquanto os homens do Circle T corriam para ela, armas em punho.

Ao ouvir o clique de uma arma sendo engatilhada perto de seu ouvido, Esmerelda congelou, lágrimas de dor escorrendo pelo rosto.

— Ela é minha.

A combinação de dor e cheiro de uísque fez seu estômago embrulhar, mas Esmerelda respirou fundo várias vezes para conter a náusea.

Big Bill.

Duke deu um passo à frente, olhando para ela, mas mantendo sua atenção no homem segurando uma arma em sua cabeça.

— Receio que não, Sparks. Eu me casei com ela há uma hora.

— Não importa. Você estará morto em alguns minutos. Largue essas pistolas.

Os olhares de raiva nos rostos dos outros homens enquanto baixavam as pistolas ao chão fez com que Esmerelda se sentisse menos sozinha.

Olhando nos olhos de Duke, ela falou com Big Bill.

— Eu vi esses homens em ação. De jeito nenhum você vai fugir!

— Sou eu que estou com a arma apontada para a sua cabeça, Esmerelda. Chute aquelas pistolas aqui.

Duke lançou a ela um olhar sombrio.

— Cale a boca, Red.

— Red? — Big Bill riu friamente. — Combina com ela. Aposto que ela tem fogo na cama para combinar com aquele cabelo ruivo. Vou ter que ver por mim mesmo.

Quando eles chutaram as pistolas na direção deles, Big Bill os chutou para o lado, um por um, sob uma prateleira baixa.

Duke deu mais um passo à frente, seus olhos disparando fogo, parando abruptamente quando Big Bill pressionou a arma contra sua têmpora com força suficiente para fazê-la gritar.

— Você não vai fugir com ela!

— Você está errado sobre isso.

Apertando o braço de Esmerelda com mais força, ele a manteve na frente dele enquanto ele lentamente abria caminho em direção à porta. — Sou eu quem está segurando a arma.

O medo alimentou a raiva de Esmerelda pelo que ele já havia feito, e ela lentamente baixou a mão para a faca em sua cintura.

— Você matou minha família.

Big Bill foi até a porta e puxou-a para fora, mantendo-a entre ele e os homens do Circle T.

— Seu pai pensou que poderia me dever dinheiro e não me dar o que eu queria. Pare de arrastar seus pés. Vamos para casa e você vai se casar comigo. Todo mundo já está esperando lá fora. Nem pense em ir atrás daquelas pistolas.

Esmerelda reprimiu um grito quando ele recuou na carruagem, a jarra em seu braço tão dolorida que trouxe mais lágrimas aos olhos.

— Eu moro no Circle T.

— Não mais.

Duke ficou na frente dos outros quando eles saíram da loja, e ela sabia que era porque ele ainda estava armado como se estivesse usando suas pistolas.

— Você a mata e não será capaz de se casar com ela.

A tempestade de horror em seus olhos disse a Esmerelda que seus pensamentos estavam em outra época, quando ele não tinha sido capaz de salvar sua esposa e seu medo de não ser capaz de salvá-la.

Big Bill baixou a arma para o lado dela.

— Eu posso atirar nela em outro lugar. — Esmerelda sabia o quão rápido Duke poderia ser com suas facas, e ela só tinha que lhe dar uma oportunidade. Fechando a mão sobre a faca em sua cintura, ela olhou diretamente nos olhos de Duke em um esforço para alertá-lo sobre o que ela faria.

Inclinando levemente a cabeça, ele flexionou a mão e ela sabia que ele estava se preparando.

Ela lentamente tirou a faca da bainha, o coração batendo forte na garganta.

Olhando diretamente nos olhos de Duke, ela sorriu.

— Eu amo você. Eu confio em você. — Os olhos de Duke brilharam, e ele inclinou a cabeça novamente, sua mandíbula cerrada. Raiva pelo que Big Bill fez à família dela e pela dor em seu braço deu a ela a força que ela precisava para se mover.

Virando-se abruptamente, ela o esfaqueou na barriga, gritando quando ele rosnou e bateu a mão dela, a faca ainda nele. Agarrando-a pelos cabelos, ele começou a levantar a arma novamente.

Em pânico, Esmerelda avistou a garrafa de uísque que rolara para baixo do assento, agarrou-a e derrubou-a com força sobre sua cabeça.

Ao mesmo tempo, uma faca e depois outra voaram pelo ar, atingindo Big Bill na mão que segurava a arma e depois em sua garganta.

Vários tiros soaram de algum lugar perto dela, um braço duro envolvendo sua cintura e puxando-a para trás, no momento em que a explosão do cano acendeu o uísque que cobria Big Bill.

Duke correu para frente, agarrando-a e mantendo seu corpo entre o dela e Big Bill, que gritava em agonia enquanto queimava.

Segurando-a com o rosto pressionado contra o peito, Duke cobriu a outra orelha para bloquear os gritos do Big Bill.

— Eu tenho você, querida. Apenas me escute. Ele se foi agora. Ele entendeu o que estava acontecendo com ele.

Depois de vários minutos, ele a soltou apenas o suficiente para levantar seu rosto e pesquisar seus traços.

— Lamento que você tenha que ver isso.

Esmerelda acenou com a cabeça, o cheiro de carne queimada fazendo seu estômago revirar novamente. — Parte de mim está feliz por eu ter feito parte disso, e a outra parte está doente com isso. Eu ouvi seus gritos e imaginei minha família.

— Eu sei, Red. Eu sei. Acabou agora. Eles não estão mais com dor.

— Ela está bem? Cristo, o braço dela está sangrando muito. Quer que eu chame o médico? — A voz de Gideon veio de trás dela, dizendo a ela que ele foi o único para puxá-la para longe.

Ela encontrou o olhar de Duke novamente, levantando o braço bom para segurar seu queixo.

— Não. Meu marido pode cuidar de mim. Ele faz isso muito bem.

Segurando-a contra ele novamente, Duke enterrou o rosto em seu pescoço.

— Se alguma coisa acontecer com você...

— Não vai. Você vai continuar me salvando.

Erguendo a cabeça, ele olhou para ela, enxugando as lágrimas de seu rosto.

— Você quis dizer o que disse?

— Que eu te amo?

Mantendo seu olhar no dela, ele balançou a cabeça lentamente.

— Sim. Você quis dizer isso ou estava apenas dizendo isso?

Sorrindo, ela passou o polegar sobre o lábio inferior.

— Eu quis dizer isso. Não tenho permissão para mentir para meu marido.

O sorriso de Duke fez seu coração bater mais rápido.

— Algo me diz que você não vai se lembrar disso.

— Eu confiei em você para me salvar. Eu sabia que você iria.

— Eu sei disso, e ainda me rouba o fôlego. — Duke fez uma careta, uma memória indo e vindo em seus olhos. — Você era forte o suficiente para não desmoronar e me ajudar, sabendo que se eu não fosse preciso com minha faca, se eu não jogasse rápido o suficiente, ele poderia ter matado você.

Sorrindo para ele, Esmerelda piscou para conter as lágrimas.

— Eu sabia que você me salvaria. Aposto minha vida nisso. Eu te amo, Duke.

— E te amo. Inferno, eu pensei que sabia o que era amor. Eu não fazia ideia.

Com o coração quase explodindo, Esmerelda se apoiou nele.

— Agora você tem. Nós dois temos.

Eb apareceu ao lado deles.

— Que tal você cuidar do braço dela e deixá-la bem e bêbada enquanto terminamos de carregar as tábuas? Não sei sobre você, mas estou pronto para ir para casa. — Ele olhou para o braço de Esmerelda e fez uma careta, seus olhos ficando frios novamente. — Era para ser uma surpresa, mas enquanto estivermos longe do rancho, eles vão colocar sua porta e venezianas. Você poderá dormir em sua nova casa esta noite.

Esmerelda sorriu.

— Obrigada. Mal posso esperar para chegar em casa. Vamos. — Esmerelda gesticulou em direção ao braço dela. — Eu sei que isso vai doer como o diabo, e eu quero acabar com isso. Nunca fiquei bêbado antes.

Duke riu e passou um braço ao redor dela.

— Com o dia de casamento que tivemos, é apenas adequado para mim ter uma esposa bêbada em nossa noite de casamento.

Epílogo

Esmerelda caminhou até o marido, aproveitando o mergulho nas águas mornas da nascente.

A necessidade a agarrou quando ela o viu, seu cabelo agora comprido penteado para trás por ter nadado. Sentado em uma das pedras lisas, ele se sentou fundo na água, recostando-se, seus braços musculosos descansando nas pedras de cada lado dele enquanto a observava de perto.

Um leve sorriso curvou seus lábios quando ela se aproximou.

— Está se divertindo?

— Sim! — Aproximando-se, ela apoiou as mãos nas coxas dele e ergueu o rosto dela por seu beijo. — Você?

Sentando-se ligeiramente, ele fechou as mãos na cintura dela e puxou-a lentamente para seu colo para montá-lo.

— Há algo sobre ver minha esposa nua que me deixa todo agitado.

Deslizando a mão sobre seu abdômen inchado, ele estreitou os olhos nos dela.

— Você está se sentindo bem?

Nunca capaz de resistir ao desejo de provocá-lo, ela sorriu e esfregou os seios contra seu peito.

— Eu estava pensando sobre a primeira vez que você me trouxe aqui e eu fiquei com essa dor.

Estreitando os olhos ainda mais, ele deslizou as mãos para os seios.

— Que tipo de dor?

Fechando as mãos em seus ombros, ela se arqueou para empurrar os seios com mais firmeza em suas mãos tortuosas.

— Fica pior quando você faz isso.

— Será? — Envolvendo seus braços ao redor dela, ele inclinou-se ligeiramente para trás e tocou seus lábios nos dela. — Não podemos ter isso. — Ele aprofundou seu beijo, a fome nele inconfundível.

Ela separou as pernas, um encorajamento silencioso, e ele imediatamente respondeu, sua fome aparentemente sem fim de beijá-la aquecendo seu sangue ainda mais.

Engolindo seus gemidos, ele a beijou com uma fome que a deixou tonta, alimentando sua própria necessidade por ele.

Levantando a cabeça ligeiramente, ele olhou em seus olhos.

— Talvez você deva me mostrar exatamente onde está essa dor para que eu possa cuidar dela.

A diversão em seus olhos a desafiava a mostrar a ele, sua necessidade de intimidade lentamente, mas constantemente corroendo sua timidez.

Para não ignorar o desafio, ela fechou a mão ao redor do pulso dele e o puxou para o seio.

— Dói aqui.

— Será?

Curvando-se, ele tocou seus lábios em seu mamilo.

— Aqui?

Esmerelda gritou quando ele pegou o mamilo entre os lábios e usou a língua para chupar suavemente, balançando-se contra ele.

— Duke!

Erguendo a cabeça, ele a segurou com firmeza e olhou em seus olhos.

— Seus mamilos estão mais sensíveis agora, não estão?

— Deus, sim!

Abaixando a cabeça novamente, ele voltou sua atenção para o outro seio.

— Dói aqui também?

O deslizar de sua língua sobre seu outro mamilo a fez se contorcer ainda mais, a sensação do pau duro contra o traseiro inflamando-a ainda mais.

Sua boceta apertou incessantemente com a necessidade de ser preenchida.

— Por favor!

Levantando a cabeça, Duke sorriu e recostou-se novamente.

— Tem alguma outra dor que eu preciso saber?

— Você é um homem mau. Eu não acho que você deveria provocar uma mulher na minha condição.

Ele deslizou a mão sobre seu abdômen inchado, onde seu bebê crescia.

— Mesmo? Então você quer que eu provoque outra mulher?

Ela deu um tapa nele de brincadeira.

— Faça isso e eu atirarei em você e nela. Leve-me agora, droga!

Levantando uma sobrancelha, ele a ergueu e lentamente a abaixou, empalando-a em seu pênis.

— Isso é jeito de falar com seu marido?

Agarrando seus ombros novamente, Esmerelda gemeu enquanto ele lentamente a enchia.

— É quando ele não me dá o que eu quero.

Fechando as mãos nos quadris dela, ele começou a movê-la para cima e para baixo em seu pênis.

— Você está ficando mimada, Red.

Usando os joelhos como alavanca, ela se moveu no ritmo de suas estocadas.

— É sua culpa.

Duke sorriu com isso, gemendo quando sua boceta apertou nele.

— Verdade. — Empurrando mais rápido, ele agarrou as bochechas de seu traseiro. — Eu posso precisar bater em você com mais frequência.

Cravando as pontas dos dedos nos músculos rígidos que cobriam seus ombros, Esmerelda gemeu novamente enquanto o prazer crescia.

— Isso não é exatamente uma ameaça, cowboy. Oh Deus. Isso é tão bom.

— Sim. É verdade. Segure-se em mim, Red.

Duke se moveu mais rápido, empurrando nela uma e outra vez, levando o prazer fervente a uma fervura que não podia ser contida.

Gritando, ela fechou os olhos com força e deixou que ele a tomasse, confiando nele implicitamente para levar os dois para o mundo de prazer que ele havia mostrado a ela.

Muito mais cedo do que ela esperava, seu corpo apertou quando seu orgasmo a invadiu.

Duke gemeu e empurrou dentro dela várias vezes mais antes de afundar profundamente, seu pênis pulsando profundamente dentro dela.

— Droga. — Segurando-a perto, sua respiração áspera, ele a moveu em seu pênis. — Eu nunca quis tanto alguém assim. É uma fome que nunca para.

Emocionada que ele obtivesse tanto prazer dela, ela esfregou a bochecha contra seu ombro.

— Bom. Eu também nunca quis assim.

Rindo, Duke passou as mãos nas costas dela.

— Você era virgem, Red. Só minha. — Deslizando a mão ao redor de sua barriga, ele roçou o polegar sobre seu abdômen. — Tudo certo?

Erguendo a cabeça, ela sorriu para ele.

— Está tudo bem. Eu perguntei a Maggie, Savannah e Sarah, e todas elas disseram que não há perigo nisso. — Soltando um suspiro, Duke se recostou, passando a mão em seu cabelo molhado. — Eu sei. Eu perguntei também. Não queria correr o risco de machucar você ou o bebê.

Sentando-se, Esmerelda o estudou com os olhos semicerrados, contendo um sorriso.

— E onde você planejou obter o seu prazer?

Duke ergueu uma sobrancelha.

— Acho que já mostrei outras maneiras de darmos prazer um ao outro. Parece uma lição que vale a pena repetir.

Sorrindo com a lembrança de tais aulas, Esmerelda passou os braços em volta do pescoço dele, brincando com as pontas de seus cabelos.

— Talvez sim. — Fazendo beicinho, ela esfregou os seios contra o peito dele. — Eu posso ter esquecido.

Duke sorriu para isso.

— Ficar grávida afeta sua memória? — Esmerelda encolheu os ombros e endireitou-se, levantando-se de seu pênis e movendo-se

longe dele novamente, com a certeza de que ele iria persegui-la. Ela se inclinou para trás para nadar para longe dele, um desafio que ela sabia que ele não pude resistir. Com seus seios e barriga visíveis acima da água, ela suspirou.

— Pode ser. Se for assim, a culpa também é sua.

Seus olhos brilharam, seus músculos se contraíram quando ele saltou em direção a ela.

— Com certeza, a culpa é minha.

Suas mãos deslizaram sob ela, segurando-a flutuando na superfície, seu olhar passando por ela.

— Você é toda minha, Red.

— Sim, eu sou. E você é todo meu.

Duke sorriu com isso e a ergueu contra ele.

— Eu sou mesmo. Vamos, Red. Logo escurecerá e você precisa comer.

Envolvendo os braços em volta do pescoço dele, ela beijou sua mandíbula enquanto ele a carregava da fonte.

— Talvez esta noite você possa me lembrar de todas as maneiras pelas quais podemos dar prazer um ao outro.

Duke saiu da fonte e lentamente a colocou de pé.

— Isso, minha querida esposa, seria um prazer.

Fim